

A close-up photograph of a man's face and upper torso. He is wearing a black leather motorcycle jacket over a black turtleneck sweater. He is smiling, showing his teeth. The background is a plain, light-colored wall.

MEU ENVOLVENTE

Professor

SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 1

JUJU FIGUEIREDO



MEU ENVOLVENTE
Professor
SÉRIE ENVOLVENTE - LIVRO 1

1º Edição

Juju Figueiredo

Copyright © Juju Figueiredo

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Capa: Mari Sales

Revisão: Thaynara Santos

Diagramação Digital: Juju Figueiredo

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[SINOPSE](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[BRUNA](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[BRUNA](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[FELLIPO](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[BRUNA](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[BRUNA](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[BRUNA](#)

[CAPÍTULO 7](#)

BRUNA

CAPÍTULO 8

BRUNA

CAPÍTULO 9

BRUNA

CAPÍTULO 10

BRUNA

CAPÍTULO 11

BRUNA

CAPÍTULO 12

BRUNA

CAPÍTULO 13

BRUNA

CAPÍTULO 14

FELLIPO

CAPÍTULO 15

BRUNA

CAPÍTULO 16

BRUNA

BÔNUS JEFERSON

CAPÍTULO 17

BRUNA

CAPÍTULO 18

FELLIPO

CAPÍTULO 19

BRUNA

FELLIPO

CAPÍTULO 20

FELLIPO

CAPÍTULO 21

FELLIPO

CAPÍTULO 22

BRUNA

FELLIPO

CAPÍTULO 23

BRUNA

CAPÍTULO 24

BRUNA

CAPÍTULO 25

FELLIPO

CAPÍTULO 26

BRUNA

CAPÍTULO 27

FELLIPO

BRUNA

CAPÍTULO 28

FELLIPO

BRUNA

FELLIPO

BRUNA

CAPÍTULO 29

BRUNA

FELLIPO

EPÍLOGO

BRUNA

NO PRÓXIMO LIVRO...

MEU JUIZ ENVOLVENTE

LIVRO 2 – SÉRIE ENVOLVENTE

PRÓLOGO

EDUARDA

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

OUTRAS OBRA



Sinopse

Desde que começou a graduação em Administração, Bruna tem um objetivo: Provar para o seu pai que pode viver sem depender da herança que ela tinha a receber.

Agora em seu último ano de faculdade, quando as coisas estão encaminhadas, ela se depara com uma situação que não estava em seus planos. Seu orientador é afastado do cargo após um acidente e ela se vê obrigada a trocar de professor.

O que ela não esperava era que seu novo orientador despertasse nela desejos intensos e reações inesperadas.

Bruna tenta resistir, mas se envolver com seu professor vai além do que ela podia imaginar, e isso pode fazer com que feridas do passado sejam reabertas e novas feridas surjam nesse caminho.

“Ela não queria, mas era impossível não se envolver.”



Nota da Autora

A série Envolvente é composta por 5 livros que relatam as profissões, cada livro contará a história de um casal, podendo ser lidos separadamente.

SÉRIE ENVOLVENTE

Livro 1 – Meu Envolvente Professor

Livro 2 – Meu Juiz Envolvente

Livro 3 – Meu Médico Envolvente

Livro 4 – Meu policial Envolvente

Livro 5 – Meu Chefe Envolvente



Epígrafe

Conheci o amor

Só de te olhar

Tava quase congelando

Você veio pra esquentar

Conheci o amor

E ele me fez ver

Que eu voei tempo demais

Deixa eu pousar em você.

Gustavo Miotto – Contramão



Capítulo 1

Bruna

“Não faz mal se eu atrasei

Se mil desculpa inventei

O trânsito estava infernal

Mas falar isso pega mal”

Gabriel Oliveira – Atraso

Droga!

Foi a primeira coisa que eu pensei ao olhar a hora no meu celular e constatar que estava super atrasada. Isso não podia estar acontecendo, pelo menos hoje não. Corri pelo meu quarto parecendo uma louca, mas eu precisava encontrar minha bendita sapatilha que joguei em algum canto ontem à noite. Quando finalmente encontrei o bendito calçado e o calcei, peguei minha bolsa e as chaves do meu carro. Eu estava torcendo, mesmo que

isso fosse impossível, para que não houvesse engarrafamento pelo caminho.

Saí do meu quarto e encontrei a Tati sentada no sofá, assistindo televisão com uma xícara, que eu presumi ser de café, em sua mão.

— Atrasada? — Ela perguntou sem tirar o olho do noticiário.

— Sim! Como isso pode acontecer? — Falei.

— Talvez seja porque você foi dormir tarde?

— Isso nunca tinha acontecido antes.

— Sempre tem uma primeira vez. — Ela disse virando para me olhar. — Acho melhor você correr.

Saí sem respondê-la, eu precisava chegar na faculdade em tempo recorde hoje.

O elevador demorou um ano para chegar no décimo andar e mais um ano para chegar na garagem.

Entrei no meu CrossFox vermelho e sai quase voando da garagem, mas dentro da velocidade permitida, Deus me livre levar uma multa, não precisava de mais esse problema em minha vida.

Percorri as ruas de São Paulo pensando em como seria esse novo orientador. Eu não queria mudar de orientador, mas depois que o Sr. Carlos se afastou do seu posto de professor por causa do acidente que sofreu há duas semanas, não tive escolha se não aceitar a ordem do reitor do Instituto.

O principal fato para eu não querer a troca era por que eu já tinha uma trajetória de trabalhos e projetos com o meu orientador. Foi ele quem me deu um norte após eu ter entrado na faculdade. Não o ter como orientador era como se eu o estivesse o traindo.

Que exagero, Bruna. Minha mente falou, mas era verdade. Ele foi um dos principais responsáveis pelo que eu me tornei hoje e eu sou grata a ele por isso.

Mas em um telefonema há três dias, ele me falou que havia encontrado o substituto perfeito e que lamentava não poder continuar me orientando. Perguntei sobre o tal substituto e ele me disse que foi um aluno dele no mestrado e que ele seria a pessoa ideal para me orientar dentro do ramo da economia no setor do Sistema Financeiro Nacional. Quando meu professor falou o nome dele eu mal acreditei, tive que me sentar.

Fellipo Vitale seria meu orientador substituto. Nem precisei pesquisar sobre ele, ele era uma das minhas inspirações, formado em administração, mas com pós, mestrado e doutorado dentro da área da economia. Em quatro artigos que escrevi eu citei trechos do seu livro, *A evolução do mercado de crédito: Uma análise entre países subdesenvolvidos e desenvolvido*.

Pelo que sei dele, ele era um brasileiro que tinha pais italianos e quando tinha 5 anos de idade foi morar novamente na Itália e lá se formou e desenvolveu sua carreira.

Em uma entrevista que deu recentemente ele disse que viria para o Brasil realizar uma pesquisa para seu novo artigo.

Eu só não imaginava que ele viraria meu orientador.

Se eu estava pirando com isso? Provavelmente. Mas eu não podia demonstrar, precisava mostrar profissionalismo, competência e responsabilidade.

Responsabilidade. Minha mente gritou, isso me lembrava que eu estava 10 minutos atrasada.

Por que isso tinha que acontecer comigo?

Respirei fundo e entrei no estacionamento da faculdade. Parece que Deus queria me ajudar, pois peguei pouco trânsito.

Sai do carro quase correndo, acionei o alarme no meio do caminho. E corri em direção a sala que ele havia especificado no e-mail que havia me mandado ontem à noite.

— Bruna! — Me assustei quando vi Jeferson aparecendo em minha frente de repente.

— Jeferson, agora não. Estou atrasada, depois conversamos.

— Um minuto, Bruna, por favor.

Ele me olhou com a cara do gato de botas do Sherek. Olhei a hora no relógio e suspirei.

— Um minuto. — Falei.

— A Tati ainda está com raiva de mim?

— Sim. — Me limitei a falar.

— Merda! — Ele falou colocando a mão na cabeça. — Pede para ela atender minhas ligações, por favor.

— Jeferson, não é assim. — Eu não deveria fazer isso, mas era pro bem da minha amiga também. — A Tati está sozinha em casa, por que não vai lá?

— E você acha que ela vai me receber, Bruna? Mais fácil meu pai voltar pra casa do que ela me receber.

Isso era verdade, minha amiga era teimosa e não daria o braço a torcer tão fácil. Abri minha bolsa e entreguei a chave do meu apartamento para ele.

— Toma, vou ligar pro Alberto e pedir para ele liberar sua entrada. Só não quebrem meu apartamento, por favor.

Ele pegou a chave da minha mão e me deu um abraço.

— Obrigada, Bruninha. — Ele sussurrou no meu ouvido.

— Jeferson, não seja babaca de novo. Se não eu quebro sua cara.

— Pode deixar. — Ele sorriu. — Você é um amor, Bruna.

Ele saiu correndo em direção ao estacionamento. O Jeferson tinha seus defeitos, mas eu sabia que ele amava minha amiga e ela também o amava. Ele pisou na bola com ela, briga de casal que todos tem, mas eles tinham essas brigas em uma quantidade maior, porém, sabia que se entenderiam.

Voltei a andar em direção a sala 459 enquanto escrevia uma mensagem pro porteiro liberar a entrada do Jeferson.

Quando cheguei na sala a porta se encontrava fechada, respirei fundo e girei a maçaneta. Não havia ninguém ali.

As janelas estavam abertas, mas as cortinas fechadas, deixando apenas uma brisa passar. Em cima da mesa havia um notebook e muitos papeis. A cadeira virada em minha direção com um blazer preto em cima do encosto denunciava que meu professor já havia chegado.

Me aproximei da mesa e notei alguns artigos meus impressos. Não estranhei, talvez o tal Fellipo quisesse avaliar minha escrita.

— Perdeu alguma coisa em cima da minha mesa?

Me assustei com a voz atrás de mim e coloquei a folha em cima da mesa imediatamente, me virando em direção a porta e...

Meu Deus!

Meu cérebro tentou se comunicar com minha boca para falar algo, mas eu só conseguia olhar para o homem parado a minha frente.

Ele tinha um ar sério e cara de quem não estava gostando nem um pouco do que estava vendo.

— Perdeu a língua? — Ele questionou.

— Eu... Eu... — Respira, Bruna, respira. — Meu nome é Bruna Ávila de Albuquerque.

Ele arqueou uma sobrancelha e caminhou em minha direção, mas se desviou para se sentar em sua mesa. Me virei para olhá-lo.

Ele pegou uma pasta e leu algo por cima e depois olhou para o relógio.

— Está atrasada, Bruna. — Então me olhou.

— Mil desculpas, eu perdi a hora e ainda peguei trânsito no caminho para cá.

Ele me encarou, depois pegou um envelope e me entregou.

— Conversei com Carlos e ele me passou todas as informações necessárias que eu precisava sobre o seu tema. Nesse envelope estão todos os artigos relacionados a economia com base no que quer trabalhar, nosso horário de atendimento serão todos os dias, na parte da tarde, das 17 às 19 horas.

Ele recolheu suas coisas e se levantou.

— Leia o primeiro artigo do cronograma e me faça um texto argumentativo sobre ele. — Ele caminhou até a porta, mas antes de sair se virou e olhou para mim. — E, Bruna, não admito atrasos. Tenha um bom dia.

Ele saiu da sala e me deixou sozinha. Não tive tempo de falar nada, muito menos de expressar minhas ideias.

— Mais que babaca. — Falei.

Peguei meu celular e liguei para Duda.

— E aí, como foi? — Ela perguntou.

— Ele é... é... — Eu estava procurando uma palavra para defini-lo, mas eu não encontrava.

— Lindo. — Ela disse.

— O que? — Falei saindo da sala.

— Vai me dizer que não acha, Bruna? Estou com a última foto dele tirada na Itália e ele é um pedaço de mal caminho.

— Você está louca.

— Louca está você por não ter percebido isso. Que tal trocar de curso comigo?

— Nem vem, Duda. — Entrei na biblioteca. — Almoço hoje?

— Sim, no mesmo horário, vamos no meu carro, beijos.

Então ela desligou sem nem esperar minha resposta. Típico dela.

Cheguei na biblioteca e tratei de ler o artigo passado pelo Fellipo. Com isso não vi a hora passar, o artigo era fascinante e me prendia a cada palavra, só notei a hora quando duas mãos femininas com unhas bem-feitas, fecharam meu notebook.

— Bruna Albuquerque, nem só de artigos sobrevive uma mulher, vamos almoçar, estou te esperando há 15 minutos.

— Desculpa, nem vi a hora passar.

— Claro que não viu. Parece que namora esse artigo. Pegue.

Ele me entregou um copo de café e eu agradeci mentalmente por aquele precioso líquido, que na pressa nem pude tomar hoje.

— Agradeça depois que estiver com alguma coisa sólida dentro do estômago. Agora vamos. — Ela me ajudou a guardar minhas coisas e seguimos para fora da biblioteca.

Nosso almoço foi tranquilo, conversamos algumas amenidades e ela falou que sua orientadora iria arrumar o melhor estágio para ela. Fiquei feliz por ela, minha amiga merecia.

Li o artigo inteiro e fiz a dissertação que meu professor pediu. Quando chegou o momento do atendimento e ele leu meu texto sem fazer nenhum comentário sobre a leitura, quando terminou, tirou os olhos do papel e me encarou seriamente.

Estava nervosa e apertava as mãos uma na outra, na esperança de aliviar a ansiedade que me dominava.

— Estou impressionado. — Falou colocando as mãos no queixo de forma profissional.

— De maneira boa ou ruim? — Perguntei ansiosa.

— De uma maneira ótima, Bruna, meus parabéns a sua escrita é perfeita, você detalha tudo muito bem e explica de forma sucinta cada questão dando ênfase nas partes importantes.

Suspirei de alívio e dei um sorriso para ele.

— Obrigada.

— Minha obrigação como seu orientador, é dizer quando está bom ou ruim, você é uma aluna que merece elogios. — Ele

pausou e se levantou. — Carlos disse que você era ótima com palavras, ele estava certo. Está dispensada, mandarei os próximos matérias por e-mail, até amanhã.

— Até.

Ele pegou suas coisas e saiu da sala me deixando sozinha, fui elogiada pelo meu antigo e pelo meu atual orientador, isso sim era uma coisa boa de se ouvir.

Peguei minhas coisas e sai da sala, fechando a porta atrás de mim. Hora de ir para casa.



Capítulo 2

Bruna

*Não se queixe,
não se explique,
não se desculpe.*

Aja ou saia.

Faça ou vá embora.

Benjamin Disraeli

Ser orientada pelo Fellipo era magnifico, ele era um profissional que me deixava fascinada, ansiava pelos nossos momentos de atendimento, porque era nessas horas que ele despejava toda a chuva de conhecimento em mim.

Havia se passado uma semana desde que ele tomou o lugar do Carlos, tinha que confessar uma coisa, não deveria ter lamentado como fiz quando soube da notícia.

Fellipo sempre me fazia ler um artigo por dia e escrever uma dissertação, apontando os pontos altos e baixos de cada texto e a cada palavra que eu escrevia, cada ponto que expunha minha opinião, ele dizia que administração e economia era realmente a minha área.

Estava na biblioteca lendo o artigo que ele me pediu quando meu celular apitou chamando minha atenção. Parei o que fazia e vi uma mensagem da Duda, avisando que estava a caminho da biblioteca para irmos almoçar. Digitei um ok e comecei a guardar minhas coisas.

Depois de tudo guardado e organizado, peguei minha bolsa e encontrei Duda na porta da biblioteca com um copo de café em mãos, me entrega.

— Obrigada. — Falei bebendo aquele líquido precioso.

— Sabia que estaria precisando, só pensa nesses artigos agora.

— Nada a ver, sabe muito bem que preciso me dedicar ao meu estudo.

— Sei. — Ela semicerrou os olhos. — Não tem nada a ver com um certo professor gato que te orienta?

— Pelo amor de Deus, Eduarda. Não olho para o meu professor desse jeito, você sabe muito bem disso. Nossa relação é como aluna e professor. Não coloque minhocas nessa sua cabeça.

— Se você diz...

Suspirei e peguei meu celular para conferir a hora, e como sou uma pessoa que *quase* não é desastrada, esbarrei em um corpo fazendo o copo de café voar e derramar na camisa branca do homem a minha frente.

— Ah, meu Deus! — Sussurrei.

— Era só o que me faltava. — Arregalei os olhos e olhei para cima, dando de cara com Fellipo.

Seu olhar desceu sobre mim e eu vi que estava em maus lençóis.

Maravilha, Bruna, tem como ficar pior agora?

— Bruna, eu tenho uma reunião em 15 minutos com o reitor e minha casa, nesse horário fica há mais de uma hora daqui, pode me explicar porque mexer ao celular enquanto anda pelos corredores da universidade?

Antes que pudesse me defender uma voz que eu não escutava há algum tempo chamou minha atenção.

— Bruna, finalmente consegui te achar, precisamos conversar.

Me virei e fiquei estática.

— Pai?

Retirem o que eu disse sobre não ter como piorar, por que tinha. E como tinha.

Eu não sabia se olhava para o Fellipo ou para meu pai. Optei por olhar para meu professor, já que eu não queria conversar com meu pai de maneira nenhuma.

— Fellipo... —Eu comecei, porém, sua mão se levantou como um claro sinal para que eu parasse.

— Sem desculpas, Bruna. — Ele fechou os olhos e suspirou. — Isso me lembra o dia que chegou atrasada e ficou me pedindo desculpas por todos os atrasos, então só pare.

Antes que eu pudesse falar alguma coisa meu pai me fez olhar para ele.

— Vamos conversar. — Falou.

— Não vou conversar com você. — Falei curta e grossa.

— Bruna Ávila, você vem comigo. — Eu não queria ir com ele, nem morta.

Ele segurou meu braço, só que eu o puxei.

— Você não tem esse direito. — Falei.

— Quem é o senhor? — A voz de Fellipo me assustou me fazendo virar para olhá-lo.

— Antônio Albuquerque, pai da Bruna, por que?

Fellipo me olhou e eu supliquei em silêncio que ele não me deixasse ali com ele.

— Eu tenho uma reunião com a Bruna agora, creio que vocês podem conversar depois.

— Acho que a sua reunião pode esperar. — Meu pai falou.

— Creio que não, senhor Antônio. Sou o novo orientador da sua filha, precisamos conversar vários assuntos importante e definir muitas diretrizes.

Meu pai não pareceu gostar nenhum pouco do que meu professor falou. Então ele me olhou e me jogou um convite. Eu já

imaginava sobre o que se tratava, mas quando vi os detalhes em dourado e senti o tipo de papel ao qual era feito tive certeza.

— Dentro do convite tem o cartão do hotel em que estou hospedado, quero que você jante comigo essa noite. Te espero às 20:00 horas, Bruna. E não admito atrasos.

— E se eu não for? — Me atrevi a dizer.

Ele me encarou.

— Vou até o seu apartamento. — Ele disse.

— Não ouse fazer isso. — Falei.

— Te espero para jantar, Bruna.

Dito isso ele se virou e saiu. Assim que ele sumiu no corredor, meus olhos se encheram de lágrimas. Senti os braços da Duda ao meu redor.

— Bruna, se acalma por favor.

— Não consigo... — Solucei.

Ela me abraçou.

— Bruna?

Tentei me recompor, me afastei da Duda e sequei minhas lágrimas.

— Desculpe por isso. — Falei, mas logo me xinguei mentalmente.

— Já disse para parar de pedir desculpas por tudo, Bruna. Agora venha comigo.

— Não precisa. — Falei. — Eu só não queria ter de ir com meu pai...

— Bruna, na minha sala. Agora.

Olhei para a Duda.

— Vai, Bruna. Eu compro seu almoço e levo para você.

Ela se virou e saiu antes que eu pudesse responder.

— Vamos? — Ele perguntou.

— E a sua reunião? — Questionei e ele olhou para a camisa machada.

— Verei se tem como tirar essa mancha, enquanto faço isso você toma uma água e se acalma. — Seu olhar indicava que ele não aceitaria uma resposta negativa, e não tive outra escolha a não ser acompanhá-lo.

No momento em que chegamos a sua sala, ele me serviu um copo de café.

— Acho que você precisa beber isso.

Peguei o copo e inalei aquele aroma inebriante.

— Me des... — Parei antes de concluir a frase. Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes eu já havia pedido desculpas para esse homem.

— Ia me pedir desculpas novamente? — Levantei os olhos para olhá-lo e notei um tom de ironia em sua voz.

— Isso significa que reconheço quando estou errada. — Falei e ele sorriu, e meu Deus, eu tinha que admitir, ele tinha um sorriso lindo.

Foco, Bruna.

Respirei fundo.

Ele se sentou na minha frente e eu notei a mancha de café. Mordi a língua para não pedir desculpas novamente.

— Não é querendo me meter na sua vida, nem nada, mas... O que houve mais cedo?

Olhei para a janela. Não era um assunto a qual eu me sentia confortável, ainda mais com meu professor.

— Entendo se não quiser falar, mas tem certeza de que está bem?

— Eu vou ficar. — Falei. — Eu só não esperava a visita dele depois de anos.

Minha relação com meu pai nunca foi das melhores, a situação piorou depois que minha mãe morreu vítima de um assalto enquanto voltava do shopping. Eu deveria ter uns 6 anos de idade. Desde então meu pai passou a ficar mais tempo fora de casa e eu fui criada pela Amanda, governanta da casa. Ela foi minha mãe e meu pai em todos os momentos que eu precisei.

—Entendo. — Ele me olhou e parecia querer extrair algo de mim ou então enxergar minha alma com aqueles olhos castanhos. — Ele pareceu um pouco agressivo com você.

Desviei os olhos novamente. Antes mesmo da minha mãe morrer, meu pai se afundou dentro da bebida, o vício o levou a beber descontroladamente e chegar em casa por muitas vezes com uma embriagues extremamente avançada. Depois que minha mãe morreu, ele me batia por motivos futeis, como entrar em seu

escritório ou não fazer a lição de casa. Tentava dizer algo, mas eu era apenas uma criança indefesa que não podia fazer nada contra.

Depois que eu fui embora de casa cheguei a me questionar se meu pai batia na minha mãe, mas nunca obtive uma resposta. E, sinceramente, eu não queria saber. Doeria demais.

— Prefiro não falar sobre isso, por favor. — Sussurrei.

Eram memórias demais para um dia só, eu não queria chorar na frente dele. Seria algo totalmente errado. Respirei fundo e procurei me acalmar.

— Está certo, Bruna.

A porta da sala foi aberta e a Duda entrou com uma sacola.

— Trouxe nosso almoço. — Ela disse entrando.

— Podem almoçar aqui. — Fellipo se levantou, caminhou até sua mesa e pegou suas coisas.

— Obrigada. — Falei para ele.

— Bom, pelo menos trocamos o “desculpa” pelo “obrigada”.
— Sorri balançando a cabeça e antes de sair ele se virou para mim e disse.

— Nossa reunião de hoje está cancelada, Bruna. Nos vemos amanhã.

Sem esperar uma resposta minha ele saiu da sala.

— Uau. — Duda falou. — E você ainda diz que esse homem não é um pedaço de mal caminho?

— Eduarda, você não tem jeito. — Comentei pegando meu almoço.

Ela só sorriu.

— Um dia você vai concordar comigo.

Eu já concordava, mas não diria isso à ela.

— Obrigada. — Falei.

— Não precisa me agradecer. — Ela suspirou. — Como seu pai te encontrou aqui?

— Não sei. — Falei. — Tem anos que eu não me comunico com ele.

— Estranho. — Falou pensativa. — O que ele te entregou?

Peguei o convite que tinha jogado de qualquer jeito dentro da bolsa.

— Convite de casamento entre ele e a Laura.

— Pensei que ele tivesse largado dela. — Duda falou franzindo o cenho.

— Meu pai tem dinheiro, Duda, Laura não o largaria tão fácil assim.

— Acha que ela está com seu pai pelo dinheiro? Não sei não, em. Será que ele não está obrigando-a? — Perguntou.

— Prefiro não pensar nessa possibilidade. — Falei.

— Desculpa. — Ela falou.

— Tudo bem. — Suspirei. — Eu não quero ir a esse jantar.

— Não vá, simples.

— Não é, e você sabe.

Ela revirou os olhos.

— Eu já te disse, Bruna. Você tem que denunciar esse cara, ele te batia quando você era criança por motivos que não teem explicação . Denuncia ele e a justiça o coloca na cadeia, e ainda emiti uma limiar de distância entre vocês. Bruna, não estudo direito só porque sou apaixonada, mas também por que desde que éramos

crianças te vejo sofrer na mão dele. Eu não vou deixá-lo machucar você novamente, mas eu não posso fazer nada se você não fizer.

Apenas encarei minha amiga.

— Tenho aula agora. — Duda se levantou quando viu que não obteria nenhuma resposta minha. — Se for jantar com aquele homem avisa, quero estar presente. Amo você, Bruna.

Ela beijou o topo da minha cabeça e saiu da sala.

Ninguém entendia minha situação, era mais complicada do que elas imaginavam.

Peguei meu celular e liguei para a única pessoa que poderia me aconselhar naquele instante.

— Amanda, podemos conversar?



A conversa com a Amanda foi mais produtiva do que imaginei, além de poder matar a saudade que eu estava dela. Desde que eu decidi sair de casa, ela falou que decidiu que também não ficaria mais ali e pediu demissão. Hoje ela trabalhava como

governanta para uma senhora muito simpática, a qual eu já tive o prazer de conhecer.

Eu estava deitada na minha cama tentando decidir o que faria, a noite estava se aproximando rápido demais e eu não estava nem um pouco animada em jantar com meu pai.

— Bruna, não acredito que você não me contou. — Tati exclamou entrando no meu quarto. A Duda vinha logo atrás.

— Eduarda! — Meu tom de voz indicava que ela não deveria ter aberto a boca.

— Também sou sua amiga, sabia? — A Tati falou.

— Desculpa, só não queria preocupar vocês.

— Você nos preocupa muito mais sem nos dizer o que pretende fazer.

Me sentei na cama. As duas eram minhas amigas desde que eu me entendia por gente e levar essa amizade pra vida foi a melhor coisa que eu fiz.

— Eu vou ao jantar. — Decidi.

— Não! — As duas falaram ao mesmo tempo.

— Se eu não for, ele vem aqui. É pior.

— Você não pode ir sozinha. — A Tati disse. — Vou faltar aula e vou com você.

— Não. — Cortei logo. —Por favor, não.

— Então arruma alguém pra ir com você. — Disse a Duda
— Eu só não me disponibilizo por que tenho uma reunião muito importante com minha orientadora daqui a pouco.

Suspirei.

— Não sei quem chamar!

— Chama o Gustavo. —Sugeri a Tati.

Fiz uma careta.

— Não faz sentido. — Falei. — E além do mais, não quero misturar as coisas.

— Você poderia dar uma chance para ele. — Comentou Tati.

— Não, ela vai dar uma chance pro gato do orientador dela.
— Duda retrucou sorrindo.

— Que? Logico que não. — Respondi.

— É isso! — Duda falou. —Chame seu professor pra ir pro jantar com você!

— Está maluca? —Disse me levantando. — Nem morta.

— Por que? — Questionou. — Ele já viu o seu pai e te ajudou mais cedo.

— Eduarda, não. Isso seria o cumulo. Totalmente fora de cogitação.

Minha amiga tinha enlouquecido, certeza.

Ela revirou os olhos,

— Tá bom. — Disse se dando por vencida. — Me empresta seu celular, preciso chamar um taxi e eu não trouxe o meu.

Peguei meu aparelho e entreguei para ela, que digitou algo e algum tempo depois me entregou.

— Obrigada. Vou descendo. Tati cuida da nossa menina, por favor.

Ela me abraçou e depois saiu do meu quarto junto com a Tati.

Decidi tomar um banho e me arrumar. Quando sai do banheiro e fui conferir meu celular e tinha uma mensagem da Duda.

Duda: *Me agradeça depois, beijos. Te amo”*

Eu estava tentando entender, mas algo me dizia que ela estava aprontando alguma coisa.

Faltavam 15 minutos para às 20:00 horas, eu estava sentada na minha cama me encarando no espelho, até que o barulho da companhia tocando chamou minha atenção.

— Bruna! Visita pra você. — A Tati gritou da sala.

Estranhei, eu não estava esperando ninguém. Peguei logo minhas coisas, já imaginando sair depois de dispensar a visita.

Assim que cheguei na sala levei um susto ao ver quem era a visita.

— Fellipo? — Arregalei os olhos.

— Como vai, Bruna? Você está pronta?

Eduarda, vou matar você.



Capítulo 3

Fellipo

A amizade é tudo!

É se dar sem esperar

Nada em troca dessa união

É ter alguém pra contar

Na indecisão

Nunca se desesperar

Sempre ali pra estender a mão

Amizade é tudo – Thiaguinho

Eu ainda estava encarando a tela do meu notebook, tentando compreender o e-mail aberto, já o havia lido diversas vezes. Fechei os olhos e mesmo com eles fechados, a frase ainda pairava na minha mente.

"Você precisa acompanhar a Bruna nesse jantar.

Att. Eduarda Medeiros."

Estava com uma caneta na mão, mas não conseguia parar de aperta o maldito pino dela. Dentro da sala silenciosa, esse era o único barulho ouvido.

Clip, clap.

Clip, clap.

Clip, clap.

Clip, clap.

Coloquei a caneta em cima da mesa e encarei o e-mail novamente, ainda não sabendo o que responder.

Suspirei e me levantei para pegar uma xícara de café, eu precisava pensar e talvez a cafeína me ajudasse nisso, mas pra falar a verdade não ajudou em nada, eu apenas queria entender o motivo dela entrar em contato comigo. Me sentei novamente em frente ao notebook e encarei a tela por mais cinco minutos, como se ali pudesse brotar uma resposta para aquele bendito pedido.

Felizmente, ou não, a resposta entrou pela porta. Uma morena, com cara séria e roupa social, entrou e fechou a porta, caminhou e parou em frente a minha mesa, apoiando as mãos nela e com uma cara de poucos amigos.

— Eu estava esperando a resposta do meu e-mail, mas você demorou demais para responder, portanto eu decidi vir pessoalmente saber se você vai ou não ao jantar com a Bruna.

— Você deve ser a Eduarda, presumo. — Falei o óbvio.

— Futura melhor advogada do Brasil. Muito prazer. — Ela disse estendendo a mão para mim.

Fui cordial e retribui o aperto.

— Então, Eduarda, — Comecei. — O e-mail que você mandou não é exatamente um pedido.

— Eu sei que não, mas se eu pedisse sabia que iria recusar.

— O que te faz pensar que eu vou aceitar sua imposição?
— Questionei.

— O fato de você não ter aceitado que o pai da Bruna impusesse uma regra sobre ela. — Ela devolveu.

— Isso não foi nada, qualquer um faria isso.

— Não. — Ela disse. — Conheço a Bruna desde que me entendo por gente e posso garantir que nunca, ninguém passou por cima de uma ordem do poderoso Antônio Albuquerque.

— Eu só disse aquilo porque realmente o estado dela não era bom.

— Claro que não era. Ela saiu do Rio de Janeiro, da casa que é dela por direito porque não queria mais viver sobre o mesmo teto do pai, imagina como ela ficou dando de cara com ele depois de anos.

Eu queria poder entender o que a Bruna tinha vivido, mas não era da minha conta. Eu era apenas o seu professor.

— Não posso aceitar fazer isso, Eduarda. Minha relação com a Bruna se restringi apenas dentro dos limites da faculdade.

— Acho que você ainda não entendeu, Fellipo. — disse ela.
— A Bruna é a mulher mais teimosa que eu conheço, ela vai sozinha a esse jantar. Ela não consegue dizer não para aquele homem, ela vira uma criança indefesa perto dele. Antes mesmo de começar a estudar Direito supliquei a ela que fizesse denúncia contra ele, mas ela sempre me disse a mesma coisa, que não valia a pena, depois que comecei a faculdade faltei escrever um livro para ela sobre isso. Só que ela não me ouve.

— E você acha que eu tenho o poder de fazer com que ela abra os olhos?

— Não. Isso eu já perdi as esperanças, mas você pode acompanhá-la nesse jantar. Não custa nada e ela me falou que você a tinha dispensado da reunião sobre o TCC, então você não tem compromisso no horário em que ela estiver no jantar.

Essa mulher seria uma ótima advogada.

— Certo, mas e se ela não aceitar a minha companhia?

— Ela não precisa aceitar se não souber. A Bruna é teimosa, se você avisar que vai, ela vai tentar tirar essa ideia da sua cabeça.

— E como você pretende fazer então? — Perguntei.

— Simples. — Ela disse sorrindo. — Você não vai avisar que vai ao jantar, você simplesmente vai.

— Isso é loucura. — Falei.

— Isso, — Respondeu. — É pelo bem da minha amiga desmiolada, que não sabe aceitar ajuda e tenta resolver seus problemas sozinha. Mas esse é um problema que ela nunca vai conseguir resolver se não aceitar ajuda.

Aonde eu estava me metendo? Foi a pergunta que me fiz mentalmente.

Depois de ter aceitado essa ideia maluca, soube que eu tinha me metido em um grande problema.

A ideia da Eduarda era totalmente louca, mas ela tinha razão em uma coisa, hoje pela manhã a Bruna parecia uma menina indefesa com aquele homem colocando ordem sobre ela.

Perguntei para a Eduarda o motivo dela ser dessa maneira, o que havia acontecido para a Bruna ter tanto medo do pai. Eu já imaginava o que era, mas queria ter certeza.

Ela me disse que não podia contar. A Bruna que tinha o direito de falar sobre esse assunto e eu sabia que era verdade.

Fiz isso não apenas porque Eduarda me intimou, mas porque a Bruna não merecia ser tratada assim, ela era uma aluna brilhante, inteligente e com uma carreira que decolaria assim que saísse da faculdade. Na verdade, faria isso por qualquer pessoa, porque é isso que pessoas boas fazem quando veem um ato de injustiça sendo cometido com alguém que você conhece, você ajuda, ajuda mesmo não sabendo a história por completo. E eu queria ajudar a Bruna.

E com isso eu estava aqui, faltando poucos minutos para às 20:00 horas. Indo de elevador em direção ao apartamento dela.

Eu só queria entender onde eu estava com a cabeça quando aceitei isso.

Falei para mim mesmo o caminho inteiro, que era somente pelo bem-estar dela.

Apenas isso.

Era meu mantra até chegar em frente ao seu apartamento.

A Eduarda arquitetou um plano que, de acordo com ela, não daria errado.

Me passou o endereço da Bruna e disse que a colega de apartamento dela falaria com o porteiro para liberar minha entrada. Até aí tinha dado certo. Só queria saber se a segunda parte também daria.

Toquei a companhia do apartamento e uma morena com um sorriso enorme me recebeu.

— Você deve ser o tal Fellipo Vitale, professor da Bruna.

— Eu mesmo. —Falei.

— Tatiane, mas pode me chamar de Tati. — Ela estendeu a mão para mim e eu retribui o aperto.

Ela estava arrumada, parecia que ia sair para algum lugar.

— Entre. — Disse me dando passagem. — Vou chamar a Bruna.

Entrei no apartamento e observei o local, era bem organizado. Com uma sala de TV, um cômodo mais à frente que levava ao que parecia ser uma cozinha. Um corredor que deveria dar acesso ao quarto. Havia livros espalhados pela casa toda, mas não de maneira desorganizada, mas por estantes, prateleiras, mesas. Era algo incrível de se ver.

Estava tão atento aos detalhes do apartamento que não notei quando a Bruna apareceu. Ela me olhava assustada e em seu rosto estava estampada a pergunta:

"O que você está fazendo aqui?"

— Fellipo? — Ela perguntou como se quisesse ter certeza que eu era real.

Decidi acatar o plano da senhora futura Doutora Eduarda Medeiros e apenas me limitei a perguntar.

— Como vai, Bruna? Já está pronta?



Capítulo 4

Bruna

Nossas vidas são definidas por momentos.

Principalmente aqueles que nos

pegam de surpresa.

Bob Marley

Eu não estava acreditando na minha mente naquele momento. Eu deveria ter tomado algo muito, muito forte mesmo.

— Fellipo? — Falei novamente para ter certeza que não estava delirando.

— Vamos, Bruna? — Ele perguntou, olhando a hora. — Não gosto de me atrasar, acho que você sabe disso.

— Eu não estou entendendo. — Então uma luz se ascendeu em minha mente. — Eu vou matar a Eduarda.

— Sua amiga se preocupa com você.

— Ela se preocupa comigo, mas não tem um pingão de medo que eu possa matá-la. — Falei entre os dentes.

— Bruna. — Olhei para ele. — Sua amiga conseguiu me convencer a ir nesse jantar com você, e olha que isso é algo muito difícil, ela tem um poder muito grande de persuasão. Vai ser uma ótima advogada. Não acha que o esforço dela merece um pouco de compreensão.

— De que lado você, esta? — Perguntei.

Ele sorriu.

— Do seu, porque vamos a esse jantar.

Revirei os olhos.

— Isso é uma conspiração. — Afirmei indo em direção a porta. — Vamos acabar logo com isso.

Sai de casa e nem esperei para saber se estava me acompanhando. Eu só queria me livrar desse jantar o mais rápido possível.

Durante todo o trajeto eu fiquei em silêncio, apenas olhava para os prédios que iam passando rápido demais. Eu queria sumir para algum canto e não ser encontrada. Na verdade, eu queria que

o dia de hoje fosse apagado da minha mente, queria esquecer que essa segunda existiu.

— Você está bem, Bruna? — A voz do Fellipo me tirou dos meus pensamentos.

Olhei para ele. Não tinha como negar, ele realmente era lindo. Mas eu ainda não conseguia entender por que ele estava no meio disso tudo, no meio da minha vida pessoal. Por céus, éramos aluna e professor, ele não tinha essa obrigação.

— Por que está fazendo isso? — Perguntei. — Por que aceitou a ideia maluca da Eduarda?

— Sua amiga tem razão em muitos pontos. — Disse parando o carro em um semáforo. — Se tornar refém do seu próprio pai não é algo que seja saudável.

Tremi por dentro.

— O quanto exatamente você sabe? — O carro voltou a andar e eu olhei para janela, fugindo do seu olhar, que poderia muito bem ser de pena.

— Eu sei o suficiente para estar aqui com você.

O GPS indicou que havíamos chegado ao nosso destino.

— Não precisa fazer isso, Bruna. — Afirmou, depois de estacionar o carro. — Você não tem obrigação nenhuma de ir a esse jantar. Você não é mais uma criança indefesa.

— Você não conhece meu pai. — Retruquei.

— Mas pelo que o Carlos e a Eduarda me falaram de você, e por tudo que já presenciei essa semana que estou te orientando, sei que é uma mulher forte, guerreira e que não se deixa levar pelos problemas da vida. Carlos só tem elogios para você. A aluna com uma mente brilhante, inteligente, centrada, tem convicção do que quer. Bruna, olhe para mim. — Fiz o que ele me pediu. — Você não precisa provar para o seu pai que você cresceu obedecendo uma ordem, ordem não, ameaça de ir a um jantar contra sua vontade. Você demonstra para ele que cresceu e que é dona das suas decisões, simplesmente pelas suas ações.

Meu Deus, de onde surgiu esse homem?

— Eu...

— A decisão é completamente sua. — Ele me interrompeu.
— Eu posso te levar para casa agora ou entrar com você.

Olhei novamente para a entrada do restaurante.

Eu não ia me rebaixar, meu pai tinha que entender de uma vez por todas que eu não era mais aquela criança que tinha medo dele, medo de qualquer palavra que ele proferisse contra mim. Eu não era mais ingênua.

— Me leva para casa, por favor. — Falei olhando para ele, que sorriu para mim.

— Sabia que essa seria sua decisão. — Declarou ligando o carro, saindo do restaurante.

O caminho de volta foi feito em silêncio. Estava confortável para ambos, e eu não me importava de ficar assim, era convidativo.

Fellipo estacionou em frente ao meu prédio e eu tirei o cinto de segurança. Me virei para olhá-lo.

— Obrigada. Eu não saberei como te agradecer. — Falei.

— Não precisa agradecer, no fundo você só precisava enxergar que não era necessário passar por isso.

Sorri agradecida.

— Obrigada mais uma vez mesmo assim. — Abri a porta do carro, desci e a fechei novamente. O vidro se abriu e ele me olhou.

— Tenha uma boa noite, Bruna.

— Você também, Fellipo.

O vidro se fechou e ele arrancou com carro, me deixando ali com um sentimento de agradecimento por ter me ajudado, mesmo não tendo a obrigação de fazer isso.

Olhei para cima e vi a lua cheia, me lembrava que minha mãe era apaixonada por essa fase da lua, nós sentávamos na varanda em noites como essas e ela me contava dos seus sonhos, de tudo que tinha vontade de conquistar.

— Eu vou realizar seus sonhos, mamãe. — Falei olhando para cima como se ela pudesse me ouvir.

Entrei no prédio e segui para o meu apartamento. A Tati ainda não tinha chegado da faculdade, me sentei no sofá e olhei para foto da minha mãe sorrindo, em cima da mesinha de centro.

Peguei a foto e sorri ao olha-la, eu faria tudo diferente.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para a Eduarda.

Bruna: Obrigada. Por tudo.

A resposta chegou logo em seguida.

Duda: *Sabia que ele seria a pessoa certa para te ajudar. Eu te amo, Bruna, não quero que você sofra.*

Bruna: *Te amo. Obrigada por ser minha amiga.*

Duda: *Faço de graça. Vou voltar a estudar. Boa noite.*

Não senti a necessidade de responder. Me levantei e fui até cozinha preparar algo para comer, eu não via comida desde cedo.

Preparei um sanduiche e um copo de suco, peguei meu celular e vi uma notificação de e-mail. Era de Fellipo. Abri e sorri ao ler a mensagem.

“Caso seu pai apareça não hesite em comunicar-me ou chamar a polícia, por favor Bruna, ou então me ligue.

Ps: Tenha uma boa noite.”

Eu não podia me encantar pelo meu professor. Isso não podia acontecer, em hipótese nenhuma.



Na manhã seguinte, cheguei mais cedo e fiquei lendo um livro na sala de aula. Nem percebi quando os alunos foram entrando, apenas quando o meu orientador entrou na sala foi que

marquei a página e fechei o livro. Abri minha agenda para começar as anotações da aula. Já comentei que ele ensinava muitíssimo bem? Toda a articulação, a maneira que ele citava os exemplos a forma como fazia determinada pergunta, como respondia as dúvidas.

Eu estava encantada com sua maneira profissional de ser.

Após o fim da aula, ele pediu que eu esperasse por que queria falar comigo, aproveitei para guardar as coisas organizadamente dentro da minha bolsa, após o último aluno sair ele chamou minha atenção.

— Como você está? — Ele arqueou uma sobrancelha ao perguntar.

— Estou bem melhor, obrigada.

— Ótimo, após o almoço me procure, temos uma visita a fazer hoje. — Ele se levantou, pegou suas coisas e saiu da sala. Confusa fiz o mesmo e o segui.

— Que visita? — Perguntei, ele parou e se virou para me olhar, quase me fazendo bater nele novamente.

— Nós vamos visitar uma influente empresa de economia, Carlos me falou que estava com essa visita agendada há algum

tempo, como ele não pode te levar, eu levarei.

— Mas... — Eu realmente estava confusa. — Essa visita seria em quatro meses.

— Sou amigo do filho do dono e consegui que fossemos hoje. Depois do almoço em minha sala, Bruna. E não se atrase.

Então ele saiu me deixando sozinha, mesmo com muitas pessoas passando pelo corredor.

— Posso saber por que a senhorita está sorrindo sozinha como uma boba? — Eduarda só faltou pular no meu pescoço.

— Eu vou matar você. — Falei, abraçando-a.

— Também te amo. — Disse ela.

— Olha se não são as mulheres mais lindas dessa faculdade.

Revirei os olhos.

— Deixa a Tati ouvir isso, Jerferson.

— Ouvi meu nome? — Olhei para trás e vi minha amiga. Ela nos abraçou e beijou o namorado.

— Que tal um almoço mais tarde? — Jerferson perguntou.

— Por mim de boa. — Duda respondeu.

— Eu também. —Concordei.

— Ótimo. — Afirmou Tati. — Nos vemos mais tarde. Beijos.

— E saiu arrastando o namorado.

— Vou indo também, Bruna. Nos vemos mais tarde. Beijos.

Então ela saiu, sorri e fui comprar um café antes que minha próxima aula começasse.



O almoço foi a melhor coisa, estar com meus amigos era ótimo e me fazia muito bem.

Cheguei na sala do Fellipo e ele estava lendo algo no notebook.

— Posso entrar? — Perguntei.

— Claro. — Ele olhou o relógio e sorriu. — Dentro do prazo.

Quer ir logo?

— Estou por sua conta. — Falei.

— Então vamos.

Ele me avisou que iríamos em seu carro, eu preferia ir no meu, mas ele venceu a pequena discussão que tivemos até o estacionamento.

Eu não demonstrava, mas estava empolgada. Conhecer aquela empresa era um sonho. Trabalhar nela estava além do que minha imaginação poderia permitir.

Chegamos ao local e eu estava fascinada com o tamanho do prédio, só de imaginar que eu poderia um dia trabalhar ali, me dava um certo frio na barriga.

Recebemos credenciais de visitantes e fomos para o elevador.

— Vamos falar logo com o meu amigo, ele está me esperando. Depois vamos andar pelo setor administrativo. — Fellipo falou apertando o botão do elevador.

— Tudo bem. — Concordei.

— Você parece uma criança indo em um parque de diversões pela primeira vez. — Fellipo disse com um sorriso.

—O que eu posso fazer. — Dei de ombros. — Esse é o meu parque de diversões preferido.

O elevador parou e eu acompanhei meu professor. A secretária nos recebeu e disse que poderíamos entrar na sala a nossa direita, que o Dr. Simmons estava nos esperando.

Fellipo chamou minha atenção para acompanhá-lo e quando entramos na sala eu parei, não estava acreditando.

— Fellipo, meu amigo, que honra recebê-lo aqui.

— A honra é minha. — Fellipo respondeu abraçando o homem, que eu conhecia muito bem por sinal.

Gustavo se afastou do Fellipo e me olhou com um sorriso.

— Mas quem diria que eu receberia em meu escritório a grande Bruna Ávila de Albuquerque. — Ele estendeu a mão e eu coloquei a minha na sua, mas ele a levou aos lábios e depositou um beijo ali. — Como vai, Bruninha?

— Vocês se conhecem? — Fellipo estava confuso.

— Longa história. — Falei enquanto Gustavo respondia ao mesmo tempo.

— Claro que nos conhecemos, Bruna foi minha noiva.

Fellipo me encarou com um olhar levemente surpreso.

Pelo amor de Deus, sério que não tinha um dia sem que eu passasse por uma surpresa diferente?



Capítulo 5

Bruna

Me dê um pouco de tempo

Vamos acabar com isso

Vamos brincar de esconde-esconde

Para mudar essa situação

Ed Sheeran - Give Me Love

Se eu pudesse faria picadinho do Gustavo e serviria como prato principal, mas não era só o fato dele ter dito que fomos noivos que estava me deixando abismada. Eu estava me perguntando o que ele estava fazendo aqui, afinal ele nunca havia me dito que trabalhava aqui.

— Vai ficar calada, Bruna? — Gustavo questionou. — Você sempre foi tão falante.

— O que você está fazendo aqui? — Foi a única pergunta que veio a minha mente.

Gustavo revirou os olhos.

— Nunca fui de falar muito no meu pai, já que não tínhamos muito contato então não havia motivo pra eu ficar falando do velho. Mas ele veio me procurar falando que eu deveria crescer e me tornar um adulto responsável. — Ele balançou a cabeça e colocou as mãos dentro do bolso da calça, e me olhou sorrindo — Então, aqui estou eu, tomei a presidência da empresa no Brasil e ele está nos Estados Unidos, abrindo uma nova filial lá.

Pisquei, essa parte da vida dele eu não sabia. Ele realmente evitava tocar no assunto do pai, mas não sabia o motivo. Olhei para ele.

— Você sabia que era meu sonho trabalhar aqui. — Disse.

— Sim. E foi exatamente por isso que eu não falei que era um dos donos, ou melhor, herdeiro da empresa. Eu sempre soube do seu potencial, Bruna. Confesso que não queria que trabalhasse aqui, pois se envolver com o império da família Marinho Simmons não era algo que me agradasse.

— Você não tem Simmons no nome. — Falei.

— Uso só o sobrenome da minha mãe.

Como eu pude ser noiva dele se não sabia nem metade de sua vida?

— Preciso me sentar. — Caminhei até um sofá que havia na sala e me sentei.

Eu estava tão perplexa que havia me esquecido que estava na companhia do meu professor e em uma visita de faculdade, mas isso eu resolveria depois.

— Tem certeza de que está bem, Bruna? — Fellipo perguntou.

— Eu...

— Bruninha, me desculpa não ter contado na época que estávamos juntos, mas era e ainda é, um assunto bastante delicado para mim.

— Íamos nos casar, não acha que eu merecia saber?

— E você ia, mas na hora que eu estivesse pronto pra contar. Tem mais coisas dentro do meu passado que você não imagina. Bruna, eu não queria que você sofresse pelos meus problemas, por isso não contei e pedi para minha mãe não contar. Ela sempre soube do seu sonho e bateu o pé quando eu pedi para

não tocar no sobrenome Simmons quando você estivesse presente.
Eu só queria te proteger.

— O que tem de errado? — Questionei.

— Um dia, quando eu estiver pronto, você vai ser a primeira a saber. Eu prometo. — Ele se aproximou de mim, se abaixou e depositou um beijo em minha testa.

— Fellipo, me desculpe tudo isso. — Gustavo falou olhando para ele. — Eu não imaginava que a aluna que você iria trazer era a Bruna, mas conhecendo-a como conheço ela não está em condições de absorver nada do que seria passado aqui, por mais amor que ela tenha a essa empresa. Podemos marcar para outro dia?

Fellipo me olhou como se pedisse permissão e eu concordei com a cabeça. Eu precisava digerir essa notícia primeiro.

Me levantei e o Gustavo veio em minha direção.

— Posso passar na sua casa mais tarde, para saber como você está?

Mordi o lábio. Não era de longe uma boa ideia, mas eu precisava de respostas, e ele era a única pessoa que podia me dar.

— Pode. Estarei livre depois das...

— 21 horas. — Ele disse sorrindo. — A vantagem de termos sido noivos, Bruna, é que sei sua meticulosa agenda de cor.

Voltou a encarar meu professor.

— Me desculpe por isso, Fellipo, realmente não estava nos meus planos essa confusão.

— Claro, entendo perfeitamente. — Fellipo respondeu, eu não sabia distinguir o que ele estava sentindo naquele momento, na verdade, não sabia o que estava sentido. —Vamos, Bruna?

— Vamos. — Falei me levantando. Olhei o Gustavo novamente e sorri quando ele me deu um sorriso fraco.

Sempre soube que ele não teve um passado tão fácil. Eu também não tive, mas ele parecia ser mais fechado em relação a isso. E eu sempre busquei respeitar o seu silêncio, fazia parte do que foi o nosso relacionamento.

— Tem certeza de que está bem? — A voz do Fellipo me tirou do mar de pensamentos que me submergia.

— Sim. Quer dizer, ainda um pouco chocada. — Respondi olhando a grande fila de carros se formar, odiava engarrafamento.

— Acho que vamos demorar um pouco. — Comentou enquanto tamborilava os dedos no volante.

— Desculpe pelo o que houve. — Falei. — Eu não imaginava encontrar meu ex noivo e muito menos saber que ele era o dono da empresa.

— Imagino que sim. — Ele comentou, parecia distante. — Não imaginava que você tivesse sido noiva.

Sorri ao lembrar.

— Muitos que não me conheciam na época também ficam meio surpresos, falam que eu não tenho jeito de uma pessoa que noiva muito cedo.

— Bom, — Ele disse fazendo uma pausa. — Você realmente não tem.

— Nossa. Tenho cara de quem vai ser uma péssima esposa? — Perguntei brincando.

— Não, pelo contrário. — Ele disse olhando para frente. — Você tem cara de quem vai ter um futuro brilhante. Você é uma mulher surpreendente, Bruna. Inteligente. Que não mede esforços para lutar por aquilo que quer, mas você também se esconde atrás

de lembranças que te atormentam e isso te faz uma menininha assustada e que precisa de proteção.

No final da frase eu já estava olhando para ele e pensando como ele podia saber tanto sobre mim com tão pouco tempo.

— Como pode saber tanto? — Perguntei.

Ele tirou a atenção do congestionamento e me olhou.

— Se as pessoas prestarem atenção em você, vão saber te ler facilmente. E por mais que você tenha essa postura fechada, de quem não se intimida por nada, você tem um medo e um trauma que precisam ser tratados.

Eu estava perplexa com suas palavras. Nunca haviam tido um pensamento tão profundo sobre mim. Ainda estávamos nos olhando quando o som de uma buzina fez essa estranha conexão se quebrar o fazendo olhar para frente e eu voltar a encarar a janela do carro.

Era a segunda vez que eu estava aqui, e era a segunda vez em que ele deixava de ser meu professor para falar de algo pessoal, algo de dentro da minha vida. E eu não sabia se isso era bom ou ruim.



Eu estava morta quando cheguei em casa. Fellipo queria me liberar da reunião, mas eu não aceitei. Eu precisava colocar minha cabeça nos estudos, e faria isso.

Me arrumei, vesti um macacão confortável e peguei um casaco. Quando sai da faculdade mais cedo, após a reunião com meu orientador, havia esfriado um pouco e, como diria minha mãe, estava com cara de chuva a caminho.

— Vai sair? — A Tati perguntou assim que entrou no apartamento.

— Sim, vou dar uma volta. — Falei.

— Sozinha?

— Não. — Respondi pegando uma xícara e me servindo de um pouco de café.

— Com o seu professor?

Quase cuspo o café que estava na boca.

— Está louca?

— Não, mas acho que vocês formariam um belo casal.

— Tatiane, você está vendo coisa onde não tem. —
Retruquei lavando a xicara e pegando meu celular para mandar uma mensagem pro Gustavo avisando que iria esperá-lo na portaria.

— Será que não? — Ela ficou na minha frente com as mãos na cintura. — Não vai me dizer que aquele italiano não mexe com você, Bruna?

— Tati! — Ela estava viajando legal.

— Ah, Bruna! Ele nunca falou nada em italiano perto de você? Dizem que o sotaque deles é a coisa mais sexy que existe.

— Eu desisto, até mais.

Me desviei dela e sai de casa, mas não antes de escutar ela gritar.

— Usa camisinha!

Ignorei lindamente essa última parte e chamei o elevador. A Tati estava louca, eu jamais me envolveria com meu professor, era algo antiético, mesmo ele sendo lindo e isso eu tinha que admitir, não dava para negar a beleza daquele homem, a maneira de olhar, com tanta intensidade. Mas não era pra mim, eu nem podia estar pensando nisso.

Quando o elevador parou no térreo, Gustavo já estava me esperando.

— Demorei? — Perguntei.

— Pontual como sempre. — Ele disse olhando no relógio.

— Vamos?

— Sim.

No momento em que pisamos do lado de fora, um carro arrancou e eu tinha certeza que era o carro do meu professor. Parei e fiquei olhando o caminho que ele seguiu.

— Está tudo bem?

— Acho que sim. — Falei ainda encarando a rua.

— Te conheço, Bruna. O que está havendo?

Olhei para ele.

— Nada.

— Seu professor?

— O que? — A pergunta me pegou desprevenida.

Pronto, todo mundo decidiu me aporrinhar com esse assunto.

— Você também não, Gustavo.

— Então não era coisa da minha cabeça. — Ele falou sorrindo.

— O quê? — Eu estava ficando louca, certeza. — Vocês estão malucos.

— Não, não mesmo. — Ele colocou um braço no meu ombro e começamos a andar. — Deveria dar uma chance, Fellipo é um bom cara. Uma pessoa excepcional. Seria o cara ideal para você.

— Gustavo... —Tentei falar, porém fui interrompida.

— Estou falando sério, Bruna. — Continuou — Fellipo é o tipo de homem que merece ter ao lado uma mulher feito você.

— Por que esse assunto?

— Porque — Ele parou na minha frente. — Conheço ele há anos e só o vi olhar do jeito que ele olha para você no dia do casamento dele.

Eu estava ainda mais confusa. Fellipo já foi casado?

— Gustavo, pode me explicar? — Falei.

— Não. Quem tem que te contar é ele, eu não devo mexer nesse assunto.

— Mas...

— Manda logo uma mensagem para ele. Sei que quer fazer isso.

Odiava que ele me conhecesse tão bem.

Peguei meu celular e enviei um e-mail para ele.

“O que fazia na porta do meu prédio?”

A resposta surgiu mais rápido do que eu esperava.

“Iria apenas saber se estava bem, mas acho que estava ocupada, tenha uma boa noite, Bruna. Nos vemos amanhã e nada de atrasos.”

— Mas que filho da mãe. — Falei.

Gustavo sorriu, tirou o celular do bolso, digitou algo e segundos depois uma mensagem dele piscou na tela do meu celular.

— O que é isso? — Perguntei depois de abrir.

— Endereço do Fellipo, acho que vai querer. — Ele beijou minha testa. —Boa sorte com o italiano, Bruninha. Vai precisar.

Então ele saiu sem esperar minha resposta.

O que estava acontecendo com as pessoas hoje?

Olhei novamente o endereço e me perguntei o que estava acontecendo comigo quando acenei para um taxi e passei o endereço da mensagem.

Eu havia chegado a um grau de insanidade que nem eu mesma conseguia reconhecer.

Mas eu precisava descobrir o que estava acontecendo.

Apenas isso.



Capítulo 6

Bruna

Eu sei que você está pensando que eu não tenho coração

Eu sei que você está pensando que eu sou frio

Eu estou apenas protegendo minha inocência

Estou apenas protegendo minha alma

Too Good At Goodbyes - Sam Smith

Parecia que havia um anjo e um diabinho, um de cada lado me dizendo o que eu deveria fazer, e eles estavam em guerra.

Um lado dizia que ir até a casa do meu professor era totalmente errado, o outro dizia que era uma ideia perfeita para colocar tudo em pratos limpos. E advinha para qual eu estava dando razão?

Loucura era a palavra que definia minha atitude naquele momento. Não havia outra explicação, mas mesmo assim...

Gustavo tocou em um ponto que me deixou curiosa. Fellipo já havia sido casado. Eu deveria ter imaginado isso, afinal, um homem lindo como ele não ter sido ou não ser era, no mínimo, estranho. Mas deve ter acontecido algo, algo muito grave pra ele ter se separado, pelo menos eu imaginava que ele estivesse separado.

Meu Deus! E se a esposa dele estive em casa. Onde eu me esconderia?

Antes que eu pudesse pedir pro motorista dar meia volta, o carro parou e o motorista me informou que havíamos chegado no endereço.

Paguei a corrida e descii do carro. Estava em frente a um prédio, um dos mais caros, me atrevia a dizer. Com certeza eu não entraria ali sem autorização, mas havia uma força que me movia para perto da portaria.

Eu só queria respostas. Falei para mim mesma.

— Apartamento do Fellipo Vitale, por favor. — Disse ao porteiro que me olhou de cima a baixo.

— Ele está te esperando?

— Não. — Ele me analisava como se fosse algum tipo de monstro.

— Seu nome? Vou ligar e ver se ele autoriza sua entrada.

Era agora ou nunca, eu poderia correr e fingir que nunca estive aqui, ou poderia subir lá e saber o que estava acontecendo.

— Bruna Ávila de Albuquerque. — Falei bem devagar.

O porteiro arqueou uma sobrancelha e pareceu em dúvida se ligava ou não, mas pegou o telefone e discou o número.

— Senhor Fellipo, portaria. Tem uma visita para você. — Ele me olhou novamente antes de pronunciar meu nome. — Bruna Ávila de Albuquerque.

Ele desligou e me olhou.

— Pode subir. Apartamento 203 terceiro andar.

O portão foi aberto e eu entrei seguindo até o elevador.

Enquanto o elevador subia eu comecei a me perguntar que loucura eu estava fazendo, por que estava ali, sendo que eu podia estar em casa lendo ou estudando.

Como eu disse, estava em guerra e não sabia o que fazer.

Quando o elevador parou no terceiro andar e eu avistei o apartamento 203, minhas mãos começaram a suar, um arrepio percorreu meu corpo e um frio na barriga me atingiu em cheio me

fazendo parar e querer dar meia volta, mas antes que eu pudesse me virar a porta foi aberta.

— Bruna. — A voz do Fellipo me tirou do estupor que eu me encontrava.

— Fellipo. — Foi a única coisa que eu consegui falar.

— O que faz aqui? — Eu não conseguia saber se seu tom de voz era agradável ou não.

— Eu... eu... — Não saia uma palavra coerente da minha boca.

— Entre. — Ele se virou e entrou, não vi outra saída a não ser segui-lo.

Seu apartamento era bem espaçoso. Toda a decoração era feita em tons escuros. O sofá era de um tom quase preto. Havia quadros espelhados pela sala. Não parecia ser de algum artista que eu conhecesse. Do lado esquerdo, tinha uma mesa de jantar na cor marrom, em cima havia um vaso de flores. Do meu lado direito havia uma estante de livros. Parecia um sonho. Era linda. Enorme, para falar a verdade.

— Gostou? — Olhei para ele e notei uma pitada de diversão em sua voz.

— É lindo. — Falei. E realmente era, aquele apartamento cheirava masculinidade de longe.

— Agora me diga, Bruna. — Se apoiou na mesa e cruzou os braços. Ele vestia uma calça de moletom, uma camiseta regata que grudava no corpo fazendo seus músculos ficarem sobressaltados. Os cabelos estavam lindamente bagunçados, e estava descalço. Tudo isso o tornava atraente. Sexy. — O que veio fazer aqui?

Ele não me perguntou como consegui seu endereço, apenas o que eu queria.

— O que fazia mais cedo no meu apartamento? — Isso estava me matando, eu só queria saber isso.

— O que te garante que eu fui falar com você? — Ele perguntou arqueando a sobrancelha.

— Você mesmo disse que foi saber se eu estava bem. — Falei e ele riu.

— Bruna, tenho uma vida fora do campus. Não sou professor 24 horas por dia. Talvez eu tenha ido visitar alguém que more naquele mesmo prédio e aproveitei a oportunidade para saber se você estava bem. Não se sinta tão importante.

Aquilo foi um soco em meu estomago. Mas também o que eu queria? Como eu era burra!

— Não estou me achando importante. Apenas achei estranho, a vista que você se meteu na minha vida primeiro.

— Foi um pedido da sua amiga maluca.

— Maluca mesmo. — Falei com raiva. — Eu vou matar a Eduarda, mas você não pode falar nada, você aceitou.

— Por que tive pena de você.

Pena?

— Claro, vou ter um pouco de pena da minha orientanda que apanhou do pai quando criança e não sabe dizer não pra uma ordem dele e sempre morre de medo quando ele aparece.

Eu tinha explodido. Ele não tinha dito aquilo.

Arregalei os olhos e o olhei, perplexa, ele deve ter percebido a besteira que fez, pois veio se aproximando de mim e eu fui me afastando.

— Não se aproxime. — Pedi. As lágrimas queriam se formar em meus olhos, mas eu tentei ser mais forte.

— Bruna...

— Não. — Falei. — A coitada aqui não precisa da sua pena.

Tentei passar por ele mais sua mão segurou meu braço e me forçou a parar e ficar de frente para ele, mas eu estava andando tão rápido que quando ele fez e eu voltei, fiquei próxima demais a ele. Suas mãos seguraram meu braço, mas o aperto se tornou um toque macio. Eu encarava seu peito coberto pelo tecido da camiseta, ele subia e descia denunciando sua respiração irregular.

Sua mão direita subiu pelo meu braço esquerdo e chegou no meu queixo. Erguendo meu rosto suavemente me fazendo olhá-lo.

— Nunca sentirei pena de você, Bruna. — Ficar tão perto dele estava me deixando nervosa. Meu coração estava acelerado, minhas mãos tremiam. Seu olhar era intenso, seu toque em meu queixo era delicado.

Por um segundo seus olhos deixaram os meus e pousaram em minha boca, involuntariamente passei a língua umedecendo meus lábios. E eu acho que esse foi o meu erro, pois no momento seguinte sua boca tomou a minha. Suas duas mãos envolveram meu rosto e sua língua apoderou-se da minha.

Segurei em seus braços e, por um instante, eu me permito mergulhar naquele beijo, sentir o gosto da sua boca, o sabor de seus lábios. Sua mão desceu até minha cintura me apertando contra ele, assim pude sentir seu corpo forte contra o meu.

Quando nos faltou o ar, Fellipo separou nossas bocas, mas continuou com seu rosto colocado ao meu. Meu cérebro virou geleia, eu não conseguia pensar direito, meus lábios ainda formigavam da pressão exercida por sua boca.

Observei seus olhos se fecharem e sua boca formar uma linha e eu sabia o que viria a seguir.

— Bruna... — Ele sussurrou meu nome e eu me preparei para o impacto da frase seguinte. — Esse beijo não pode se repetir. Nunca mais.

Me afastei dele, minha respiração ainda estava irregular e minha mente uma bagunça de pensamentos.

— Diga isso pra você mesmo, Fellipo. Foi você quem me beijou.

— Vá embora. — Ele disse. — Nossa relação não passará de aluna e professor.

— Ótimo. — Falei e saí do apartamento dele antes que eu fizesse alguma besteira.

Dentro do elevador eu prometi a mim mesma que não obeijaria outra vez. Esse era um erro que eu pretendia não cometer novamente.

Eu esqueceria o que havia acontecido.

Era o melhor a se fazer.



Duas semanas depois

O frio havia chegado com tudo em São Paulo, sair sem levar um casaco era algo inaceitável.

Eu estava sentada no sofá de casa lendo um artigo pra aula de filosofia quando meu celular apitou notificando um e-mail, deixei o artigo de lado e fui ver o que era, podia parecer loucura, mas tinha duas semanas que eu não conseguia me concentrar em nada, estava com a cabeça no mundo da lua. A verdade era que eu não conseguia tirar aquele beijo da minha cabeça, ele ficava ali, martelando dia e noite, como se fosse um lembrete assustador de

algo que eu sabia que não aconteceria de novo. Mas o que eu podia fazer? As vezes eu sonhava com aquele beijo, a sensação de seus lábios nos meus, o toque de suas mãos. Estava ficando maluca.

Abri o e-mail e me assustei com o conteúdo dele.

“Bruna Ávila de Albuquerque, você foi uma das alunas selecionadas para redigir um artigo para a revista Política&Economia. O tema é a ‘Economia por debaixo dos panos’, converse com o seu orientador e nos envie o artigo no prazo de duas semanas.

Att. Luana Machado

Redatora da Revista Política&Economia”

Eu não estava conseguindo acreditar. Me sentei no sofá e reli o e-mail umas cinco vezes antes de me dar conta que eu, juntamente com o Fellipo, escreveríamos um artigo para uma das maiores revistas voltadas para economia dentro do estado de São Paulo.

Quando eu decidi que precisaria enviar uma mensagem para ele, meu WhatsApp notificou uma mensagem. Olhei pela aba de notificações e vi seu nome.

Fellipo: *Meus parabéns, Bruna, por ter sido selecionada para escrever o artigo da Política& Economia.*

Abri a mensagem e fiquei indecisa se responderia ou não. Resolvi responder, sabia que teria que falar com ele uma hora ou outra.

Bruna: *Obrigada. Eu preciso saber por onde começar.*

A resposta veio logo em seguida.

Fellipo: *Vou te mandar um e-mail com artigos que selecionei para poder te dar um norte de onde começar.*

Bruna: *Ok. Obrigada.*

Fellipo: *De nada.*

Bloqueei a tela e me sentei no sofá já pegando o notebook para abrir o e-mail por ali. Eu precisava me concentrar naquele momento e tirar de vez aquele maldito beijo da cabeça.

Passei o restante da tarde absorta lendo artigos e fazendo anotações, quando dei por mim já eram mais de 22 horas. Deixei um pouco as coisas de lado, fui tomar um banho e comer algo. A Tati disse que iria dormir na casa do Jeferson, então resolvi fazer um

lanche simples. Após tudo isso guardei minhas coisas e me deitei, sem um pinga de sono.

Fiquei rolando de um lado para o outro sem conseguir dormir. Por fim, decidi me levantar e fui até a cozinha beber uma água, me servi e peguei meu celular para olhar minhas mensagens. Passei pelos grupos e respondi algumas marcações, procurei alguma coisa interessante e, não encontrando, bloqueei o aparelho, mas meu celular vibrou indicando uma mensagem, pela barra de notificação vi o nome do Fellipo. Franzi a testa e entranhei ele me mandar uma mensagem naquele momento, mas mesmo assim abri a mensagem.

Fellipo: *Mais um artigo para você ler.*

Havia um link anexado à conversa.

Bruna: *Obrigada.*

Fellipo: *Acordada a essa hora?*

Mordi o lábio. Responder ou não? Porn nem pensei direito.

Bruna: *Sem sono, acho que vou aproveitar para estudar algumas coisas.*

Fellipo: *Uma noite de sono é indispensável, Bruna. Tem que dormir bem.*

Bruna: *Você também está acordado.*

Fellipo: *Já não sou tão jovem. Vá dormir, Bruna. Precisa estar com a mente descansada.*

Ponderei sobre o que responderia, por fim acabei colocando uma resposta simples.

Bruna: *Irei, boa noite.*

Nada para no mundo me prepararia para aquela resposta, ainda mais em italiano.

Fellipo: *Buonanotte, ragazza. Dormi bene.* ^[1]

Sorri involuntariamente. Eu só queria entender o que se passava na cabeça desse homem, apenas isso.



Capítulo 7

Bruna

Se eu te disser que tocar sua mão, às vezes, pode me confundir

Que a ideia de ultrapassar o limite é irresistível

Te digo que, embora no fundo eu pudesse me arrepender

Eu confesso, é demais.

Te Confieso -Camila

Eu já estava tomando minha segunda xícara de café. Meus olhos pesavam enquanto eu tentava manter minha atenção focada no artigo em minha frente. Tomei mais um gole de café e tornei a ler o parágrafo pela quarta vez.

Odiava admitir que Fellipo tinha razão ao ter me mandado dormir, eu não estava conseguindo ler uma virgula. Apoiei a cabeça nas minhas mãos e respirei fundo, eu tinha que me concentrar.

— Avisei que você deveria dormir bem, você está com uma cara péssima. — Quase pulei da cadeira tamanho susto que a voz do meu professor me causou.

— Que susto! — Falei colocando a mão em meu peito e ouvindo as batidas frenéticas do meu coração.

Fellipo apenas sorriu e conferiu a hora no relógio.

— Vim lhe convidar para um almoço.

O convite me pegou de surpresa, ainda mais partindo dele, que disse com todas as letras que manteríamos contato apenas como orientador e aluna.

— Almoço? — Resolvi perguntar.

— Sim, Bruna, almoçar. Vamos? Temos que conversar sobre alguns assuntos importantes em relação ao artigo e seu TCC.

Respirei fundo. Se era só isso, eu aceitaria.

— Tudo bem então.

Me apressei em guardar minhas coisas e caminhamos lado a lado até o estacionamento.

— Por que sempre temos que ir no seu carro? — Questionei ao entrar.

— Porque — Ele disse dando a partida. — Sou eu quem está dirigindo, quando for você iremos no seu carro.

Bufei e peguei meu celular para avisar a Duda que não iria almoçar com ela.

Duda: *Almoço com o professor gostoso? Conte-me tudo depois.*

Bruna: *Pelo amor de Deus, Duda. É só um almoço!*

Duda: *Você pode ser o almoço, querida.*

Arregalei os olhos, não queria nem pensar nessa hipótese.

— Algum problema, Bruna? — Nem havia percebido que estávamos parados em um semáforo.

— Não. — Minha voz soou fraca. — Apenas a doida da minha amiga.

— Eduarda?

— Você conhece a peça. — Murmurei e mandei a última mensagem para ela.

Bruna: *Eduarda! Você deveria arrumar um namorado e parar de tentar me arrumar um!*

A resposta veio muito mais rápido do que eu imaginava.

Duda: *Bruninha, no momento meus namorados são os livros de direito! Já você pode estar do lado do seu! Beijos.*

Pro bem do lindo rosto da minha amiga decidi que não responderia sua última mensagem. Logo a Duda cairia do cavalo e eu não via a hora de ver minha melhor amiga apaixonada. Com toda a certeza eu iria tirar sarro do seu lindo rostinho.

Fellipo estacionou o carro perto de um restaurante que eu já conhecia, sorri ao descer do carro.

— Adoro esse lugar. — Comentei.

— Gosta de comida italiana? — Ele parou do meu lado e eu me virei para olhá-lo.

— Sim, era uma das preferidas da minha mãe. — Dei um sorriso triste. — Depois que me mudei para cá e descobri esse lugar venho aqui sempre que posso.

— Interessante. — Ele murmurou. — Vamos?

Assenti e entramos no local.

Era bastante aconchegante, mesas espalhadas de forma estratégicas. A decoração era toda amadeirada, fazendo o ambiente

se tornar rustico, mas os detalhes de florais davam um toque de elegância sem igual ao restaurante.

Nos sentamos e fizemos nosso pedido. Por incrível que pareça o clima entre nós dois estava agradável. Pensei que depois do que houve ficaríamos mais distante e talvez esse clima pudesse não existir. Com isso, notei que se estávamos assim era porque ele já havia se esquecido do beijo e eu precisava fazer o mesmo. Mesmo querendo esquecer de todas as maneiras, as vezes as lembranças ainda me atormentavam.

Enquanto nossos pedidos não chegavam, mantivemos uma conversa leve sobre o artigo, Fellipo me disse que tinha dado do meu antigo orientador nisso e eu sorri com saudades dele. Carlos era um ótimo professor e eu torcia para que se recuperasse logo.

Quando nosso almoço chegou, apenas saboreamos aquele tempero divino. Um dia eu conheceria a Itália, apenas para saber se o tempero italiano era tão saboroso quanto esse.

Terminei de comer e bebi um pouco do meu suco, mas quando fui colocar o copo sobre a mesa e olhei para a entrada do restaurante meu coração deu um salto. Não adiantava sair, ele já havia me visto e caminhava a passos rápidos até a mesa.

— Bruna... — Antes que Fellipo concluísse a frase meu pai chegou à mesa.

— Ora, Bruna, que mundo pequeno, não?

Ele olhava dentro dos meus olhos e eu via algo que eu não sabia discernir o que era. Porém, não ousei respondê-lo, tinha medo de que minha voz falhasse.

— Você não foi no ultimo jantar que marquei. Eu gostaria muito de saber o motivo. Mas como sou uma pessoa muito compreensiva, estou te dando a chance de novamente me encontrar essa noite.

Eu queria muito entender o que ele queria, estava procurando ameaça em sua voz, mas não tinha nada ali e isso estava me deixando nervosa. Não sabia como reagir, não sabia se deveria negar. Toda vez que estava perto dele a mulher adulta sumia e dava lugar a criança que sofreu anos nas suas mãos. Morrendo de medo de levar um tapa ou puxão de cabelo.

— Eu sinto muito, mas a Bruna não vai a lugar nenhum com você. — A voz do Fellipo fez meu pai notar sua presença.

— Eu conheço você. — Antônio falou. — Estava com a Bruna quando a encontrei da última vez.

— Sim, eu estava. — Afirmou.

— Quem é você? — Meu pai perguntou.

— Sou namorado da Bruna.

Essa afirmação me fez olhá-lo, surpresa. De todas as coisas que ele poderia dizer, essa era a única que não se passava dentro da minha cabeça.

— Você não é um pouco velho para ela, rapaz? — Observei Fellipo estreitar os olhos para meu pai e quase, quase falei que ele deveria ser a última pessoa a falar isso, já que a atual noiva dele era praticamente da minha idade.

— Não é a idade que define quando alguém vai sentir algo por outra pessoa. — Fellipo falou e mesmo sabendo que era apenas encenação, meu coração não deixava de bater mais depressa a cada palavra que era dita. — Sua filha é a mulher mais inteligente que eu tive o prazer de conhecer. Focada em tudo que faz, merece todo o reconhecimento do mundo. Além de ser extremamente linda, uma beleza que chega a deixar hipnotizado quem a olha, e eu tenho a maior convicção da sorte que tenho por tê-la como minha namorada.

Eu não tinha reação para aquelas palavras, elas me aqueceram de tal modo que eu não sabia se corria para os braços dele e esquecia tudo que tinha dito ou se somente sorria, meio tímida diante aquelas palavras. Infelizmente, fiquei com a segunda opção.

Percebi meu pai ficar sem reação, ele ficou calado por alguns segundos, apertou os olhos e me encarou. Ele me olhou de uma maneira que não conseguia decifrar, então disse algo que nunca imaginei ouvir dele:

— Cada dia mais se parece com sua mãe.

— Não pareço. — Falei, e era verdade, guardava fotos dela e não me parecia tanto com ela.

— Você não sabe da missa um terço, Bruna. Ainda teremos o nosso jantar, pode apostar nisso. — Então ele se retirou sem dizer mais nada e eu respirei aliviada me recuperando do que ocorreu.

Fellipo veio até mim, se agachando em minha frente. Segurou meu rosto me fazendo olhá-lo.

— Você está bem?

Neguei.

Encontrar meu pai nunca me deixava bem, isso era um fato. Mas não foi só isso que me deixou entranha, na verdade nem sei o que foi, só sei que estava diferente.

— Vamos embora. — Ele se levantou e deixou o dinheiro do almoço dentro da conta.

Antônio nos observava de longe e eu vi que estava acompanhado de sua noiva. Não consegui ver seu rosto, mas podia apostar que tinha quase minha idade. Ele nos olhava com uma expressão vazia. Para dar enfâse ao seu teatro, Fellipo entrelaçou nossas mãos e caminhamos para fora do restaurante.

Já dentro do carro, minha mente esqueceu um pouco meu pai e lembrou do que Fellipo havia falado.

— Por que disse que era meu namorado? — Questionei. Mas ele permaneceu dirigindo em silencio. Se antes eu estava confusa agora então minha mente criava mil teorias sem sentido nenhum. — Fellipo? — O chamei, mas ele estava testando minha paciência ao me ignorar.

Bipolar.

Era a única explicação plausível.

— Eu quero saber o que foi tudo aquilo. Por que você não precisava ter dito metade do que falou. — Eu estava em monólogo e isso estava me deixando irritada. — Fellipo!

Ele parou o carro em uma praça e desceu. Fui atrás dele, ele tinha que falar comigo e não agir como se nada daquilo tivesse acontecido, porém eu tinha medo do que ele poderia responder, por que se ele dissesse que foi somente para que meu pai me deixasse em paz ou então por pena, meu coração se quebraria em milhões de pedaços.

Ele parou bruscamente, quase me fazendo trombar nele.

— Quero uma explicação. — Falei buscando seus olhos.

Ele me olhava de um modo diferente, com mais intensidade. Seu olhar fez borboletas voarem em minha barriga e minha respiração acelerar. Isso não era bom, nem um pouco.

— Gosto de você mais do que deveria, Bruna. — Aquilo me calou e me fez tremer. Não tinha resposta para aquilo. — Mas é um erro. Não posso me envolver com você. Não dessa forma.

Ele estava sendo sincero, mas sua voz e olhar carregavam uma angustia que eu não entendia. Era como se fosse doloroso cada palavra pronunciada. Procurei em minha mente algo para

dizer, mas nada veio, ele tinha esse poder sobre mim, me deixar sem saber o que falar diante de uma situação que nunca pensei que passaria.

— Vamos embora. Eu ainda tenho uma aula para dar agora a tarde. — Ele se virou e não me esperou. Fiquei parada no local, sem mover um músculo, me virei e o observei caminhar até o carro. Não sabia o que estava sentido, muito menos o que pensar a respeito de tudo aquilo.

O caminho para o campus é silencioso, eu apenas olhava para os prédios tentando organizar minha cabeça que parecia ter sido colocada do avesso.

Quando ele estacionou o carro, desci e peguei minhas coisas. Comecei a andar, mas parei e olhei para ele, que me observava.

— Nós só temos essa vida, Fellipo. Não podemos dizer que algo é um erro antes mesmo de saber se vai valer a pena. Não tome decisões por você mesmo. Por que talvez a outra pessoa possa querer e você não sabe.

Ele não me respondeu, então me virei e continuei meu caminho.

Não sabia o porquê tinha dito aquilo. Me perguntei se ele quisesse algo comigo se eu aceitaria. O beijo que trocamos veio a minha mente, junto com as palavras de hoje e meu coração se aqueceu.

Talvez esteja gostando do meu professor. Eu só não sabia se estava preparada para esse sentimento que começava a nascer dentro de mim.



Capítulo 8

Bruna

Nós nos achamos

Eu te ajudei a sair de um lugar destruído

Você me deu conforto

Mas me apaixonar por você foi meu erro

Call Out My Name - The Weeknd

Atingi um nível de melancolia muito grande. Estava deitada no sofá, com um pote de pipoca assistindo uma linda mulher pela décima vez. Amava esse filme e nunca me cansaria devê-lo.

Pausei o filme quando a campainha tocou, praticamente me arrastei até a porta e abri, minha amiga já foi entrando sem ao menos dizer oi. Revirei os olhos, fechei a porta e voltei para o sofá, que já estava ocupado por ela, e sentei ao seu lado, ela já havia tomado posse do controle e do pote de pipoca.

— Esse filme é maravilhoso, não é? — Ela comentou com a boca cheia.

— Sim. — Falei colocando a cabeça em seu colo e ela começou a passar os dedos pelos meus cabelos.

— Agora me conta o que aconteceu, Bruna. — Ela pediu e eu apenas permaneci com os olhos fixos na cena que se passava no filme.

— Não sei o que estou sentindo, é como se milhões de sentimentos se apossassem de mim e eu não soubesse discernir o que prevalece.

— Gosta dele? — Sabia que ela estava se referindo ao meu professor, essa pergunta me cercava a cada pensamento que eu tinha e eu ainda não tinha uma resposta concreta.

— Não sei, mas não consigo tirar ele da minha cabeça. Desde o momento que nos beijamos as coisas se tornaram confusas.

Ela parou de mexer no meu cabelo e pausou o filme. Fechei os olhos por um momento quando me dei conta da besteira que havia dito, me sentei e a encarei, ela estava de boca aberta.

— Vocês se beijaram?

— Sim, no apartamento dele, há umas duas semanas. —
Falei.

— Sua vaca. — Ela disse jogando uma almofada em mim.
— Como você nunca me contou isso?

— Eu só queria esquecer. — Falei encostando a cabeça no
encosto do sofá e fechando os olhos.

— Mas não consegue por que? — A pergunta veio depois
de um tempo de silêncio.

— Porque hoje quebramos mais uma barreira que não
deveria ter sido quebrada. — Falei ainda de olhos fechados. O
almoço de hoje se passava na minha mente como um filme que eu
já assisti milhares de vezes.

— Que barreira é essa?

Me endireitei e a olhei.

— Meu pai apareceu novamente. — Duda revirou os olhos,
porém não disse nada. — Fellipo me defendeu mais uma vez de um
novo convite para jantar, meu pai falou umas coisas só que ele não
deixou se abalar, disse que era meu namorado e que tinha sorte de
me ter como namorada, porque eu era uma pessoa fantástica.

Sua expressão denunciava surpresa, ela também não esperava por essa atitude.

— Caramba! Bruna, sabe o que isso significa? — Ela segurou minhas duas mãos.

— Que ele pode estar me fazendo de trouxa? — Falei meio na brincadeira e ganhei um tapa nas mãos.

— Agora você se fez de burra e isso você não é, meu bem.
— Ela disse. — Ele gosta de você, Bruna.

— Ele disse isso. — Falei.

— E o que você está fazendo que ainda não foi atrás desse homem?

Me soltei de suas mãos, me levantei e comecei a andar pela sala.

— Ele disse que era um erro nos envolvermos, Duda. Não tem como dar certo. Olha para mim, olha para ele. Ele claramente não quer.

— Bruna! Você é a mulher mais incrível que eu conheço! Linda, inteligente, educada, maravilhosa. No dia que eu o vi eu senti que ele é a peça que falta no seu quebra-cabeça.

— Eu nem sei o que estou sentindo, Eduarda. Pode não ser nada, apenas uma pequena parcela de felicidade por saber que ele pode gostar de mim. Mas estou envolta de um turbilhão de sentimentos e sensações que eu não sei qual prevalece.

— E quem sabe isso não é o começo de amor arrebatador, irrevogável e dilacerante. — Ela se levantou, veio até mim e segurou minhas mãos novamente. — Você pode estar se apaixonando e ainda não se deu conta disso. Tudo isso que você sente quando está com ele, essa sensação do desconhecido, pode ser indícios de amor.

A encarei, eu conhecia a Eduarda desde que me entendo por gente e nunca a vi se apaixonar, nunca a vi se envolver com ninguém além dos casos de uma noite que ela tinha. Ouvi-la falar de amor dessa forma era, no mínimo, estranho.

— Como pode ter tanta certeza? — Questionei e ela me lançou um sorriso.

— Apenas sei.

— Mas ainda não sei o que sinto. — Falei.

— Então você precisa descobrir. — Ela se afastou de mim e foi até bolsa onde pegou seu celular.

— O que vai fazer? — A curiosidade tomou conta de mim.

— Simples. Vamos nos divertir. — Ela me olhou sorrindo. — Você precisa se divertir, tirar um pouco seu professor da cabeça e colocar os sentimentos no lugar para se entender um pouco.

— Certo, e eu faço isso como?

— Festa do pijama. A Tati, você e eu, hoje à noite. Vamos aproveitar que amanhã é feriado e vamos colocar o papo em dia.

— Acha mesmo que a Tati vai dispensar o Jeferson para ficar com a gente? — Isso era algo que eu duvidava.

Ela estava digitando freneticamente no celular.

— Vai sim. Ela não é nem doida de não aceitar.

Apenas observei minha amiga. A Eduarda era a mais sem juízo de nós três, mas era a que nos salvava sempre que precisávamos. Estava sempre disposta a nos ajudar. Nunca dizia um não quando o assunto era a Tati e eu. Éramos aquele trio de amigas inseparáveis, que sempre fazia planos que não davam certo, brigávamos, mas sempre fazíamos as pazes. A diferença entre nós três gritava alto, mas isso era fundamental em nossas vidas, pois elas me completavam e vice-versa.

Duda me olhou com um sorriso no rosto.

— Se prepare, Bruna. Temos uma noite do pijama.

E a Duda sempre conseguia nos fazer dizer sim para suas ideias, como já havia dito uma vez, era impossível ir contra seus argumentos.



— Tati, você se lembra quando quis ficar com Victor? — A Duda Perguntou e eu ri quando a Tati fez uma careta.

— Não gente, vamos lembrar dos momentos felizes da minha vida. — Ela disse.

— Mas ele foi feliz. — Duda disse comendo outra coxinha.
— Pra nós, nunca em minha vida pensei que ele fosse fazer aquilo.

— Nem eu. — Tati falou gemendo.

O negócio foi que a Tati gamou em um cara chamado Victor, mas quando os dois finalmente iriam ficar, ele teve uma ejaculação precoce, ficou com tanta vergonha que deixou minha amiga sozinha e só entrou em contato com ela duas semanas depois.

— Pelo menos não fui eu que queria ficar com um cara gay.

— Tati falou jogando a bomba agora pro colo da Duda.

— Como eu iria adivinhar? — Ela se defendeu. — Ele não dava nenhuma pinta. Era lindo demais, gostoso demais, perfeito demais.

— Tudo que é perfeito demais acaba sendo estranho. —
Falei rindo.

— Enfim, pra tudo tem uma primeira vez. — Ela disse dando de ombros.

— Ele foi mesmo atrás do seu irmão? — Tati perguntou se servindo de um copo de suco.

— Acho que não. — A Duda falou sorrindo.

— Mas como ele está? — Perguntei.

— Na mesma, como sempre. — Ela falou comendo, ela não engordava de ruindade, certeza por que comia igualzinho um pedreiro pela hora da morte.

— Ele tem planos para voltar ao Brasil? — Tati perguntou.

— Meticuloso e certinho como ele é? Acho que não. Ainda mais agora que os negócios estão expandindo.

— Uma pena. — Tati comentou.

Estreitei os olhos para minha amiga.

— Ainda sente algo pelo William? — Perguntei.

William era irmão gêmeo da Eduarda e foi a primeira paixão da Tati, namoraram por cerca de um ano, quando ele decidiu ir morar no exterior para fazer faculdade e trabalhar.

— William foi minha primeira paixão, Bruna, é normal me preocupar. E nós crescemos todos juntos. Nosso relacionamento pode não ter dado certo, mas ainda somos amigos. E tem mais, eu amo o Jeferson, não o trocaria por nada nesse mundo. — Ela disse e eu sorri.

Tudo que ela falou era verdade, e além do mais, o que ela tinha com o Jeferson não chegava perto do que ela teve com o William. O Jeferson e a Tati eram mágicos juntos, você sentia o amor dos dois apenas ao vê-los juntos.

— E ficamos feliz por você estar feliz. — Eu disse.

— E você, dona Bruna? — Tati perguntou.

— Eu o que? — Me fiz de inocente.

— Nem vem, quero saber o que está acontecendo entre você e seu professor.

— Não sei. — Confessei e despejei a história inteira nela.

— Se ele gosta de você, lute por ele. — Tati falou como se fosse simples.

— Mas eu não sei se gosto dele. — Falei exasperada. Não queria tocar nesse assunto de novo.

— Bruna, se arrisque. Você se arriscou pelo Gustavo.

— Gustavo foi diferente. — Rebatí. — Nós éramos amigos, nos davamos bem, o namoro e o noivado foram uma consequência, mas nós dois não éramos para ser.

— Então seja com o Fellipo. — Duda falou. — Falta só você abrir os olhos e notar essa pequena chama do amor que começa a crescer dentro de você.

Ela se levantou e caminhou para a cozinha.

— Ela tem razão. — Tati disse se levantando também. — Não adianta ficar se enganando, Bruninha. Não deixe o amor fugir da sua porta.

— Mas como eu sei que é amor se eu nunca senti? —
Contra argumentei.

— É por isso que você tem que se permitir descobrir, Bruna.
Se permita viver um pouco e descobrir o que amor pode fazer com
duas pessoas.

— E como eu vou saber... — Ela me interrompeu.

— Você vai saber sem ninguém precisar te falar. Você
simplesmente vai saber.

Ela foi pra cozinha também e eu me perguntei o que eu faria
a respeito.

Peguei meu celular e em um ato de coragem, que eu não
fazia ideia de onde saiu, eu enviei uma mensagem para Fellipo.

Bruna: *Se você quiser eu quero tentar também, não posso
ficar com dúvidas dentro de mim. Ou eu te esqueço de uma vez ou
vamos viver algo que nunca imaginei que eu pudesse viver.*

Não esperei pra ver se ele responderia agora, desliguei o
celular e fui para onde as meninas estavam. Só pegaria no celular
amanhã de manhã. Essa noite era apenas minha e das minhas
amigas.



Capítulo 9

Bruna

Eu não digo uma palavra

Mas ainda assim, você tira o meu fôlego e

rouba as coisas que eu sei

Lá vai você, me salvando do meio da multidão

Fire On Fire - Sam Smith

Tive a melhor noite de todas.

As meninas e eu rimos pra caramba e nos divertimos à beça. Estava sentindo falta dessa nossa interação. Desde que entramos para a faculdade e começamos a andar por caminhos diferentes, nos afastamos um pouco. Nossa sorte é que nossa amizade possuía um elo forte e nem mesmo essas idas e vindas foram capazes de nos separar.

Acordei pela manhã e as meninas estavam fazendo café, me sentei e as observei conversando.

— A Bela Adormecida acordou, olha lá. — Tati falou com uma xícara na mão.

— Dormi demais? — Questionei pegando uma torrada e passando geleia.

— Você descansou tudo que precisava. — Duda respondeu. — É diferente.

Comi a torrada e contive a vontade de ir atrás do meu celular, não iria fazer isso.

— O que acham de passarmos o dia no shopping hoje? — Tati perguntou.

— Uma ótima ideia. Estou mesmo precisando comprar algumas roupas.

— Acho que vou ficar, preciso ler alguns artigos ainda... — Falei.

— Nada disso. — As duas disseram juntas. — Você vem com a gente. Vamos almoçar por lá mesmo e depois podemos encontrar os meninos.

— Que meninos? — Duda questionou.

— Jeferson e Gustavo.

Revirei os olhos. Grande coisa.

— Por favor, meninas. — Implorei.

— Nada disso. — Duda me empurrou para o quarto —
Vamos nos arrumar, anda.

Não adiantava discutir, e eu era um voto vencido, elas me levariam nem que fosse amarrada.

Sem ter como protestar me arrumei e enquanto elas estavam terminando de se vestir peguei meu celular, liguei e conferi as mensagens.

A mensagem que eu havia mandado para Fellipo estava visualizada, mas não havia nenhuma resposta. Meu coração deu um salto e uma onda de vergonha tomou conta de mim. Onde eu estava com a cabeça? É claro que ele não iria aceitar, eu era sua aluna. Muitos anos mais nova, imatura e muitas outras coisas. Apaguei a mensagem e tentei esquecer que havia mandado isso para ele.

Minhas amigas saíram do quarto conversando e rindo.

— Vamos? — Perguntei com minha melhor cara de “não acabei de levar um fora”.

— Está tudo bem?

— Sim, porque não estaria? — Falei e joguei o celular em cima do sofá, decidi que não o levaria.

— Então vamos. — Duda falou e saímos do apartamento.



— Tem certeza de que está bem, Bruna? — Gustavo jogou uma bolinha feita com guardanapo em mim.

— Mas que saco, Gustavo. — Peguei a mesma bolinha e joguei nele.

— Vocês dois parecem duas crianças. — A Duda falou tomando seu sorvete.

— Foi ele quem começou. — Resmunguei.

Tati e Jeferson riram.

— Se vocês ainda estivessem noivos, diria que ele tinha te irritado. — Jeferson comentou fazendo graça.

— Tati mais uma piada do seu namorado e você fica viúva antes de casar. — Ameacei.

— Caramba, Bruna. — Ela respondeu. — Que bicho te mordeu hoje? Não estava com esse humor ácido hoje de manhã.

Respirei fundo. Ela tinha razão.

Droga.

Até minhas emoções o filho da mãe do meu professor estava conseguindo controlar.

— Já até sei o que é. — Gustavo falou baixo, porém todos ouviram.

Ele me encarou, se levantou da mesa e estendeu a mão para mim.

— Vem, vamos andar um pouco.

Olhei para sua mão estendida e segurei, no mesmo instante ele me puxou. Saímos da lanchonete e andamos por um bom tempo sem falar nada.

— Fellipo me deu um fora. — Soltei.

— Não deu não. — Ele falou, e eu parei olhando para ele.

— Como sabe?

— Bruna, nenhum homem em sã consciência te daria um fora. — Continuou a andar e eu o segui.

— Não ele. Fellipo é diferente, Gustavo.

— Bruna — Ele parou e segurou meus braços. — Você não sabe o que ele passou. Não sabe o que aconteceu na vida dele há anos. A única coisa que posso te dizer é que ele tem medo de se relacionar novamente. Dê um tempo a ele.

— Como você sabe de tudo isso, Gustavo? — Perguntei.

— Somos amigos, Bruna, de longa data digasse de passagem. Confie em mim quando digo que tudo vai se ajeitar, só de um tempo pra ele.

Passei as mãos no rosto.

— Por que eu sinto que você está me escondendo algo?

Ele deu um sorriso sutil, que eu me lembrei perfeitamente de ter me apaixonado por ele.

— Na hora certa você vai descobrir, sempre foi curiosa, Bruna, tente deixar as pessoas te surpreenderem.

— Isso as vezes não é bom. — Falei e voltei a andar.

Seu braço passou pelo meu ombro e ele comentou:

— Exato, às vezes, mas na maioria é.

Decidi não responder, apenas continuamos andando sem rumo pelo shopping.



Estava sozinha outra vez em casa. Depois do shopping a Tati falou que passaria a noite com o Jeferson, Gustavo me deixou aqui e levou a Duda para a casa dela.

Coloquei um filme para assistir e peguei um pote de sorvete que havia comprado para comer nessas horas de melancolia extrema. Vestia apenas uma camiseta larga, uma que peguei quando ainda estava com o Gustavo. Gostava dela e me sentia confortável em dormir usando-a. Meus cabelos presos no alto da cabeça e meus óculos para descanso.

Não me importei em pegar uma taça pro sorvete, parecia que comer no pote aumentava meu estado de “Levei um fora do meu professor e preciso aprender a lidar com isso”. Chegava a ser patético, mas era assim que eu me sentia.

No momento que cheguei em casa e conferi para ver se tinha alguma mensagem dele e nada, me senti mais idiota ainda. Desliguei o aparelho e decidi me afundar no doce e em filmes que me fariam chorar no final.

Eu já estava no terceiro filme deprimente e já tinha devorado o pote de sorvete, agora era vez da caixa de chocolates, quando a campainha começou a tocar interruptamente. Pausei o filme e revirei os olhos, deveria a ser a minha vizinha chata, que toda vez que o marido saia de casa ela vinha para minha porta se lamentar.

— Já vai! — Falei andando até a porta e falando pra mim mesma que se fosse ela eu iria tratar de dispensar.

Mas ao abrir a porta parei imediatamente, essa visita eu não estava esperando.

— Fellipo? — Minha voz saiu como um sussurro pesado.

Permanecemos nos encarando por um tempo, eu não sabia o que falar ou como agir e, pelo visto, ele também não. Mas pra minha surpresa, ele iniciou o assunto.

— Bruna, o que você está fazendo comigo? — Não respondi sua pergunta, então ele continuou. — Tem noção de como sua mensagem mexeu comigo? Tem noção disso?

— Fellipo...

— Espera eu terminar de falar. — Ele interrompeu. — Minha vida é complicada demais para eu entrar em outro relacionamento,

Bruna. Sabe quantos problemas teríamos que enfrentar? Quantos julgamos? Nunca daria certo!

Suas palavras vieram como um balde de água gelada em cima de mim, o encarei furiosa.

— Então o que você está fazendo aqui? Veio aqui só pra me dizer isso? O que você tem na cabeça?!

Não me importava se os vizinhos iriam escutar ou coisa parecida, só queria bater nesse filho da mãe até tirar ele da minha mente.

— O que eu tenho na cabeça? — Ele gritou. — Você, Bruna! Eu tenho você na cabeça! Não consigo parar de pensar em você um minuto sequer. Não posso me concentrar em nada, qualquer coisa me faz pensar o que você pode estar fazendo ou com quem estaria.

Ele conseguiu me calar de novo, passou as mãos nos cabelos como se estivesse cansado disso tudo.

— A sua mensagem acabou com o fio de esperança que me restava para te tirar da minha cabeça. Como eu vou te esquecer sabendo que você também me quer?

— Mas eu sou um erro, você mesmo me disse isso. — Joguei o que ele havia me dito na sua cara.

— E não deixa de ser. Bruna, você é o erro que eu quero cometer mesmo sabendo que posso me dar mal no final.

O que esse homem tinha que conseguia me deixar sem argumentos para contradizê-lo?

— Isso significa que? — Tentei não deixar transparecer o fio de esperança que tinha dentro de mim.

Ele se aproximou ainda mais de mim e eu preendi a respiração.

— Não sabia que usava óculos. — Ele comentou tocando minha armação.

— Descanso apenas. — Sussurrei, sem tirar meus olhos dos deles.

Sua mão desceu pro meu pescoço e segurou minha nuca.

— Eu sou completamente maluco por aceitar o que você escreveu na sua mensagem.

— E as consequências...

— Foda-se. Estou cansado de viver com medo do que as pessoas vão falar sobre a minha vida, Bruna. No momento eu só quero viver e se for pra ser com você, vai ser melhor ainda.

Sorri e ele sorriu em resposta. Parecia ser algo tão errado e ao mesmo tempo certo, mas quem se importava? Ele estava aqui, na minha porta dizendo que queria ficar comigo independente do que as pessoas iriam dizer, eu deveria me sentir a pessoa mais sortuda do mundo.

Ele se aproximou ainda mais de mim.

— Tem certeza disso? — Perguntei apenas para confirmar. Na verdade, ainda não estava acreditando nisso.

Sua boca tocou minha bochecha suavemente e eu fechei os olhos, apenas absorvendo essa sensação. Sua barba por fazer arranhou o caminho que ele trilhou até minha orelha.

— Eu tenho toda a certeza do que eu quero, Bruna. E nesse momento eu quero você.

Ele se afastou e eu abri os olhos para observá-lo.

— Também quero você. — Falei.

— Vou beijar você. — Disse e antes que eu respondesse, o espaço entre nós dois se fechou e sua boca se apossou da minha. Suas mãos foram para minha cintura aproximando ainda mais nossos corpos e segurei sua nuca para que ele aprofundasse o beijo.

Sua língua conhecendo minha boca e me beijando de maneira tortuosa. Mordiscando meu lábio e me fazendo suspirar.

Depois desse beijo ele me abraçou.

— Não quebre meu coração, Bruna. Só te peço isso.

— Não vou quebrar. — Sussurrei, e ele me beijou novamente e entramos no meu apartamento.

Acho que finalmente algumas coisas fizeram sentido para mim, mais ainda faltavam muitas outras, mas eu tiraria essa dúvida depois.



Capítulo 10

Bruna

Renda-se, como eu me rendi.

Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.

Não se preocupe em entender,

viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

Ainda parecia um sonho, na verdade não parecia não, Fellipo fazia questão de provar que era real. Estava acontecendo de verdade, ele realmente estava ali comigo. Eu tinha tanto para saber, tanto para descobrir, mas ele não me deixou fazer perguntas. Ele que estava curioso para saber tudo sobre mim, meus gostos, manias, comidas preferidas, cores, filmes, músicas.

Acho que nunca falei tanto sobre mim em tão pouco tempo, acho que nunca sorri tanto e fiquei tão encantada por uma pessoa.

Eu estava me comportando feito uma adolescente que nunca ficou com um cara sozinha.

Era mágico.

Único.

Era perfeito.

Não aconteceu nada entre nós, fomos assistir um filme e dormimos no meio, nem sei o que houve no final. Agora, estávamos deitados no sofá, eu já havia acordado, mas estava com medo de abrir os olhos e o sonho se esvair. Tinha esquecido de fechar a janela ontem à noite, e a claridade do dia passava por entre as cortinas, deixando o ambiente claro.

Eu estava prestes a abrir os olhos quando um grito me fez levantar e me sentar em um pulo.

— Não estou acreditando no que meus olhos estão vendo!

— Olhei para a Tati e vi a confusão nos olhos de Fellipo ao se sentar, ainda com cara de sono, e ver minha amiga ali como se tivesse acabado de ganhar na loteria.

— Não estou acreditando, não estou mesmo! — Tati falou dessa vez em seu tom de voz normal.

— Precisava gritar? — Perguntei.

— Claro que precisava, não é todos os dias que eu vejo essa cena. — Ela disse sorrindo. — Acho que você se lembra de mim, sou a Tati uma das melhores amiga da Bruna, dividimos o apartamento.

Fellipo piscou algumas vezes, mas confirmou com um aceno que se lembrava da minha amiga e se virou para mim.

— Bruna, onde fica o banheiro? — Ele perguntou.

— Corredor, segunda porta à direita. — Falei, ele se levantou, beijou minha testa e saiu logo em seguida.

Observei-o enquanto ele seguia o trajeto que eu disse. Era ainda mais sexy quando acabava de acordar. Senti um pano ser jogado em meu rosto.

— Limpa a baba, Bruna. — A Tati falou rindo.

— *Ha, ha, ha, ha.* — Falei, mas mesmo assim sorri para ela.

— Me conta como ele veio parar aqui. — Ela sussurrou se sentando no outro sofá.

Suspirei. Nem eu estava acreditando ainda.

— Não sei, Tati, só sei que ele está aqui e quer tentar algo.
Eu ainda não acredito sabe.

— Pois acredite, amiga. Ele gosta de você.

— Será? — Eu ainda tinha minhas dúvidas.

— Está estampando na testa dele. — Ela falou sorrindo e então veio me abraçar. — Estou feliz por você. Merece mais do que ninguém ser feliz.

— Obrigada. — Falei.

Fellipo apareceu totalmente recomposto na sala.

— Preciso ir para casa, eu tenho uma reunião daqui há duas horas. — Ele me olhou. — Se importa se nos falarmos mais tarde?

— Não. — Falei, ele olhou para Tati.

— Queremos manter sigilo, Tatiane. — Ele falou. — Pelo menos por um tempo.

— Pode deixar, não vou comentar com ninguém. A vida é de vocês, na hora certa vocês decidem contar.

— Obrigada. — Olhou para mim e sorriu. — Me leva até a porta?

— Claro. — Falei. Sai de perto da minha amiga e acompanhei o meu... ainda não sabia o que éramos, mas eu não me preocuparia com isso agora.

Abri a porta, saímos e a fechei atrás de mim.

— Ela vai manter segredo?

— Vai sim, confio nela. — Falei. — Vai me mandar mensagem?

Ele sorriu e se aproximou de mim e colocou meus cabelos atrás da orelha,

— A todo instante eu vou te mandar mensagem, Bruna. Por que parece que ainda tem medo?

— Penso que ainda poder ser um sonho. — Falei olhando para baixo e sua outra mão tocou meu queixo me fazendo encará-lo.

— Não é um sonho. — Ele disse. — Eu deveria pensar assim, você parece não existir, Bruna. Parece tão frágil, mas ao mesmo tempo tão forte. Quer ser protegida, mas ao mesmo tempo desbravar o mundo. Você entrou na minha vida e fez uma bagunça que eu não imaginava ser possível, mas vai ser a mesma pessoa a organizar tudo. Você é um anjo em minha vida, Bruna.

Apenas fiquei olhando para ele, com um misto de sentimentos tomando conta de mim, se apoderando de mim como a noite se apodera do dia ao anoitecer.

— O que você está fazendo comigo? — Sussurrei.

Ele encostou nossos narizes e sorriu.

— Me faço a mesma pergunta em relação a você. — Ele sussurrou e me beijou.

Ele ainda me levaria a loucura. Eu tinha certeza disso, ele se separou, mas ainda me deu um selinho.

— Nos falamos mais tarde.

Então saiu em direção ao elevador e entrou, quando as portas se fecharam entrei no meu apartamento e fechei a porta com um sorriso bobo nos lábios.

— Agora eu quero saber de tudo. — A Tati falou me entregando uma xícara de café.

— Acho que não importa muito. — Respondi bebendo um pouco. — Só o que vai acontecer daqui pra frente. Eu tô feliz e isso que importa.

— Se ele te magoar eu o mato, pode anotar.

— Anotado. — Falei sorrindo e ela veio me abraçar.

Estávamos felizes e era o que importava.



Uma semana depois

A semana passou voando, acho que o fato de eu ter que dividir meu tempo entre os estudos e me encontrar com o Fellipo fizeram o tempo passar mais rápido, confesso que me encontrar com ele fazia meu dia se tornar mil vezes melhor, sem contar que eu contava os segundos para vê-lo, nem que fosse para ter aulas com ele. Eu parecia um adolescente quando estávamos juntos ou quando ele entrava em sala para dar aula, chegava até a suspirar, porque não tinha condições dele ser tão lindo desse jeito.

Eu estava sentada em banco do shopping esperando-o chegar para podermos ir ao cinema, ele havia mandado uma mensagem mais cedo avisando do engarrafamento que tinha pego e que demoraria um pouco. Resolvi ir em uma livraria e comprar algum livro para passar o tempo, mesmo tendo uma pilha enorme em minha casa esperando um momento para ser lido.

Andei pelas prateleiras a procura de algo que pudesse me chamar a atenção, olhei capas, títulos, mas nada ainda havia me fisgado.

— Bruna? — Tirei os olhos do livro que eu tinha em mãos, olhei para cima e vi uma pessoa que eu não via há alguns anos.

— Mariana? — Ela sorriu e me abraçou.

— Como vai, Bruna. Que saudade de você, está ainda mais bonita. — Ela falou e eu sorri.

— Obrigada, mas o que faz aqui? Pensei que ainda estava na Itália.

— Cheguei hoje de manhã, vim resolver algumas coisas.

— Gustavo não me disse que você viria, saímos ontem e ele ficou calado. — Comentei.

— Ele não sabia que eu viria, resolvi fazer surpresa. — Ela sorriu.

— Imagino que tenha feito. — Respondi e ela concordou.

— Uma pena que vocês dois tenham terminado, você ainda tem o posto de cunhada preferida.

Sorri e meu celular tocou.

— Oi, Fellipo, tudo bem, beijo. — Ele chegaria em 15 minutos.

— Namorado? — Ela questionou após eu encerrar a ligação. Sorri.

— Digamos que sim. — Falei.

— A fila anda não? Bom, deixa eu ir embora, foi ótimo te encontrar. — Ela me abraçou e saiu da livraria. Dei de ombros e voltei a procurar um livro.

Então eu vi um, tinha a capa delicada, toda em tons de rosa. Tinha o título de Minha Sapatilha Mágica, apenas o título já havia me encantado e quando li a sinopse me apaixonei mais ainda. A autora era brasileira e se chamava Andressa Gomes, decidi que levaria aquele livro e o leria primeiro que os outros, tudo me chamava a atenção ali como se gritasse “Me leia” à quilômetros de distância.

Paguei o livro e fui esperar o Fellipo na entrada do cinema.

Após o filme, fomos comer em uma das lanchonetes do shopping.

— Tenho uma notícia para você. — Ele disse depois de um tempo.

— O que?

— O artigo vai ser publicado na próxima edição da revista.

Arregalei os olhos.

— Sêrio?

— Sim. — Ele disse sorrindo, eu mal podia acreditar. Era tudo que eu mais queria e sonhava. Era um dos meus sonhos se tornando realidade.

— Nem estou acreditando. — Falei.

— E não é só isso. — Ele disse e me encarou.

— O que tem mais? — Ele sabia como aguçar minha curiosidade.

— Eles gostaram tanto do seu artigo que você foi chamada para ser uma das palestrantes de uma das maiores conferências sobre economia que acontece todo ano no Rio de Janeiro.

Se eu estivesse em pé tinha caído, certeza. Minha boca se abriu em um perfeito “o”, não conseguia acreditar.

— Meu Deus! — Foi tudo que eu consegui dizer durante um bom tempo.

Esse era um importante passo dentro da carreira que queria seguir, mais um objetivo sendo alcançado, com muito esforço e luta.

— Parabéns, meu amor. — Ele disse apertando minha mão, era a primeira vez que me chamava de amor, mas eu estava tão atônita com a notícia que nem quis comentar.

Olhei para ele e retribui o aperto de mão.

— E agora? — Perguntei.

— Vamos entrar com a papelada na faculdade para podermos viajar, a conferencia é daqui há duas semanas.

— Podemos? — Perguntei.

— Sou seu professor orientador, Bruna. Tenho que viajar com você. — Ele falou e me lançou um sorriso sacana. Meu Deus, esse homem passava de sério para safado em um piscar de olhos e, como uma adolescente boba, corei até alma.

Eu sabia muito bem o que poderia acontecer nessa viagem e só de imaginar um frio percorria todo o meu corpo.



Eu não era nenhuma virgem, mas não sabia como me portaria quando chegasse a hora de me entregar para o Fellipo.

— Bruna, seu nervosismo está me deixando nervosa também. — A Duda falou.

— Desculpa. — Respondi. — Mas eu não sei o que fazer.

— Bruna. — A Tati segurou minhas mãos. — Não precisa fazer nada, Fellipo vai te guiar, amiga, pra que esse nervosismo todo?

— Medo. — Sussurrei. — E se eu me entregar e ele quebrar meu coração depois?

— Aí nós o matamos. — A Duda disse. — Mas não se precipite, faça tudo no seu tempo. Vai dar tudo certo, amiga. Vocês dois são o casal mais lindo que já vi. Não vai acontecer nada de errado, confia na gente.

— Confio. — Confirmei.

— Então pronto. — A Tati falou. — Se ele quebrar seu coração, vamos estar aqui para ajudar você a juntar todos os pedaços.

Me levantei e abracei as duas. Elas eram a melhor família que eu poderia ter naquele momento.



Estava deitada mexendo no celular, nada de importante, apenas navegando aleatoriamente pelo Instagram quando meu celular vibrou com uma mensagem, estranhei pois o número não estava registrado em minha agenda, mas o conteúdo me fez tremer de medo.

“Acho melhor você se afastar do Fellipo por bem, se não terei que afastá-la com minhas próprias mãos e te garanto que você não vai gostar nem um pouco.”

Meu celular caiu das minhas mãos, meu coração estava acelerado. Peguei o aparelho novamente e havia mais uma mensagem.

“Será pro seu próprio bem, afinal, ou eu fico com ele ou nenhuma de nós duas fica. A escolha é sua, Bruna.”



Capítulo 11

Bruna

Conheci o amor, só de te olhar

Tava quase congelando

Você veio pra esquentar

Conheci o amor, e ele me fez ver

Que eu voei tempo demais

Deixa eu pousar em você

Gustavo Miotto – Contramão

Duas semanas depois

Estávamos no avião que nos levaria para o Rio de Janeiro, eu folheava o livro Minha Sapatilha Mágica afim de me perder na leitura pela terceira vez, não conseguia parar de lê-lo, queria esquecer tudo que já havia lido apenas para me apaixonar pelo casal Lorena e Lorenzo novamente. A história de amor dos

personagens me envolvia e me deixava extasiada, além da maneira da autora contar a história com tanta perfeição.

— Você gostou mesmo desse livro, não é? — A voz do Fellipo me fez levantar os olhos e olhá-lo.

— É um livro cativante. — Falei. — Se pudesse, toda vez que eu o terminasse, queria esquecer tudo que li apenas para começar e me apaixonar de novo pelos personagens.

— Essa é uma das coisas que me encanta em você. — Ele falou me analisando.

— O quê?

— Seu amor pela leitura. Mesmo tendo milhões de coisas para fazer, você ainda procura um tempo para ler.

Sorri para ele.

— Era uma das paixões da minha mãe, não tinha como não levar esse pedaço da vida dela para a minha. — Sorri com tristeza. — Ela era fascinada por livros, tinha uma biblioteca em casa, era meu canto favorito. Depois que minha mãe morreu meu pai a trancou e eu nunca mais entrei ali.

Sua mão apertou a minha.

— Seu pai não merece ser chamado de pai, um homem que faz o que ele fazia merece cadeia, Bruna, e você sabe disso.

Apenas confirmei e fechei o livro.

— Eu não tenho forças para fazer isso, Fellipo, nunca tive e não sei se terei. —Fui sincera com ele, eu precisava ser afinal.

— Te entendo, mas se precisar denunciá-lo fale comigo, irei com você.

— Obrigada. — Ele sorriu e me deu um beijo na testa.

— Durma, amore mio^[2]. — Ele disse. — Você precisa descansar.

— Irei. — Falei guardando o livro e aconchegando minha cabeça em seu ombro.

Esse homem seria minha perdição por completo, eu tinha medo de ser quebrada em milhões de pedaços se algum dia terminássemos.

Não que planejasse uma vida com ele, mas estávamos juntos há mais de mês e viver um relacionamento escondido com meu professor não estava nos meus planos.

Mas me envolver com ele parecia tão certo, era algo que eu não me arrependia nunca e mesmo se acabasse e eu saísse quebrada, não iria me arrepender também.

Sabia que ele tinha seus demônios, e seu passado era um mistério para mim, evitávamos falar dele, mas sabia que tinha algo que o machucava.

Não contei para ele das mensagens que recebi. Não poderia, o deixaria preocupado e como só havia recebido aquelas duas, imaginei que fossem apenas uma brincadeira de mal gosto, pelo menos eu torcia para que fossem.

Resolvi me desligar dos meus pensamentos e dormir um pouco, eu precisava desse descanso.



Fazia anos que eu não ia para o Rio, pisar ali novamente trazia à tona lembranças da minha infância. Algumas eu guardava com todo amor e carinho dentro da minha mente, outras eu queria esquecer a todo custo.

— Está tudo bem? — Fellipo perguntou depois que entramos no táxi.

— Sim, apenas algumas lembranças. — Falei encarando a janela.

— Se quiser conversar sobre isso depois, estarei disposto a te ouvir.

Me virei para ele e sorri.

— Obrigada por estar comigo. —Agradei.

— Sempre, tesoro mio^[3].

Sorri, gostava quando ele falava em italiano comigo, era algo raro, mas era totalmente diferente, apesar de não entender algumas coisas que ele dizia.

— Espero que não se importe. — Fellipo disse depois de um tempo.

— Me importar com o que? — Falei.

— Dei o meu jeito e consegui que ficássemos no mesmo quarto.

Olhei para ele e abri a boca.

— E se descobrirem? — Ele sorriu e beijou minha mão. — Não creio que descubram, mas se descobrirem não podem fazer

nada, Bruna. Somos adultos, maiores de idade e completamente responsáveis por nossos atos.

Confesso que fiquei nervosa e antes que eu pudesse falar mais alguma coisa, o carro foi perdendo a velocidade e parando em frente ao hotel.

Fellipo desceu e eu o acompanhei pegando minha bolsa ao mesmo tempo que meu celular começava a tocar e vi o nome da Tati brilhar na tela. Atendi enquanto seguia Fellipo para dentro do hotel.

— Fala, Tati.

— Sei que está em lua de mel e todas essas coisas, mas tenho uma coisa para te contar.

— Não estou em lua de mel, Tati! — Não adiantava explicar as coisas para minha amiga.

— Que seja. — Foi aí que notei que sua voz estava esquisita.

— Aconteceu alguma coisa? — Perguntei.

— Chegou uma carta para você.

Franzi o cenho, eu não era de receber cartas, mas também não era pra tanto, não estava entendendo o todo esse alarde.

— Não é o fim do mundo, Tati. — Tentei soar calma, mas um frio involuntário percorreu minha espinha.

— É o fim do mundo quando esse envelope é completamente vermelho e no remetente diz “Bruna – Traidora”

Isso sim me fez parar e me afastar enquanto Fellipo conversava com a recepcionista.

— Abre o envelope e me diz o que está escrito. — Pedi.

— Certeza? — Sua voz era apreensiva.

— Sim.

Ouvi o barulho de um papel sendo rasgado e em seguida a Tati soltou um pequeno grito.

— O que houve? — Perguntei.

— *“Você sabe exatamente do que eu estou falando, Bruna. É melhor fazer o que eu pedi e se afastar do Fellipo.”* Bruna, que brincadeira é essa? — A voz da Tati saiu de apreensiva para desesperada.

— Não sei, mas vou descobrir. Guarda isso dentro das minhas coisas, quando eu chegar eu resolvo. — Pedi e senti as mãos de Fellipo em minhas contas. — Tenho que desligar, se cuida.

Encerrei a chamada.

— Está tudo bem? — Ele perguntou.

— Sim, apenas a Tati querendo saber como foi a viagem.

— Certo, vamos? Logo nossas coisas vão ser levadas pro quarto.

Assenti e ele me guiou até o elevador.

Assim que chegamos no quarto, o fato de que dormiríamos juntos caiu como uma bomba em cima de mim. Não sabia se estava pronta para isso.

— Um beijo pelos seus pensamentos. — Ele sussurrou em meu ouvido e eu arrepiei.

Me virei para olhá-lo.

— Não sei se estou pronta. — Falei e ele sabia ao que eu me referia, suas mãos seguraram meu rosto e sua testa encostou na minha.

— Você não precisa fazer nada do que não queira, respeito você. — Ele olhava dentro dos meus olhos a cada palavra dita. — Mas só o fato de poder dormir com você nos meus braços me deixa extremamente feliz.

Sorri.

— Você não existe.

— Existo, você que parece ser um sonho para mim, Bruna. — Seus lábios encostaram em minha testa e permaneceram ali por um tempo. — Você me tem nas mãos, mulher.

Acho que não encontrei palavras para dizer, então o beijei. Ainda não sabia nomear o que tínhamos, mas era bom. Era algo que eu não imaginava ter e a cada dia que se passava eu entregava meu coração aos poucos para esse homem e o medo das consequências se apoderavam de mim com força, mas decidi ignorar esse medo e apenas viver esse momento.

Me permitiria viver um pouco, nem que fosse apenas nessa viagem, porque algo me dizia que depois dela não teríamos sossego.



Não esperava a reação do Fellipo ao me ver saindo do banheiro completamente arrumada, estava usando um vestido rodado que era todo justo na cintura, um salto médio preto, cabelos soltos e uma maquiagem discreta, mas sua reação dizia que ele estava vendo uma deusa parada em sua frente.

— O que foi? — Perguntei com medo de ter exagerado na produção, iríamos jantar fora e passear um pouco já que a conferencia só começaria amanhã.

— Se sairmos com você vestida assim e algum cara te olhar com segundas intenções, passarei a noite na cadeia com muito gosto.

Tive que gargalhar com isso.

— Se contenha, Fellipo. — Falei segurando sua mão estendida.

— Linda è piccola per definire la sua bellezza adesso, amore mio^[4].

Sorri, achava lindo ele falar em italiano, mas não entendi o que ele havia dito.

— Pode traduzir para mim? — Pedi, mordendo o lábio.

Ele sorriu e me puxou para perto de si, seu braço esquerdo rodeou minha cintura e com o direito afastou as mechas que cobriam minha orelha e sussurrou a tradução para mim.

— Linda é pouco para definir sua beleza neste agora, meu amor.

— Obrigada. — Agradei sorrindo.

— Vamos?

Concordei e ele entrelaçou nossas mãos.

A noite do Rio era quente, estávamos caminhando de volta para o hotel depois de um jantar maravilhoso. Conversar com Fellipo era algo que me agradava muito, pois ao mesmo tempo que tínhamos assuntos em comum, ficava fascinada por descobrir coisas novas sobre ele.

— Gosta daqui, não é? — Ele perguntou enquanto caminhávamos de mãos dadas.

— Sim, por incrível que pareça. Minha infância inteira foi aqui, não tem como esquecer.

Ele parou.

— O que foi?

— Você foi a melhor coisa que me aconteceu nesses últimos anos. — Ele disse sério. — Eu não imaginava que eu pudesse me envolver emocionalmente outra vez, ainda mais com uma pessoa tão incrível como você.

— Eu...

— Deixe-me terminar. — Pediu. — Quero muito compartilhar minha vida inteira com você, tanto meu passado, quanto meu presente e quero que faça parte do meu futuro.

Ele se aproximou de mim, suas palavras já haviam feito meu coração disparar e minhas pernas começarem a fraquejar.

— Bruna, tenho medo de relacionamentos e um dia você vai entender meus motivos, mas você me faz querer superar todos os meus medos e traumas, você me faz querer esquecer tudo e começar de novo. Você me faz querer ser alguém melhor.

— Fellipo... — Seus dedos tocaram meus lábios me calando.

— Não terminei ainda. — Ele pediu e se aproximou de mim. — Quero me tornar o melhor para você e por você.

Ele se ajoelhou no chão e levei as mãos aos lábios para esconder o espanto.

— Posso estar me apaixonando por você, só que ainda é cedo demais para eu ter certeza. Mas quero dizer que mesmo com todas as circunstâncias e por tudo que nos cerca, quero assumir um compromisso sério com você. Quero que todos saibam que eu estou com você e que você está comigo, não me importam o que vão falar ou especular, quero só que saibam que você é a mulher que arrombou as portas do meu coração e entrou de uma forma que nenhuma outra conseguiu. — Ele parou um pouco então estendeu a mão e eu pousei a minha na dele. — Bruna Ávila de Albuquerque, você aceita ser minha namorada?

Tinha como não se emocionar com isso? Meu Deus, esse homem era perfeito. As lágrimas escorriam livremente pelo meu rosto.

— Claro que eu aceito namorar com você! — Respondi sorrindo em meio ao choro.

Ele sorriu e se levantou, suas mãos pousaram em minha cintura e seus olhos se prenderam nos meus.

— Minha namorada. — Ele sussurrou e eu sorri.

Então ele me beijou devagar, provando cada canto da minha boca.

Degustando.

Amando.

E naquele momento eu entreguei a ele mais uma parte do meu coração.



Capítulo 12

Bruna

Amor não é se envolver com a pessoa perfeita, aquela dos nossos sonhos. Não existem príncipes nem princesas. Encare a outra pessoa de forma sincera e real, exaltando suas qualidades, mas sabendo também de seus defeitos. O amor só é lindo, quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser.

Desconhecido

Olhava para o meu reflexo no espelho e tentava entender o misto de sentimentos que me cercavam, tinha vontade de ligar para uma das meninas e perguntar o que fazer, mas achei melhor não. O pedido de namoro do Fellipo havia me desestabilizado por completo, se eu tinha dúvidas sobre nosso relacionamento, aquele pedido fez todas elas caírem por terra.

Eu estava feliz, era tanta felicidade que mal cabia dentro de mim. Sai de dentro do banheiro e ele respondia algo no celular,

como uma cara de quem não estava gostando nada do que via.

— Está tudo bem? — Perguntei, ele ergueu o olhar e me lançou um sorriso que fez borboletas surgirem em meu estômago, meu Deus, esse homem não tinha noção do que esse sorriso me causava.

— Está sim, apenas algumas coisas que posso resolver depois. — Ele colocou o celular em cima da mesa e caminhou até se aproximar de mim. — Tem noção do quanto você é linda?

Sorri para ele, eu perdia as contas de quantas vezes ele me fazia sorrir durante o dia. Suas mãos traçaram o contorno do meu rosto, descendo até o pescoço, suspirei quando um arrepio subiu pela minha pele.

Fechei os olhos quando sua boca fez o mesmo percurso que suas mãos, segurei seus pulsos e o fiz olhar para mim. Olhos castanhos intensos se prenderam aos meus, me deixando hipnotizada, presa dentro do nosso mundo.

Eu havia falado para ele que não tinha certeza se passarmos a noite juntos era uma boa ideia, mas ali, naquele momento, eu não tinha mais dúvidas sobre me entregar por inteiro a

ele. Eu não era virgem, mas esse momento era algo que eu considerava especial, único. Queria ter esse momento com ele.

— Quero você. — Falei, depois de conversamos com os olhos.

— Não quero fazer nada que você não queira. — Ele falou acariciando meu rosto.

— Eu quero, Fellipo, não tenho dúvida nenhuma quanto a isso, quero você de todas as maneiras, quero respirar você, te sentir. Eu preciso de você.

Ele me olhou ainda mais intensamente, eu nem sabia que isso era possível, era como se ele me amasse com os olhos.

— Eu vou amar cada pedaço do seu corpo. — Ele sussurrou se aproximando ainda mais de mim. — Vou te fazer minha, Bruna.

Ele não precisava esperar resposta minha, ele me beijou de maneira apaixonante, arrebatadora.

Estar com ele, ser tocada por ele era algo indescritível, ver cada pedaço do meu corpo ser venerado, amado, beijado. A troca de olhares, a maneira que ele sussurrava meu nome, como se fosse uma prece, nossos gemidos em sincronia. Quando finalmente nos tornamos um, entreguei a última parte do meu coração a ele.

Fellipo me amou como eu nunca havia sido amada na vida, foi surreal, foi mágico. Ele me levou ao céu e me mostrou o prazer de incontáveis maneiras. Só de estar em seus braços era como se eu tivesse nas nuvens, entorpecida por algo que eu nunca havia experimentado. Estava completamente viciada, estava viciada nele e eu não fazia questão nenhuma de tirar ele do meu sistema.

Eu estava apaixonada, caí como uma gota de chuva cai no chão em meio a tempestade. Foi rápido, porém intenso, inesquecível.

Eu amava aquele homem, só esperava que um dia ele pudesse me amar também.



Minhas mãos estavam tremendo e minha barriga estava dando um nó, minha palestra começaria em 10 minutos e eu estava uma pilha de nervos.

— Ficar nervosa não vai ajudar, meu amor. — Fellipo falou me entregando um copo com água.

— Eu sei disso. — Respondi, bebendo um gole. — Mas é inevitável. E se eu gaguejar? Esquecer o que ia dizer ou

simplesmente não conseguir falar? Ai, Fellipo.

Desespero era pouco perto do que eu estava sentido, se eu pudesse já tinha desmaiado ali mesmo. Fellipo se ajoelhou e pegou o copo das minhas mãos o colando em cima da mesinha que havia ali.

— A sua apresentação está maravilhosa, Bruna. Você leu e ensaiou isso umas 200 vezes, você não vai se sair menos que perfeita nessa apresentação, eu confio no seu potencial, confie você também, eu sei que você vai arrebentar.

Eu ainda não acreditava que ele existia, sério, acho que deve ser alguma benção de Deus ele ter entrado na minha vida dessa maneira.

— Obrigada por acreditar em mim. — Falei olhando para baixo, sua mão ergueu meu queixo e me fez encará-lo.

— Sei que vai surpreender a todos, sempre surpreende.

Uma mulher entrou avisando que eu poderia começar a hora que eu quisesse, me levantei e Fellipo me acompanhou, em nenhum momento ele deixou de segurar minha mão.

Antes que eu subisse para o palco, Fellipo me puxou para perto dele.

— Eu sei que você vai tirar de letra, só manter a calma.

— Obrigada por estar comigo. — Sussurrei.

— Sempre vou estar aqui por você, Bruna. — Ele me deu beijo longo antes de me deixar ir e voltar para a plateia.

Meu Deus, que eu faça as palavras desse homem valerem a pena, por favor.



Sucesso era a palavra que definia tudo, nunca fui tão parabenizada, todos queriam falar comigo, tirar fotos, fazer convites, não estava mais sabendo como responder a todos, então senti uma mão que eu conhecia muito bem na curva das minhas costas.

— Você foi um sucesso, amor. Estou orgulhoso de você. — A voz de Fellipo ecoou em meu ouvido e sorri em resposta.

Quando eu fui lhe agradecer fomos parados por um senhor de idade.

— Bruna Ávila de Albuquerque, sua palestra foi excepcional, você falou com maestria e precisão o que várias pessoas que estão no ramo há anos, não conseguiram falar.

— Eu nem sei como agradecer o elogio. — Respondi com sinceridade.

— Não precisa, menina, você é um talento nato para a nossa sociedade.

Sorri para o senhor.

— Como vai, Vigário? — Meu namorado perguntou estendendo a mão.

— Fellipo Vitale. — O homem falou e notei a admiração em sua voz. — Eu deveria ter imaginado que ela era sua pupila.

Fellipo sorriu e apertou sua mão.

— O que achou? — Perguntou.

— Perfeito. Você tem uma aluna e tanto.

— Aluna e namorada, Bruna não poderia ser mais perfeita.
— Ele disse e beijou minha mão.

Vigário sorriu para nós dois.

— Sem sombra de dúvidas, rapaz. Tem uma pedra preciosa em suas mãos, fico feliz que tenha seguido em frente.

— Uma hora eu tinha que seguir. — Fellipo falou e passou o braço em volta da minha cintura.

Fiquei curiosa com a frase dele, mas ainda não era hora de perguntar sobre isso, teria que me conter e esperar o momento certo.

— Bruna. — O senhor me entregou seu cartão. — Se quiser fazer mestrado na área me procure, tenho certeza que você não vai se arrepender.

Peguei o cartão e me assustei quando vi o nome, ele era um dos representantes da universidade de Cambridge.

— Obrigada. — Falei ainda sem acreditar.

— Até uma próxima vez. — Então ele saiu.

— Meu Deus. — Sussurrei. Senti o sorriso de Fellipo em minha bochecha.

— Vamos almoçar, meu amor, ainda temos muita coisa para fazer por aqui.

Ele beijou meu rosto e caminhamos em direção a saída

A caminho do restaurante, Fellipo parou e encarou um casal que estava brincando com uma criança.

— Vem, amor, quero te apresentar umas pessoas.

Ele me levou até o casal.

— Mathew? Megan? — Eles nos encaram e sorriem.

— Fellipo! — O homem de olhos verdes e terno elegante falou sorrindo e vindo abraçar meu namorado. — Não sabia que encontraríamos você aqui.

— Mas deveria adivinhar, amor. — A mulher pegou a criança no colo e veio em nossa direção. — Até parece que não sabe o amigo que tem.

— Verdade, Megan.

A mulher era baixa, tinha os cabelos curtos e um sorriso cativante.

— E essa é? — Ela perguntou.

— Bruna, minha namorada. — Fellipo disse e a moça levantou uma sobrancelha perfeitamente desenhada.

— Muito prazer, Bruna, meu nome é Megan. — Ela estendeu a mão.

— O prazer é meu. — Falei retribuindo a aperto.

— Nós estamos indo almoçar, vocês já foram? — Mathew perguntou.

— Estávamos indo fazer isso, aceitam companhia? —
Fellipo questionou.

— Sim, claro. — Megan responde sorrindo. — Vamos.

O almoço foi tranquilo, descobri que eles se conheceram em uma das viagens que Fellipo fez a Nova Iorque, o casal era bem divertido e eu podia notar o amor transbordar dos olhos deles.

Depois de nos despedirmos, Fellipo me falou que a história deles parecia novela mexicana. Ele me contou meio por cima e fiquei sem palavras ao saber tudo que os dois já enfrentaram para ficarem juntos.

— Não sei se teria a coragem deles. — Falei depois de um tempo.

— A Megan sempre foi forte, a situação só a deixou ainda mais resistente, mas eles se amam é o que importa.

— Sim, verdade. — Respondi.

Fellipo havia alugado um carro para nos locomovermos dentro da cidade. A conferência se encerraria amanhã e eu já estava pensando em como seriam as coisas depois que voltássemos para casa, estava com medo, não sabia como lidar com isso tudo.

— O que tanto pensa? — Fellipo perguntou depois de um tempo.

— Você pararia em um local para mim? — Perguntei. — Preciso fazer uma visita.

Ele me olhou, mas quando eu disse o local concordou e mudou a rota do GPS.



Encarava o tumulto da minha mãe e não sabia o que dizer, acho que essa dor nunca iria passar. Eu faria qualquer coisa para tê-la de volta comigo, para ganhar seus abraços, beijos, broncas. Suspirei e passei a mão pela lápide.

— Será que as coisas seriam diferentes se a senhora estivesse aqui? — Sussurrei.

Sentia tanta a falta dela, sua foto continuava em um bom estado, os cabelos pretos e ondulados, o sorriso gentil, o olhar doce e a maneira como se expressava através da foto refletia que ela estava em um local melhor e estava feliz.

— Queria te contar tanta coisa, mãe, acho que a senhora vibraria junto comigo. A senhora ia gostar do Fellipo, ele tem jeito de

ser aqueles lordes ingleses dos livros que a senhora gostava de ler, só que ele é italiano. Meu italiano. — Sussurrei.

Nem havia me dado conta de que estava chorando, deixei as lágrimas caírem e falar por mim toda a saudade que eu sentia dela.

— Meu amor? — Fellipo se abaixou e me abraçou, eu não tinha poder de conter as lágrimas, sentia tanta falta dela que doía.

— Sinto falta dela. — Falei e ele afagou meus cabelos.

— Eu sei, mas ela está em um local melhor.

Ele me afastou e passou os dedos em meus olhos, enxugando as lágrimas. Depois de finalmente me acalmar, Fellipo me ajudou a levantar, olhei mais uma vez para o tumulto da minha mãe, era a última vez que eu iria ali.

— Te amo, mãe. — Sussurrei.

Fellipo beijou o topo da minha cabeça e entrelaçou nossos dedos, me abraçando logo em seguida.

Tê-lo em minha vida estava me deixando com expectativas altas sobre o amor, a cumplicidade, amizade, companheirismo.

Fellipo estava me mostrando como amar valia a pena e eu aproveitaria cada instante disso.



Capítulo 13

Bruna

Um dia você aprende.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias. E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher. Aprende que não temos que mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam, percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos.

William Shakespeare

O término da Conferência de Economia foi espetacular, na verdade foi fantástico, fiquei maravilhada com cada palestra que assisti, com as pessoas que conheci, que troquei contato. Fellipo me mostrar esse mundo que eu sempre quis conhecer foi melhor ainda. Não trocaria essa experiência por nada nesse mundo, por nada

mesmo. Depois de tudo que vivi esses dias tenho cada vez mais certeza de que escolhi a profissão certa para me especializar.

Eu estava terminando de dobrar as roupas na mala para voltarmos quando meu celular tocou, o peguei e sorri ao ver o nome de quem me ligava.

— Amanda. — Falei sorrindo e me sentando com uma blusa na mão.

— Minha princesa, como você está? Já se esqueceu dessa velha aqui, não é?

— Jamais faria isso, só que aconteceram tantas coisas nesses últimos dias que ficou impossível de ligar para a senhora.

— Isso tudo tem a ver com um tal de Fellipo Vitale? — Ela perguntou e eu franzi o cenho com essa pergunta.

— Como sabe dele? — Ela riu por um tempo.

— Está estampada na capa da revista, meu bem.

Ai Jesus!

— Que revista, Amanda? — Me levantei e fui até o notebook de Fellipo que estava ligado em cima da mesa.

— Fama. — Ela disse tranquilamente.

Digitei o nome da revista no Google e ali estava a matéria.

“Após o fim desastroso de seu casamento, Fellipo Vitale foi visto na companhia de Bruna Ávila de Albuquerque na Conferência da Economia do Rio de Janeiro. Boatos afirmam que o economista está namorando a herdeira das empresas Albuquerque, o casal ainda não se pronunciou, mas parece que os pombinhos estão hospedados hotel Center, no centro do Rio de Janeiro.”

Tinha uma foto nossa na capa da revista, eu só não caí no chão porque já estava sentada, se não era lá que estaria.

— Minha princesa, está tudo bem? — Havia me esquecido que a Amanda ainda estava na linha.

— Como isso aconteceu, Amanda? — Perguntei estática.

— Calma, meu bem, não é o fim do mundo também.

— Como assim? — Falei me levantando. — Isso pode prejudicar nós dois, Amanda. Meu Deus!

— Converse com ele e veja o que ele acha disso, Bruna. — Ela falou tentando me acalmar. — Não adianta perder a cabeça agora, você sabe disso.

— Vou fazer isso. — Ainda estava desnorteada.

— Se acalme, meu bem. Quando você volta para São Paulo? — Ela resolveu mudar de assunto.

— Hoje ainda, estou terminando de organizar a mala. — Falei olhando a quantidade de roupas que ainda faltava dobrar.

— Venha me ver, estou com saudade. — Ela disse e eu também estava, fazia tempo que eu não ia visitá-la, apenas mandava mensagens.

— Assim que eu chegar irei a sua casa, prepare o jantar vou chegar morta de fome.

— Farei seu prato preferido, meu bem. — Ela disse e sabia que ela estava sorrindo do outro lado. — Espero você, um beijo.

— Um beijo, Amanda, te amo.

— Também amo você, minha princesa. — Desliguei e voltei a dobrar as roupas.

Quando todas as coisas já estavam arrumadas, Fellipo entrou no quarto e jogou a revista em cima da mesa. Olhei para a capa e depois para ele, estava tentando avaliar sua reação.

— Me desculpe por isso. — Soltei quando não consegui lê-lo.

— Está se desculpando pelo o quê? — Ele perguntou.

— Pela foto na capa da revista. — Falei e dei de ombros.

— Não precisa pedir desculpas, Bruna, eu sabia que uma hora ou outra a imprensa ficaria sabendo do nosso relacionamento. Sou uma pessoa que uma vez ou outra a mídia publica algo sobre mim e você também é.

— Não está com raiva pela notícia?

Ele caminhou até mim e segurou meu rosto.

— Não estou nem um pouco com raiva, Bruna, estou preocupado com você na verdade. — Seus dedos traçaram o contorno do meu rosto. — Tudo bem para você isso vir á tona dessa maneira?

Olhei para ele ainda sem acreditar na sorte que eu tinha, como podia existir um homem tão maravilhoso desse jeito? Nada o abalava.

— Eu estou bem, mas se a faculdade fica sabendo...

— Bruna... — Ele colocou dois dedos em meus lábios. — Com a faculdade me resolvo depois, só quero saber se você está bem com tudo isso.

— Sim, estou. — Falei.

— Então, eu também estou bem. — Ele disse e beijou minha testa.

Se afastou de mim e depositou um beijo simples em minha boca.

— Está pronta?

— Sim. — Falei.

— Então vamos, já cuidei de tudo na recepção.

Queria muito perguntar para ele o que aconteceu em seu casamento para mídia chamar de “desastroso”, mas queria que ele estivesse a vontade para me contar, sei que também poderia procurar na internet, com certeza teria algo, mas eu queria saber dele, precisava saber por ele.

Peguei minha bolsa e ele saiu levando nossas malas. Sorri ao vê-lo olhar para trás e sorrir para mim, ainda não conseguia acreditar que um homem como ele pode se interessar por mim, ainda é surreal para falar a verdade.

O segui para fora e deixei que meus pensamentos ficassem para trás, eu ainda tinha muita coisa para me preocupar daqui para

frente.



— Tem certeza de que não quer ir para casa? — Fellipo perguntou assim que chegamos na casa de Amanda.

— Tenho, preciso conversar com ela. Quer subir? — Perguntei, eu queria muito que eles se conhecessem, afinal Amanda era minha única família de verdade.

— Vamos marcar outro dia, pode ser? — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Eu estou cansado e ainda tenho um assunto para resolver.

— Tudo bem. — Falei sorrindo. — Nos vemos depois.

Ele sorriu e me beijou lentamente, cada beijo era como se fosse o primeiro, não me cansava nunca da sensação dos seus lábios sobre os meus e de como era bom sentir um frio na barriga cada vez que isso acontecia.

— Me liga. — Ele sussurrou me dando mais um selinho e indo embora logo em seguida.

Suspirei e logo entrei na pequena casa que estava à minha frente, o cheiro de comida logo invadiu meu sistema me lembrando da fome que eu estava sentido. Abri a porta e a Amanda veio ao meu encontro.

— Amanda! — Falei e corri para abraçá-la.

— Minha princesa, como você está? — Me cumprimentou se afastando de mim. — Está tão linda. E esses olhos apaixonados?

— Que apaixonados, Amanda. — Falei tentando fugir do assunto.

— Eu conheço o amor, Bruna. E os seus olhos estão brilhando como se fossem constelações, sem contar esse sorriso que sempre se insinua em seus lábios.

Sorri, ela tinha razão, eu estava apaixonada, mas como lidar com isso? Fellipo parecia ser tão perfeito e ao mesmo tempo tão frágil para relacionamentos.

— Não sei como agir, Amanda. — Falei me sentando e colocando as mãos na cabeça.

— Naturalmente, minha princesa. Seja você e espere as coisas acontecerem no seu tempo.

— Eu sei, está tudo tão perfeito que tenho medo de que as coisas desandem de uma vez. — Disse com sinceridade.

— Tem algo que pode atrapalhar vocês dois?

Me lembrei das mensagens que recebi e gelei, eu tinha um pouco de medo dessas ameaças, sentia um calafrio cada vez que me lembrava das mensagens recebidas. Quem poderia ser? Por que me ameaçar dessa maneira? Eu precisava saber sobre o passado do Fellipo para entender o motivo dessas ameaças, mas eu tinha medo de perguntar.

— Bruna? — A voz da Amanda me tirou do mar de pensamentos que, sem querer, acabei entrando.

— Não sei. — Disse por fim. — Mas vou descobrir, prometo.

Ela sorriu e me abraçou.

— Sabe que sempre pode contar comigo, certo?

— Eu sei, Amanda.

— Ótimo, agora vamos comer! — Ela se levantou e esticou a mão para mim. — Fiz seu prato preferido e separei filmes para assistirmos mais tarde enquanto devoramos um pote de sorvete.

Sorri, não tinha como não amar essa mulher.

— Perfeito! — Falei e a segui para a cozinha.



Acordei com meu celular tocando, abri os olhos meio a contragosto e vi o nome de Fellipo na tela.

— Oi. — Falei ainda com a voz pesada.

— Dormindo ainda, amor? — Podia notar o sorriso em sua voz.

— Sim. — Falei. Fiz uma nota mental para nunca mais dormir tarde maratonando os filmes de Nicholas Sparks, meus olhos estavam doendo de tanto chorar.

— Quer carona para faculdade? Estou saindo de casa agora.

— Que horas são? — A palavra faculdade me despertou totalmente, havia me esquecido que tinha aula hoje.

— Faltam 15 minutos para às 7. — Soltei um palavrão baixinho e me levantei quase correndo, mas ainda ouvi sua risada do outro lado da linha.

— Me arrumo em 5 minutos, passa aqui? — Perguntei fazendo biquinho, mesmo sabendo que ele não veria.

— Seu pedido é uma ordem, amore mio^[5]. — Em seguida desliguei e voei para me arrumar.

Me arrumei em 10 minutos e quando fui para a sala, Fellipo estava sentando no sofá conversando com a Amanda.

— Atrapalho? — Perguntei.

— Nunca, minha princesa. — Amanda veio em minha direção me dar um beijo. — Você está linda.

— Più bello di quanto io possa immaginare^[6] — Ouvir o Fellipo falando era maravilhoso, agora ouvi-lo falando em italiano deveria ser considerado a oitava maravilha do mundo.

Amanda sorriu para nós dois.

— Vamos? Se não chegaremos atrasados e eu não tolero atrasos. — Ele disse e eu sorri me lembrando do primeiro dia de aula.

— Certo, professor, o senhor que manda.

Me virei e abracei Amanda.

— Não deixe esse homem escapar, minha princesa. — Ela sussurrou em meu ouvido. — É raro quando encontramos um amor que é correspondido, não o perca.

Olhei para ela, mas apenas assenti. Depois conversariamos mais.

O caminho para faculdade foi tranquilo, aproveitei para responder as mensagens e e-mails que acumulei durante a viagem, só se falava da minha foto na capa da revista. Assim que o Fellipo estacionou eu fiquei com medo do que viria a seguir.

— Está tudo bem? — Ele se virou para mim.

— O que será que vão falar? — Perguntei. — E se falarem que eu estou tentando dar um golpe ou algo parecido?

O desespero estava tomando conta de mim.

— Simples, meu amor. — Ele segurou minha mão. — Mande-os cuidar de suas vidas, porque eles ainda não estão pagando suas contas. Não de muita moral para fofocas. Ok?

Suspirei, porem assenti. Sai do carro e ele entrelaçou nossas mãos.

Que seja o que Deus quiser, pensei e entramos no campus.



O que mais ouvi foi burburinhos, ainda mais quando entramos de mãos dadas. Estávamos assumindo para todos que a revista havia falado a verdade, e eu queria saber como Fellipo estava lidando com toda essa situação. Ele havia falado para não me preocupar, pois estava tudo no controle então decidi ignorar o que todos estavam falando e seguir fazendo minhas coisas como sempre.

Estava esperando o Fellipo para o almoço, mas recebi uma mensagem dele dizendo que teve um imprevisto e precisava resolver um problema urgente e que nos veríamos a noite.

Peguei meu livro para ler quando Duda sentou na minha frente com um sorriso zombeteiro.

— Como vai? — Ela perguntou.

— O que foi Duda? — Questionei arqueando uma sobrancelha.

— Sempre soube que iam ficar juntos. — Ela disse.

— Quer confetes?

— Deixa de ser acida, Bruna. Vocês são o assunto da faculdade, todos estão comentando.

— Não quero nem ouvir os comentários. —Resmunguei.

— Melhor mesmo, o povo deveria cuidar da própria vida em vez de falar da dos outros.

Eu ia comentar mais alguma coisa quando a Tati e o Jeferson chegaram, os dois estavam com um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Que felicidade é essa? — Perguntei curiosa.

Tati sorriu, ainda mais, e olhou para o namorado, então levantou a mão direita e vimos um anel que não imaginava ver tão cedo em sua mão.

— Vamos nos casar! — Ela anunciou. Duda e eu abrimos a boca, primeiro espantadas, mas depois vibramos de alegria.

— Que notícia maravilhosa! — Duda falou. — A primeira já vai desencalhar, a segunda já está a caminho.

— Falta só você né, Eduarda? — Tati irônizou.

— Eu já disse que meu relacionamento é com um livro de direito.

Sorri, mais cedo ou mais tarde ela cairia para o amor também, só precisava arrumar alguém que aguentasse seu gênio forte.

— Mas já tem data? — Perguntei.

— Daqui um mês. — Duda cuspiu o suco e eu arregalei os olhos.

— Pra quê tão rápido, Tati? — Duda questionou. — Tá grávida?

— Não! — Tati exclamou. — Queremos o nosso cantinho e, além do mais, o Jeferson já tem um apartamento e vocês sabem como são meus pais, se eu não casar não moro com ele nem nas próximas 7 vidas. Como já estamos juntos há quase quatro anos decidimos que nos casar só vai fortalecer o que já sentimos.

— Exato. — Jeferson concordou. — Não é um pedaço de papel que defini meu amor pela Tatiane, isso eu procuro demonstrar todos os dias, mas já que os pais dela fazem questão eu me caso quantas vezes for preciso.

Ele acaricia o rosto da minha amiga e eu sorri ao vê-los desse jeito. Só esperava que um dia Fellipo fizesse a mesma coisa por mim.

Quem diria que eu iria cogitar a hipótese de casar com meu professor? Sorri, deixaria o tempo guiar nossos passos, era o melhor a se fazer.



Capítulo 14

Fellipo

*E o que não posso e não quero exprimir
fica sendo o mais secreto dos meus segredos.*

Clarice Lispector

Ainda não estava acreditando quando recebi a ligação um pouco antes de acabar minha aula. Jurava que essa parte da minha vida já tinha sido resolvida, ou melhor, completamente esquecida. Mas parecia que quando eu decidia enfrentar meus demônios interiores e seguir em frente, ela voltava para me atormentar.

Não precisei ser anunciado no prédio, nunca precisei parecia que não tinha se passado tempo nenhum. Refazer o caminho era doloroso, parecia que a cada passo que eu dava as lembranças daquela noite se tornavam ainda mais intensas em minha memória. Respirei fundo quando o elevador parou no vigésimo andar e eu parei em frente ao apartamento 870.

Eu queria estar almoçando com a Bruna, estar ouvindo a risada dela, a maneira que ela busca olhar as coisas. Meu Deus, eu só queria estar com essa mulher que virou meu mundo de cabeça para baixo de uma hora para outra como nenhuma tinha feito antes, nem *ela* fez isso comigo. O que a Bruna tinha que nenhuma teve? O que me deixava louco por ela a ponto de pôr em risco meu emprego e minha sanidade mental? Me fazia essa pergunta todos os dias após acordar, mas era só vê-la sorrindo para mim, aquele sorriso que me fazia perder todos os sentidos, que qualquer dúvida que eu tinha desaparecia. Ficar perto dela e não sentir a maciez da sua pele, o sabor do seu beijo e o perfume do seu cabelo era como uma tortura para mim.

Eu estava viciado nela, precisava dela como preciso do ar para viver, ela me dava uma razão para continuar quando pensei em largar tudo.

Ela era minha luz no fim do túnel.

Ela era meu anjo de luz.

Il mio angelo di luce.^[7]

Era impossível negar que eu estava apaixonado, porque eu estava, só não sabia se estava pronto para viver esse amor.

O passado ainda estava enraizado dentro de mim, o medo de perder tudo de novo, de reviver aquela experiência que me fez duvidar do amor, mesmo com ela me provando que talvez pudesse ser diferente, que pudéssemos dar certo. Ainda tinha uma voz lá no fundo que dizia que era questão de tempo para que eu a perdesse, igual eu perdi tudo no passado.

Um grito do lado de dentro me fez acordar do mar de pensamentos que me tragava, peguei a chave reserva que guardava comigo e destranquei a porta do apartamento. A cena que vi a seguir me fez correr até a entrada da cozinha e me ajoelhar perto do seu corpo caído.

— Mariana, o que você fez? — Perguntei em voz baixa.

— Fellipo, La mia vita non ha significato senza di te.^[8]

— La nostra storia è finita molti anni fa, Mariana.^[9]

— Dammi solo una possibilità in più, per favore^[10]. — Sua voz era de suplica, mas eu não podia fazer isso.

— Non posso, Mariana.^[11]

— Então eu quero morrer! — Ela começou a se debater em meus braços, mas a segurei firme.

— Se acalme, eu já liguei para a ambulância, logo eles vão pegar você.

— Ti voglio, Fellipo^[12]. — Ela sussurrou e olhei para cima pedindo força para Deus, pois eu precisaria de muita.

— Você perdeu sua chance, Mariana. — Falei.

Ela começou a chorar baixinho e olhei para o lado, tinha 4 cartelas de comprimidos completamente vazias.

— Mio Dio, Mariana, cos'hai fatto?^[13]

Eu torcia para ambulância chegar logo, seu corpo foi ficando mole em meus braços e o desespero tomou conta de mim.

— Mariana, Mariana, por favor acorde. Tente aguentar firme até os medicos chegarem. — Sussurrei em uma tentativa de mantê-la acordada.

— Perdono^[14]... — Ela sussurrou. — Perdonami per non essere una buona moglie.^[15]

— Mariana... — Antes que eu pudesse concluir a fala os paramédicos entraram correndo no apartamento e foram socorrê-la.

— Ela vai ficar bem, não vai? — Perguntei, desesperado.

— Só o tempo dirá, filho. — Um deles falou para mim e eu apenas acompanhei com os olhos enquanto eles tentavam salvar a vida da minha ex-esposa.



Estava tomando meu terceiro copo de café quando Gustavo apareceu na minha frente com os olhos vermelho.

— Sinto muito. — Falei.

— Não se desculpe, Fellipo, não é a primeira vez que minha irmã tenta tirar a própria vida, mas só que dessa vez ela quase conseguiu. — Ele falou e pude notar a tristeza que sua voz carregava.

— Gustavo, se eu não tivesse...

— Não venha com justificativas, Fellipo. O casamento de vocês durou tudo que tinha que durar, a Mariana precisa aprender alidar com as consequências dos seus erros. — Ele suspirou. — Tentar se matar foi demais até pra mim.

— Por que ela saiu da clínica? — Me arrisquei a perguntar.

— Os médicos pensavam que ela estava bem, mas pelo que vi hoje ela está longe desse estado. — Gustavo me olhou. — Já contou para a Bruna?

— Ainda não. — Encarei o teto.

— Então conte, pois se a notícia de que a ex-esposa do Fellipo Vitale tentou se matar vir a tona, vai ser como um meteoro. Então é melhor que ela fique sabendo por você.

Assenti, ele tinha razão nessa parte.

— Vou contar. — Disse por fim.

Eu tinha que contar, mas era tão obscura essa parte da minha história, minha dor, todos os momentos de tristeza e pura angústia. Eu só queria esquecer tudo isso.

— Fellipo, se você magoar a Bruna eu mato você, esteja ciente disso.

Ele se levantou e me deixou sozinho, suspirei e decidi que era hora da Bruna saber parte do meu passado.



Pelo que eu sabia de sua rotina, Bruna deveria estar na biblioteca fazendo algum trabalho ou lendo algum artigo. Entrei na minha sala e fechei todas as janelas e cortinas, peguei meu celular e lhe mandei uma mensagem.

Fellipo: Preciso de você na minha sala agora.

Eu não sabia o que tinha se apoderado de mim, ou se era apenas estresse acumulado, mas eu precisava estar dentro dessa mulher e acabar com todo esse sentimento de angustia com um sexo selvagem.

Olhei para o meu aparelho de celular e tinha uma mensagem dela.

Bruna: Estarei aí em 10 minutos.

Foram os 10 minutos mais longos de toda a minha vida, eu já havia andando a sala inteira e estava agoniado, então, finalmente, a porta foi aberta e ela entrou. Seu rosto carregava um ar de curiosidade sobre o que aconteceria a seguir, passei por ela e tranquei a porta.

Estava maluco? Talvez.

Comentando um erro e talvez infringindo algumas normas da faculdade? Com certeza, mas eu teria aquela mulher em cima da

mesa da minha sala.

Ah, se teria.

— Fellipo, está tudo bem? Eu vi que você...

— Shiu... — Falei, silenciando-a. — A partir de agora só quero ouvir de você seus gemidos e pedidos para me afundar cada vez mais fundo em você.

Ela abriu a boca de susto, sua respiração acelerou e suas bochechas ficaram rosadas. Adorava ter esse efeito sobre ela.

Segurei firme sua cintura e a empurei contra a parede da sala.

— Bruna, estou com um desejo insano de te foder em cima dessa mesa, até fazer você gritar de prazer. Você me deixa fazer isso?

Minha voz saiu rouca, meu pau apertava dentro da calça pedindo libertação, bastava uma palavra dela e eu foderia essa mulher até ela desmaiar em meus braços.

Olhei dentro de seus olhos, Deus sabia como eu precisava que essa mulher me dissesse um sim. Era a primeira vez que eu falava dessa maneira com ela, era a primeira que eu sentia necessidade

dela dessa forma, não sabia se a assustaria ou se ela sairia correndo;

— Sou sua, Fellipo.— Falou, suas pupilas dilataram e pude notar as batidas de seu coração aumentarem freneticamente.

— Minha...— Sussurrei.

Não esperei que ela dissesse mais nada, tomei sua boca em um beijo arrebatador, chupei sua língua e coleí ainda mais nossos corpos, de maneira que ela podia sentir minha ereção em sua barriga, um gemido baixo escapou de seus lábios e isso foi a faísca para eu terminar de pegar fogo.

Firmei minhas mãos em sua cintura e ela prendeu as pernas em torno de mim, me beijando freneticamente, suas mãos em meus cabelos e as minhas, explorando seu corpo perfeito.

Chupei seus lábios e segui beijando seu pescoço. A coloquei sentada em cima da mesa e fiquei entre suas pernas, minhas mãos subiram para o tecido de sua blusa e fui tirando dela, me afastando de seus lábios apenas para passar o tecido e deixá-la de sutiã, sua respiração pesada me fez afastar um pouco e contemplá-la, minhas mãos subiram até os seus seios, segurei os dois de uma vez, traçando pequenos círculos com os polegares nos

mamilos intumescidos, ela gemeu baixinho. Com delicadeza abri seu sutiã e deixei seus seios saltarem para fora, minha boca salivou querendo provar aquele manjar em minha frente, e foi o que fiz. Um de cada vez, chupei, lambi e mordi cada mamilo dela enquanto seu corpo se contorcia em cima da mesa e seus gemidos me deixavam com mais tesão.

Voltei a beijar sua boca e suas mãos começaram a tentar tirar a minha camisa, mas eu a parei, era só ela, eu só queria dar prazer à ela e sentir ela em mim.

— Hoje não, amore mio. — Sussurei e voltei a beija-la.

Desci a mão até o cós de suas calça e desabotei, com sua ajuda a deixei apenas de calcinha. Minha mão desceu por aquele tecido fino e sentindo-o molhado, gemi.

— Molhadinha... Do jeito que eu gosto. — Sussurrei, enfiei um dedo nela.

Bruna gemeu no meu ouvido e eu me segurei para não fazê-la gozar naquele mesmo instante.

Com muito cuidado, deitei seu corpo sobre a mesa e abri suas pernas para que me deleitasse com aquela visão magnífica.

Aproximei meu rosto de sua entrada e inalei o seu cheiro inebriante, enquanto ela gemia baixinho.

— É só pedir que faço, Bruna. — Falei beijando o interior de suas coxas. — Pede que faço você visitar o céu e o inferno ao mesmo tempo.

Eu sabia que estava torturando-a, mas ouvi-la falar que queria ser fodida pela minha boca deveria ser muito erótico.

— Me chupa, Fellipo, antes que eu enlouqueça! — Ela vociferou e eu atendi prontamente.

Beijei sua boceta bem naquele ponto que necessitava de atenção ela gemeu colocando as mãos em meus cabelos para manter um ritmo, mal sabia ela que quem ditaria o ritmo seria eu.

Chuei seu clitóris e enfiei minha língua dentro dela, sugando dela até sentir que estava perto de gozar, então me afastava e depois voltava com a tortura, chupando, lambendo, beijando.

— Fellipo, se você não me fizer gozar agora eu juro que te mato.

Sorri em meio a essa fala, decidi que estava na hora dela se libertar e fui com tudo, mordiscava e chupava seu clitóris com força,

até sentir suas pernas se fecharem sobre minha cabeça e ela soltar um gemido longo seguido do meu nome em um sussuro.

Sem esperar que ela se recuperasse, coloquei meu pau para fora que já estava duro feito rocha, coloquei uma camisinha e meti dentro dela de uma vez só.

Gememos juntos.

Cobri seu corpo com o meu comecei a me movimentar dentro dela. Ela me olhava extasiada, como se estivesse hipnotizada. Aumentei a velocidade e senti que ela se mechia debaixo de mim, suas mãos agarraram minhas costas e suas pernas circularam minha cintura me dando mais espaço para senti-la ao meu redor.

Ela apertava meu pau cada vez mais forte, estava prestes a gozar, mas não faria isso sem ela. Com o polegar, tracei círculos em seu clitóris, vi quando seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu em um “o” quando o orgasmo atingiu seu corpo, a visão dela gozando me fez gozar logo em seguida chamando seu nome.

Deixei que meu corpo pendesse para frente, mas não joguei meu peso em cima dela.

— O que foi isso? — Ela sussurrou para mim. Olhei para ela, seus olhos carregavam um brilho diferente, os beijei e depois beijei sua boca.

— Per favore non spezzarti il cuore^[16], Bruna.

— O que disse?

— Ho paura anche di spezzarti il cuore.^[17] — Acrescentei.

Ela não havia entendido, nem eu queria que ela entedesse, a abracei logo em seguida e desejei que aquele momento nunca acabasse, mas infelizmente nem tudo eram flores.



Capítulo 15

Bruna

*Descobre que as pessoas com quem você
mais se importa na vida são tomadas de
você muito depressa, por isso sempre
devemos deixar as pessoas que amamos
com palavras amorosas,
pode ser a última vez que as vejamos.*

William Shakespeare

Aquilo que fizemos foi totalmente bruto, irreal, perigoso, indecente. Não tinha nem palavras para descrever, só de lembrar as palavras sujas que foram sussuradas, um arrepio involuntário percorria toda a minha pele. Eu estava terminando de organizar as coisas em cima da mesa quando ele voltou para a sala, parei o que estava fazendo e analisei sua pose descontraída. Ele estava

encostado no armário, braços cruzados, sorriso travesso nos lábios, seus olhos encondiam algo, ele tentava negar, mas eu sentia.

— Está tudo bem? — Questionei me aproximando dele. Suas mãos pousaram em minha cintura e seus olhos se fixaram em mim de maneira intensa.

— Não sei, mas precisamos conversar. — Ele soltou um longo suspiro.

Pelo tom de voz dele eu sabia que a coisa era séria. Me afastei dele e apenas assenti.

— Pode ser na minha casa? — Arrisquei.

— Sua amiga vai estar lá? — Perguntou já recolhendo suas coisas.

— Não, ela tem aula na faculdade hoje, vai estar saindo de casa quando chegarmos lá.

— Então pode ser. — Ele estendeu a mão para mim, mas eu hesitei em segurar, porém depois entrelacei nossos dedos e seguimos para fora da sala.



Quando dizem que a mulher possui um sexto sentido, não é brincadeira. Durante todo o caminho paraiva uma atmosfera diferente dentro do carro, nenhum de nós dois arriscou uma conversa ou alguma pergunta, o único som ouvido dentro do carro era da musica The Scientist. E veja a ironia da letra.

Conte-me seus segredos e faça-me suas perguntas

Oh, vamos voltar para o começo

Correndo em círculos, lançando cara ou coroa

Caras numa ciência distante

Ninguém disse que seria fácil

É uma pena nos separarmos

Ninguém disse que seria fácil

Mas também não disseram que seria tão difícil

Oh, me leve de volta ao começo

Estranhei quando Fellipo parou em uma praça e desceu do carro, logo reconheci o local. Foi aqui que ele me disse que nós dois eramos um erro juntos. Odiava coincidências mais do que qualquer coisa. Não desci do carro, apenas ouvi a proxima musica que começou a tocar. Era Home, da Gabriela Aplin

*Porque eles dizem que lar é onde seu coração está
inalterável*

É onde você vai quando está sozinho

É onde você vai para descansar seus ossos

Não é apenas onde você deita sua cabeça

Não é apenas onde você arruma sua cama

Contanto que estejamos juntos, importa pra onde vamos?

Lar

Por que tudo era tão difícil? Meu Deus! Como em tão pouco tempo ele se tornou tudo para mim? Se tornou meu lar? Meu porto seguro, minha âncora, isso era tão errado, mas tão certo.

— Bruna, venha aqui. — Ele me chamou, respirei fundo e sai do carro, me posicionei ao seu lado e observei o sol se por.

Tinha vontade perguntar o que estava acontecendo, o porquê dessa angustia que eu sentia, mas fiquei calada.

Senti sua mão segurar a minha.

— Você está nervosa. — Ele disse sem me olhar.

— Eu não sei o que está acontecendo. — Falei sinceramente.

Fellipo se virou, me encarando e segurando meu rosto.

— Há muito tempo eu não sinto isso, Bruna. Isso tudo que você desperta em mim, mas para eu ser completamente seu, preciso te contar coisas do meu passado que podem te afastar de mim.

— O que pode ser tão grave? — Perguntei olhando dentro de seus olhos.

— Ah, pequena, se você souber irá me odiar.

— Não... — Quase disse que o amava, mas ainda não era a hora, não ainda.

— Sim... — Ele pousou os lábios em minha testa e eu fechei os olhos. — Você apareceu em um momento muito conturbado da minha vida, Bruna.

Ele se afastou de mim e colocou minha mão sobre seu peito, eu sentia as batidas ritimadas do seu coração.

— Aqui dentro, algo descongelou quando te vi e não sei lidar com isso, preciso que me ajude, que confie em mim e que, acima de

tudo, me perdoe.

— Fellipo...

— Dança comigo?

Achei estranho, mas apenas assenti. Ele me abraçou e descansei a cabeça em seu peito, em quanto isso a música tocava dentro do carro.

Conheci o amor

Só de te olhar

Tava quase congelando

Você veio pra esquentar

Conheci o amor

E ele me fez ver

Que eu voei tempo demais

Deixa eu pousar em você



Depois que tivemos aquele momento no parque o clima ficou mais leve entre nós dois, até o meu apartamento ele não

soltou minha mão de jeito nenhum. Assim que entramos vimos a Tati sentada no sofá.

— Vou sair em 15 minutos. — Anunciou ela.

Fellipo sorriu e eu o acompanhei.

— Vou comprar algo para comermos. — Se virou para mim.
— Tudo bem para você?

— Claro. — Beijou meus lábios e caminhou para o elevador.

Fecho a porta e encarei minha amiga, ela tinha os olhos brilhando.

— Até imagino o motivo de toda essa felicidade — Falei.

— Tem como não amar esse anel? — Levantou mão para que eu pudesse ver novamente seu anel.

— Ele é lindo mesmo, Tati, fico tão feliz por você amiga. — Segurei sua mão.

— Acho que me apaixonei por aquele homem de novo, Bruna. — Ela falou suspirando e eu sorri para ela.

— Eu vou ser a madrinha, em!? Quero nem saber de outra nesse posto. — Brinquei com ela.

— Eu não seria nem louca de colocar outra, você e a Duda ocupam esse cargo desde antes do Jeferson aparecer na minha vida.

Sorri e a abracei.

— Fico tão feliz por você. — Declarei. — Não imaginei que você fosse ser a primeira a colocar as algemas.

Ela riu, mas logo ficou séria.

— Pelo Jeferson eu faço qualquer coisa, Bruna. Amo aquele homem de todas as maneiras possíveis e impossíveis.

— E ele te ama ainda mais do que isso. — Acrescentei. — Quero que você seja muito feliz.

— Eu também quero que você seja muito feliz com seu professor italiano, nada de por minhocas nessa cabeça.

— Nem por conta das ameaças? — Questionei.

— Conta para ele. Tenho certeza de que ele vai saber o que fazer, guardar para você não te faz bem.

— Vou contar hoje. — Sentenciei.

— Ótimo, vou pegar minhas coisas e sair, Deus me livre chegar atrasada.

Ela caminhou em direção ao seu quarto e eu balancei a cabeça sorrindo.



Aproveitei que a Tati havia saído e fui tomar um banho. Acabei demorando tempo demais, quando sai senti um cheiro de comida vindo da cozinha, me vesti e fui ver o que era.

Fellipo estava na cozinha e mexia em alguma coisa.

— O que faz ai? — Perguntei curiosa.

— Espero que goste de pizza, por que foi a única coisa que eu consegui comprar.

— Adoro.

— Senhorita. — Ele disse puxando a cadeira para eu me sentar, agradei com um sorriso e fui servida por ele. Depois de me servir ele se sentou em minha frente.

— Espero que esteja pronta para me ouvir.

— Sempre. — Falei.

Ele respirou e fundo e começou.

— Há 10 anos eu me casei com uma mulher ao qual eu me apaixonei assim que coloquei os olhos nela, eu a amava de uma maneira que eu jamais pensei que pudesse amar. Vivemos um verdadeiro paraíso nos primeiros anos, até acontecerem algumas coisas.

Minha atenção estava totalmente voltada para ele.

— Que coisas? — Perguntei.

Quando ele ia falar, meu celular tocou. Olhei para ele, que estava em cima da mesa e vi o número de Duda, desliguei a chamada e decidi que depois atenderia, mas no mesmo instante o celular voltou a tocar.

— Atenda, Bruna, deve ser importante.

— Mas...

— Atende. — Ele insistiu, então peguei o celular e atendi a chamada.

— Duda...

— Bruna, você... precisa vir pro hospital... depressa. — Ela estava em prantos.

— Eduarda, o que houve? — Me coloquei em estado de alerta, nunca tinha visto a minha amiga nesse estado.

— A Tati... ela... ela..

— Ela o quê, Eduarda? — O desespero começou a tomar conta de mim.

— Ela estava em cruzamento, o sinal aberto para ela... — Minha amiga começou a chorar mais forte. — Mas um caminhão atravessou sinal, acertou o carro da Tati em cheio.

Meu mundo começou a girar, na minha cabeça se passou mil possibilidades sobre o que pode ter acontecido, mas eu não queria pensar na pior, não queria, mas a Eduarda concretizou meu pior pesadelo.

— A Tati está entre a vida e a morte na sala de cirurgia. Os médicos já falaram que as chances dela são nulas.

Meu celular escorregou da minha mão, minha visão ficou turva e a última coisa que eu ouvi foi o grito do Fellipo.

— Bruna!

Então a escuridão tomou conta da minha mente.



Capítulo 16

Bruna

As lutas que estou enfrentando

As chances que estou tendo

Às vezes podem me derrubar

Mas, não, eu não vou quebrar

Eu posso não saber disso

Mas estes são os momentos que

Eu vou me lembrar mais, yeah

Só tenho que continuar

The Climb - Miley Cyrus

Ja tinha sentido essa dor. Parecia que seu coração era levado para o mais profundo abismo e você não sabia como retornar.

Estavamos no hospital, esperando por notícias, mas parecia que todos os médicos decidiram nos ignorar, ninguém sabia de

nada, ninguém podia falar nada, era um estado de alerta constante, uma dor que só poderia ser cauterizada se soubéssemos que nossa amiga estava bem.

— Nossa amiga vai ficar bem, não vai? — Eu nunca tinha visto a Duda dessa forma, ela sempre foi tão forte e tão inquebrável, ali ela parecia frágil.

— Vai sim, Duda, ela tem que ficar bem, ela precisa ficar bem. — Falei sem conseguir conter as lágrimas que inundavam meu rosto, ela também chorava abertamente.

Todas nós tínhamos o mesmo sentimento: O medo.

Medo,minha mente sussurrou.

Não queria sentir isso, não queria de jeito nenhum, mas era impossível, ele estava ali, constantemente.

— Vamos falar com o Jeferson? — Minha amiga falou, olhei para o local onde ela apontava e o vi ali, olhando para o nada, com os pensamentos perdidos, estava visivelmente abalado.

Assenti e caminhamos até lá, minha amiga colocou a mão em seu ombro e o abraçou, fiz o mesmo e ficamos nós três ali, sem falar nada, apenas sentindo e nos consolando em silêncio.

Foi quando o ouvi chorar, me afastei e o encarei.

— Ela não pode morrer, Bruna. Ela não pode. — Lágrimas eram derramadas por ele e sua voz falhava a cada palavra. — Tem noção de como eu amo aquela mulher? Eu não sei viver sem ela. Se a Tatiana me pedir o mundo eu dou a ela, mas se ela for embora o meu mudo vai junto, porque sem ela nada faz sentido.

Eu estava chorando de novo, Jeferson estava com medo. Chorava de medo e desespero, o abracei novamente e senti suas lágrimas molharem minha blusa. Olhei para a Duda que estava estática com as palavras dele, ela também só sabia chorar.

Deus, por favor não deixe que a Tati se vá, pedi em silêncio.

Levantei o olhar e vi um médico vindo em nossa direção.

— Um médico. — Falei, rapidamente nos separamos e fomos até ele saber notícias.

Sua expressão era fechada, eu não estava gostando disso, nem um pouco.

— Doutor, quero saber da minha mulher. — Jeferson pediu.
— Como ela está? Por favor!

O médico permaneceu calado, meu coração se acelerou de uma maneira que não imaginei ser possível.

— POR FAVOR! — Ele gritou e vi o desespero em sua voz.

O médico olhou para baixo e depois voltou a nos olhar apertando os lábios.

— Eu sinto muito. — Ele começou. — Fizemos de tudo, mas a paciente não resistiu, morreu na sala de cirurgia.

Se o meu chão tinha acabado naquele momento, o mundo do Jefersson desabou.

— É mentira! — Ele gritou. — É mentira, cadê a minha mulher?

Ele tentou bater no médico, porém foi segurado pelo Fellipo.

— Jeferson, não! — Ele disse.

— Minha mulher... minha mulher... minha mulher... — Ele foi falando até que perceber que não havia nada a ser feito.

Vendo que ele não avançaria mais contra o médico, Fellipo o soltou.

Jeferson olhava para o nada, piscava sem parar, mas eu notava as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Meu mundo se foi. — Sua voz se tornou robótica, minhas lágrimas não paravam de cair e minha alma doia de forma incontrolável.

— Minha mulher... — Jeferson sussurrou de novo, então se virou e saiu caminhando até a saída do hospital até o perdemos de vista.

Desabei naquele momento, Fellipo vendo meu estado me abraçou imediatamente.

— Meu amor... — Ele beijou minha testa, porém deixou que eu chorasse e colocasse para a fora toda a dor me consumia e dilacerava.

Chorei como se não houvesse amanhã, chorei por ter perdido minha melhor amiga, o elo que segurava nosso trio.

— Estou aqui, meu bem, estou aqui com você.

Mas naquele momento, nada poderia aplacar a dor que estava sentindo, nada poderia me fazer esquecer isso.



Eu poderia dizer que estava melhor, poderia dizer que estava bem, mas seria mentira. Eu estava péssima, não comia e não dormia. E a cada vez que eu me lembrava que minha amiga não entraria pela porta do apartamento, uma nova crise de choro tomava conta de mim .

Eu estava sentada no sofá, quando o Fellipo sentou ao meu lado falando no meu celular.

— Certo, certo. — Ele me olhou e segurou minha mão. — Vou falar para ela, até mais.

Ele desligou a chamada e colocou o celular em cima da mesa.

— Eram os pais da Tati, chegaram agora do Canadá.

Não falei nada, apenas suspirei.

— Vai passar, amor. Você vai ver.

— Dói tanto, tanto. — Sussurrei,

— Vem aqui minha linda. — Me sentei em seu colo e ele me acalentou como se eu fosse uma criança e eu nunca me senti tão bem cuidada.

— Só queria que tudo isso fosse um pesadelo, que eu fosse acordar e ver minha amiga estava na cozinha fazendo seu café ou então brigando com o namorado.

— Eu sei que você queria isso, meu amor.

— É muito ruim saber que ela não vai estar mais ao meu lado, ouvindo minhas idiotices ou alguma reclamação. — Suspirei.
— Ela tinha tantos planos, ia se casar com o homem da vida dela, tinha tudo pronto! Minutos antes de tudo acontecer ela disse que a Duda e eu seríamos suas madrinhas e que ela seria louca se fizesse diferente.

Suas mãos passeavam por minhas costas me dando uma sensação de paz.

— A gente nunca sabe quando chega a nossa hora, amor mio.

— Eu sei. Já é a segunda perda que eu sofro.

— Vai passar, estarei aqui com você, sempre. — Ele beijou minha mão e eu o abracei.

— Obrigada, obrigada, não sei como lidaria com isso tudo se não fosse por você.

Após alguns minutos, o celular dele começou a tocar, mas ele não se movimentou para pegar.

— Não vai atender? — Perguntei.

— Depois, você é mais importante no momento.

Me abraçou novamente, mas alguns minutos depois o celular voltou a tocar. Me estiquei, peguei o aparelho e entreguei a ele.

— Eu falei...

— Atende, pode ser importante. — Interrompi.

Ele revirou os olhos, mas atendeu, foi nesse momento que senti seu corpo se tencionar em baixo de mim. Fiquei preocupada, olhando-o enquanto ele apenas escutava.

Ele desligou e me olhou.

— Meu amor, preciso sair agora, mas preciso que você confie em mim mais do que qualquer coisa, me promete?

— Por que? — Estava preocupada.

— Só me promete, Bruna, eu preciso te contar várias coisas, só que ainda não é momento.

— Fellipo, o que está acontecendo?

— Eu te prometo, Bruna, que vou contar, mas preciso resolver uma coisa antes. — Disse me colocando em cima do sofá e caminhando em direção a porta em seguida, mas parou e voltou a me olhar.

— Confia em mim?

Me sentia entre a cruz e a espada, o medo me dominava, mas eu precisava confiar nele, independente do que estivesse escondendo de mim.

— Confio.

Ele apenas assentiu e saiu batendo a porta atrás de si.

Só me perguntei o que diabos ele estava escondendo.



Bônus Jeferson

*Nós nunca somos tão desamparadamente
infelizes como quando perdemos um amor.*

Sigmund Freud

Dor.

Muita dor.

Uma dor que não cabia dentro de mim.

Só de pensar que uma hora temos alguém do nosso lado e no instante seguinte ela não está mais ali, apenas esse fato, muda o pensamento de alguém.

Eu não sentia apenas a dor, meu coração estava estilhaçado, meu peito sangrava, eu tinha perdido meu mundo inteiro em apenas uma noite.

Depois que o médico deu a fatídica notícia de que minha mulher havia indo embora desse mundo, eu sai do hospital sem um

norte, estava encarando a rua, os carros passando, o vento soprava na direção contrária a que eu estava.

Eu não tinha mais lágrimas, não tinha mais forças, não tinha mais vida. Minha vida era ela e agora ela tinha ido embora.

Eu estava vazio, era como se minha alma tivesse deixado meu corpo. Podia ter todos os defeitos do mundo, podia ser o cara mais chato, baladeiro, mas nada tirava o fato de que eu amava aquela mulher com todas forças que eu tinha, eu faria tudo por ela, se ela me pedisse o mundo eu daria um jeito e lhe daria de presente.

Pedi-la em casamento foi o melhor dia da minha vida, ouvir da sua boca o tão esperado sim foi inesquecível, poder ver a felicidade estapanda em seus olhos me deixava extasiado, apenas o fato de receber uma mensagem dela todas as manhãs me desejando um bom dia, me fazia sorrir de orelha a orelha.

Olhei para o céu estrelado e gritei, gritei sem me importar com o que as pessoas iriam pensar de mim ou se me chamariam de doido, mas eu precisava me livrar dessa dor que tomava conta de mim.

— Por que o Senhor a tirou de mim? — Perguntei. — Por que tirou a pessoa que eu mais amava?

Chorei novamente, será que isso nunca iria acabar? Será que não iria parar? A dor estava me corroendo, me matando. Me levantei e andei sem rumo, chorando feito uma criança, me lembrando de todos os momentos que passei ao lado da minha Tati.

Quando coloquei meus olhos nela pela primeira vez, sabia que ela seria minha ruína, ela levaria meu coração para si e me amarraria de todas as formas possíveis. E ela fez isso e como eu amei isso, ela me conquistou das maneiras mais improváveis que se podia imaginar, era involuntário da parte dela, mas quando dei por mim eu já estava completamente apaixonado, mas ela não estava por mim e conquistá-la se tornou uma meta pessoal, mesmo depois que ela se declarou, eu insistia em conquistá-la todos os dias, seja com uma declaração por mensagem, um presente, o sorriso dela era minha maior conquista.

Só que eu não veria mais esse sorriso, não receberia mais suas mensagens, não diria que amo.

Meu Deus, o que eu ia fazer da minha vida?

O que eu seria dali em diante?

Me sentei em um banco e observei o movimento diminuir, as ruas mais desertas, poucas pessoas caminhando.

— Meu Deus, o que eu vou fazer?

Perdido era uma boa palavra para definir meu estado. Eu não tinha um caminho sem ela, ela era meu tudo, como eu podia ter algo se ela era tudo que eu tinha?

Mesmo preso naquela onda de dor que, ouvi um choro baixinho, perto dali, ignorando minha tristeza fui atrás e identifiquei um choro feminino. Me aproximei de um arbusto e vi uma mulher, não pude ver seu rosto direito, mas sabia que ela chorava.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Vai ficar. — Ela respondeu em meio a soluços, então se levantou. — Tenho que ir, licença.

— Espere, aonde vai nesse estado e sozinha?

— Preciso voltar pro hospital, deixei minha sobrinha sozinha ali.

— Eu levo você, tenho que voltar para lá.

A dor se intensificou dentro de mim, eu sabia que teria que encarar a realidade uma hora ou outra.

— Sério, não precisa, eu vou sozinha.

— Não sou filho da puta a ponto de te deixar ir sozinha durante a noite, eu acompanho você, estou indo para lá também, já disse.

Ela ficou em silêncio, parecia pensar, até que respondeu.

— Tudo bem.

Enquanto caminhávamos resolvi perguntar.

— O que aconteceu para você estar chorando desse jeito?

Ela não respondeu de imediato, depois de longos minutos ouvi sua voz novamente.

— Minha irmã estava grávida, só que teve complicações no parto, infelizmente ela não resistiu.

Ela voltou a chorar, entendia sua dor, me sentia da mesma forma.

— Meus sentimentos. — Falei.

— Obrigada. — Ela respirou alto e continuou falando. — Agora estou sozinha, com dois sobrinhos para criar, meu Deus o que eu vou fazer?

Tínhamos o mesmo questionamento.

— Eu perdi minha noiva. — Falei. — E estava fazendo essa mesma pergunta agora pouco.

— Sinto muito.

Não respondi, quando chegamos ao hospital, ela se virou para mim e vi seu semblante pesado, seu olhar triste.

— Obrigada por ter me acompanhado. — Ela falou. — Preciso ir para maternidade, até mais.

Ela se virou antes que eu pudesse falar qualquer coisa, me virei e caminhei para a recepção do hospital, apenas a Duda estava ali. Os olhos inchados e o nariz vermelho indicavam que ela havia desabado. Me aproximei dela e ela me abraçou.

— O que eu vou fazer sem minha amiga? — Ela questionou, mas não respondi.

Eu só queria mais uma oportunidade de dizer que eu a amava, que ela era meu ar e minha razão de viver.

Chorei novamente ao notar que nunca mais falaria isso para ela, pois a Tati havia morrido e levado o meu coração com ela.



Capítulo 17

Bruna

Como doem as perdas para sempre perdidas,

e, portanto, irremediáveis,

transformadas em memórias iguais

pequenos paraísos-perdidos.

Caio Fernando Abreu

Estranhei demais a reação do Fellipo, mas decidi confiar nele. Eu tinha que confiar nele, mesmo sentindo que ele estava escondendo algo, tudo bem que eu também estava escondendo algo dele, ainda não tinha contado sobre as cartas e ameaças que estava recebendo, mas toda a vez que eu ia contar, algo acontecia, parecia ser de propósito.

Olhei o apartamento e o vi enorme sem minha amiga, peguei meu celular e mandei uma mensagem para Amanda,

precisava de um colo de mãe agora.

Bruna: *Posso dormir com você essa noite?*

Apertei em enviar e segundos depois veio a resposta.

Amanda: *Claro que pode, meu anjinho, estarei te esperando.*

Me levantei depressa, fui tomar um banho e arrumar algumas roupas para levar, ainda não estava pronta para ficar aqui sozinha.

Antes de sair de casa mandei uma mensagem para Fellipo, avisando onde eu estaria, não esperei resposta, apenas sai.



Ficar com a Amanda foi renovador, ela me acolheu e me consolou, igual fez comigo quando descobri que minha mãe havia morrido. Ela não falou nada, não questionou, apenas me deu colo, como se eu ainda tivesse meus 4, 5 anos de idade.

Adormeci em sua cama, mas acordei sem ela perto de mim. Me levantei e fui tomar um banho, precisava me sentir viva e revigorada. Devo ter ficado uns 30 minutos debaixo da água quente,

apenas sentindo minhas forças voltando aos poucos para meu corpo, quando me olhei no espelho, notei o quanto meu semblante estava cansado. Foram dias difíceis, verdade, mas parecia que eu havia envelhecido 10 anos em 2 dias.

Saí do banheiro e fui para a cozinha, o cheiro do café se tornava mais forte conforme ia me aproximando. Amanda estava terminando de coá-lo quando me sentei à mesa.

— Cheirinho bom. — Falei e ela sorriu vindo me dar um beijo.

— Dormiu bem, Bruna?

— Dormi, sim. Obrigada por ter me ajudado. — Falei pegando a xícara da sua mão.

— Que isso meu bem, sabe que faço isso com maior gosto, ontem você parecia tão fragil, queria te dar toda a minha força e fazê-la se sentir melhor.

— Amanda, o que eu faria se você não existisse em minha vida? — Falei e levantei para abraça-la.

— Seu namorado ligou perguntando se você estava bem.

— O que você respondeu? — Perguntei passando requieirão no pão.

— Que você tinha chegado exausta aqui e logo dormiu, ele disse que passaria aqui mais tarde para te buscar pro enterro.

Suspirei, estava tentando não pensar nisso.

— Ela vai fazer falta. — Amanda falou, ela a conhecia desde que morávamos no Rio, sabia que sentiria sua falta.

— Sim, ela vai. — Falei segurando às lágrimas.

— E o Jeferson, como está? — Perguntou.

— Arrasado, nunca o tinha visto nesse estado, Amanda. Ele estava irreconhecível.

— A dor nos torna pessoas diferentes, Bruna, ela nos molda. Tenho medo do que pode acontecer com ele.

— Ele vai ficar bem.— Falei. — Vai demorar um pouco para se achar novamente, mas vai ficar bem.

— Deus te ouça, menina, Deus te ouça.



Até o tempo decidiu ficar triste, o céu estava nublado e o vento frio indicava que poderia chover a qualquer momento. A faculdade inteira estava aqui, amigos, colegas, pais, professores, todos tinham uma tristeza no olhar que era difícil de não notar, a Tati sempre foi muito querida, conversava com todo mundo e espelhava alegria onde entrava.

Jeferson estava afastado, percebi que ele tinha chegado com os pais da Tati, mas depois se afastou deles, ficando isolado. Decidi me aproximar, quando ele me olhou, a tristeza que vi ali foi tão grande, mas tão grande, que não tive força para segurar as lágrimas e chorei, ele caminhou até mim e me abraçou. Era difícil para nós dois, mas sabia que precisávamos seguir em frente, pois seria o que a Tati falaria para fazermos, seguir em frente.

Quando chegou a hora do caixão ser baixado, nem eu e nem a Duda conseguimos falar alguma coisa, tamanho era nosso choro, Fellipo abraçava nós duas, mas eu via que ele também estava abalado com isso. Então o pai da Tati falou.

— Nenhum pai quer enterrar um filho, muito menos sentir essa dor, minha Tati vai fazer falta, minha filinha tinha um futuro enorme pela frente, ela me ligava todos os dias e me contava dos

seus sonhos e projetos. — Ele parou e olhou para o Jeferson, notei o brilho das lágrimas em seus olhos. — Estava feliz por ter encontrado o homem da vida dela, todos os dias fazia questão de falar o quão apaixonada estava e como estava ansiosa para o casamento. Obrigada, Jeferson, por ter dado para minha filha a oportunidade de amar e ser amada por você, sei que seu coração está tão quebrado quanto o nosso, porque sei que amar te leva a fazer planos para se viver com alguém e isso foi tirado de vocês sem permissão. Aqui fica a saudade de uma mulher que viveu até seus 23 anos e que agora está em um lugar melhor.

Ele começou a chorar e foi consolado pela esposa que também estava aos prantos, todos estavam, até o Fellipo chorou e beijou meus cabelos para esconder isso.

Jeferson não quis falar e eu o entendia, ele estava abalado demais para qualquer coisa. Quando o caixão foi baixado e todos jogaram flores, ele foi o primeiro a deixar o local, observei suas costas se afastando pelo cemiterio e tive uma estranha sensação de que não o veria tão cedo de novo.



1 semana depois

Queria poder dizer que as coisas haviam se normalizado, mas não foi o que aconteceu, eu tinha pesadelos constantes com minha amiga e por causa disso passei a dormir no apartamento do Fellipo, mesmo não concordando. Confesso que dormir e acordar ao lado dele tem feito meus pesadelos diminuírem a ponto de não tê-los mais.

Tinha acabado de parar de chover quando resolvi sair para comprar algo para comermos mais tarde. Caminhei tranquilamente até o mercado, mas tinha a impressão de estar sendo observada, parei e olhei para trás, mas não havia ninguém, continuei meu caminho, mas a estranha sensação não parava de me perseguir.

Quando saí do mercado e caminhava de volta para o apartamento, jurei que vi alguém atrás de mim.

— Tem alguém aí? — Perguntei, mas não obtive resposta, ao me virar para voltar ao caminho, me assustei ao ver a Mariana parada na minha frente.

— Bruna?

— Mariana! — Falei colocando a mão no coração. — Quer me matar de susto?

— Bruna, você precisa me ajudar por favor, por favor. — Ela disse me puxando na direção contrária de onde eu estava indo.

— Mariana, ajudar com o que? — Perguntei.

— Minha filha, minha bebê, ela não para de chorar, eu não sei o que fazer. Por favor, me ajuda.

Filha? Nem sabia que ela tinha um bebê.

— Que filha?

— Por favor, Bruna, só me ajude a fazê-la tomar o leite, ela não toma, ela não quer tomar, ela fica chorando e chorando. Por favor.

Seu olhar era desesperado, eu havia deixado o celular em casa, não tinha planos de demorar, esperava não demorar com ela também.

— Ok, vamos lá.

— Obrigada, obrigada!

Voltou a pegar minha mão e me puxar em direção a um carro preto.

— Entra no carro. — Ela disse e eu hesitei.

— Eu precisava avisar o Fellipo...

— Entra no carro, agora! — Sua voz mudou.

— Mariana... — Falei cuidadosamente.

— Entra no carro! — Ela falou apertando meu braço mais forte e me mostrando uma arma. — Logo o italiano saberá onde você está. Agora entra!

Não tive escolha a não ser obedecer.

Quando entrei, ela entrou logo em seguida e começou a sussurrar.

— Vamos fazer minha filhinha parar de chorar, vamos fazer, vamos fazer...

Então meteu o pé no acelerador e saímos em disparada.

Deus, me ajude!

Pedi, porque não sabia o que aconteceria dali para frente.



Capítulo 18

Fellipo

*As pessoas feridas são mais perigosas,
pois sabem que podem sobreviver.*

Perdas e Danos

Estava cansado, o trabalho havia sido desgastante e as pessoas falando de mim pelas costas também não estava ajudando muito. Sabia que seria assim ao assumir meu relacionamento com a Bruna. Depois de 10 anos sem me envolver emocionalmente com ninguém, finalmente eu tinha alguém para poder dividir meu dia, nenhum dos casos que tive durante todo esse tempo me fez querer ter algo a mais que uma noite, com a Bruna foi instantâneo, eu soube que ela faria parte da minha vida no momento que começamos a nos envolver e eu senti que não iria ficar com ela apenas uma vez. Ainda não tinha contado a verdade para ela, mas contaria. A Bruna merecia saber sobre meu passado e os motivos que me levaram a fazer o que fiz.

Abri a porta do meu apartamento e o encontrei em silêncio. Estranhei, mas depusitei as chaves em cima da mesinha e caminhei para a cozinha. Tudo estava quieto, mas a louça para guardar estava em cima da pia, indicando que a Bruna havia comido.

— Meu amor, cheguei. — Falei indo para a sala e depois para o quarto, mas não havia nenhum sinal dela, caminhei para o banheiro e área de serviço, mas não havia nada ali também.

Uma sensação estranha tomou conta do meu peito e fiz de tudo para afastá-la. Peguei meu celular e liguei para ela, porém escutei o aparelho tocar na sala. Peguei o interfone e liguei para o porteiro.

— Sabe me dizer que horas a Bruna saiu? — Perguntei.

— Tem mais de uma hora, senhor.

— Sabe aonde ela foi?

— Não, senhor.

— Obrigada. — Desliguei e procurei me acalmar, talvez ela tivesse ido para a casa da Amanda ou da Duda, por via das dúvidas liguei para as duas.

— Não, Fellipo, não falei com a minha menina hoje. —
Amanda respondeu.

— Obrigada, Amanda.

Desliguei e liguei para a Duda, a ligação chamou até cair e alguns minutos depois recebi uma mensagem dela.

Duda: *Estou em uma reunião com meu orientador de TCC, não posso atender agora.*

Depois dessa mensagem tinha certeza de que a Bruna não estava com ela.

Comecei a andar de um lado para o outro, o nervosismo tomava conta de mim de uma maneira que eu não podia evitar.

Mariana estava no Brasil e isso me preocupava, ela não estava bem e os médicos disseram que interná-la novamente seria uma opção a se pensar, mas eu não tinha mais esse poder sobre ela, não podia tomar essa liberdade, a família do Gustavo que tinha. Mas ninguém tinha notícias dela há uma semana, desde que o Gustavo me ligou avisando que ela tinha recebido alta, mas havia sumido deixando uma carta dizendo que estava bem e que iria viver sua vida, e isso me preocupava.

Mariana era louca, essa era verdade. Ficar internada em uma clínica psiquiátrica também não ajudou, mas era o melhor se fazer na época. Com ajuda dos médicos e psicólogos ela tinha ficado bem, havia aceitado o fim do nosso casamento, a morte da nossa filha. Desde que pedi o divórcio não tive mais contato, mas antes de sair da Itália para me mudar para o Brasil ela teve uma crise, mais leve do que a última e eu a socorri, não estava pronto para ficarmos cara a cara, mas Mariana era frágil e precisava de ajuda, infelizmente eu não era a pessoa mais indicada para lhe ajudar. Eu sei que a fiz sofrer, mas eu sofri muito mais. Infelizmente a mulher por qual fui apaixonado não existia mais, o que tinha agora era alguém obcecada por mim e com sérios problemas psicológicos.

Deus era testemunha de como eu queria que as coisas fossem diferentes, que o nosso casamento tivesse dado certo e nossa filha estivesse viva, acho que o que acabou de vez com a sanidade mental foi a morte dela. Vê-la chorar diante do berço da pequena me quebrava em mil pedaços, mas vê-la ter alucinações com a menina foi demais para mim, tomei a única medida cabível na época, a internação.

O interfone tocou me tirando do mar de pensamentos que eu estava.

— Sim.

— Senhor Fellipo, tem um rapaz chamado Gustavo que precisa falar com o senhor, disse que é urgente.

— Manda subir. — Falei e alguns minutos depois eu abri a porta do apartamento para ele.

— A Mariana me ligou. — Ele falou entrando.

— O que ela queria?

— Ela está delirando, Fellipo, não falava coisa com coisa. Só repetia que precisava fazer a filhinha parar de chorar.

Fechei os olhos, conhecia isso.

Droga!

Essa frase me fez recordar a primeira vez que a vi deliriar.

“Estava terminando de elaborar um trabalho para a faculdade. Estava tudo silencioso, isso me fez pensar que a Mariana tinha dormido, a medicação que eu havia dado para ela à deixava sonolenta. Guardei minhas coisas e caminhei para nosso quarto, porém não a encontrei na cama, então fui ao único lugar que em que ela poderia estar depois de tudo que nos aconteceu.

Abri a porta do quarto que foi feito para nossa filha e a encontrei sentada na poltrana, ela tinha uma boneca nos braços e ninava a boneca.

— Preciso fazer minha filhinha parar de chorar, preciso fazer minha filhinha parar de chorar, preciso fazer minha filhinha parar de chorar.

— Mariana? — Falei e ela ergueu o olhar para mim.

— Eu estava dormindo, mas ouvi nossa filha chorar então vim aqui para dar de mamar para ela, mas ela não está com fome. Meu amor, faça nossa filhinha parar de chorar, por favor, ela está chorando muito.

— Mariana... — Eu não era capaz de construir uma frase coerente naquele momento, ver minha esposa naquele estado me deixou apavorado.

— Por favor, Fellipo, faça a nossa filhinha parar de chorar, faça a nossa filhinha parar de chorar.

Me aproximei dela e me agachei em sua frente.

— Meu amor, vamos ali comigo?

— *Não podemos, querido, ela ta chorando, ta chorando muito, será que ela está com dor? Pode ser isso não é? Fome não é, ja tentei dar de mamar, mas ela não mama. Meus seios estão doloridos e cheios de leite, mas ela não quer mamar, amor.*

— *Eu vou ligar por médico, tá bom?*

— *Liga mesmo, nossa filhinha não pode ficar sem comer.*

Me levantei e a observei voltar a ninar a boneca em seus braços. Sai do quarto fechando a porta em seguida”.

Depois daquele dia, liguei para o médico que tinha cuidado da gravidez da Mariana e relatei o ocorrido, ele me ouviu atentamente e disse que poderia ser uma transtorno por conta do trauma da morte da criança. Só que a cena foi repetida milhares de vezes, todos os dias, todos os malditos dias, eu via a minha mulher no quarto tratar uma boneca como se fosse nossa filha. Eu estava ficando louco junto com ela, foi quando decidi ligar para o médico novamente e ele indicou uma clinica psiquiatria. Mariana não queria ir, fez um escândalo quando eles chegaram ao nosso apartamento. Nunca vou esquecer do momento em que levaram minha esposa presa em uma camisa de força, porque não queria ir sem levar a

boneca, ela não parava de repetir que precisava da filha dela, que precisa de mim.

Vários exames foram feitos até que a psiquiatra que nos atendeu chegou com o resultado que mudou nossas vidas para sempre. Mariana estava em um estado avançado de esquizofrenia e precisava urgente de cuidados especiais. Não queria ter chegado aquele ponto, mas não pude fugir da internação. Foi a única solução para que ela não sofresse mais do jeito que sofria, foi a partir desse momento que nosso casamento desmoronou de vez.

— Fellipo? — Olhei para o Gustavo, ele ainda era muito novo na época que aconteceu. Foi difícil para a família inteira aceitar minha decisão de interná-la.

— Sim?

— Minha irmã está tendo um ataque e você fica no mundo da lua?

— A Bruna sumiu, Gustavo.

Ele parou e me olhou assustado.

— Você não acha que...

— Não sei, não quero pensar em hipótese nenhuma, mas isso está me angustiando.

— Cacete. — Ele falou passando as mãos nos cabelos. — Ela não sabe do estado da Mariana. Não vi necessidade de contar para ela na época que namorávamos porque a Mari estava bem, ela tomava os rémedios e não estava mais delirando e se elas se viram três vezes foi muito, era sempre quando a Mari vinha para o Brasil passar férias.

Ele suspirou exasperado, não conseguia pensar que a Mariana fosse capaz de fazer alguma coisa com a Bruna, ela nem sabia que estávamos juntos, como poderia fazer alguma contra ela?

O celular do Gustavo tocou chamando nossa atenção.

— É a Duda. — Ele disse atendendo a ligação logo em seguida. — Sim, Eduarda. Tem certeza disso? Certo, estamos indo aí.

Ele desligou e me encarou.

— Vamos para o apartamento da Bruna, Fellipo. — A expressão dele não era nada boa. — A Duda achou algo que podemos querer ver.

Apenas assenti e saímos do meu apartamento.



Assim que entramos no apartamento da Bruna, vimos a Duda andar de um lado para o outro, como se estivesse preocupada.

— O que houve, Duda? — Perguntei.

— Depois da sua ligação, a Amanda me ligou perguntando se eu sabia da Bruna, imaginei que seu telefonema fosse pelo mesmo motivo, então vim aqui pra ver se ela estava por aqui, mas não a encontrei. Então me lembrei que uma vez a Tati me falou, sem querer, que a Bruna tinha recebido uma carta com uma mensagem ameaçadora.

Gelei, eu não conseguia acreditar nisso. Não podia ser possível.

— Que mensagem, Duda? — Gustavo perguntou e eu senti a tensão em sua voz.

— Eu não sabia, então fui procurar a carta em questão, assim que a achei liguei para vocês.

— Onde ela está? — Perguntei e ela me estendeu a mão, entregando um envelope vermelho sangue.

Vacilei, mas peguei o papel e abri e assim que li a carta tive certeza de que a Bruna corria risco de vida.

“Você sabe exatamente do que eu estou falando, Bruna. É melhor fazer o que eu pedi e se afastar do Fellipo.”

Conhecia a letra da Mariana em qualquer lugar do mundo, então meu celular tocou e eu vi o número da minha ex-mulher na tela, atendi imediatamente.

— Alô.

— Meu amor, faça nossa filhinha parar de chorar, faça nossa filhinha para de chorar, faça, faça.

— Mariana...

— Faça ou então vou fazer a Bruna chorar com ela

Então a ligação caiu.

Meu Deus, isso não podia estar acontecendo.



Capítulo 19

Bruna

Ontem eu era uma fração, eu estava prestes a perder algo, mais isso foi ontem, hoje eu sou o medo, medo de perder algo que demorei a conseguir, medo de perder o amor que me recusei a tanto custo a dar e receber.

Ana Caroline

Eu estava sentada em um sofá e observava a Mariana andar de um lado para o outro, ela conversava como se estivesse alguém do seu lado. Não ousei falar nada, nem mesmo respirar alto. Me perguntava o que atormentava essa mulher e o motivo dela agir dessa forma. Na verdade, algo me dizia que se eu perguntasse não iria gostar de saber.

— Mariana...

— Ela não para de chorar, Bruna. Meu bebê não para de chorar um só minuto.

— Mariana, não tem bebê nenhum aqui. — Falei gentilmente.

— Tem sim, ela está ali naquele bercinho. — Apontou para um ponto onde só havia uma mesa. — Ela não quer parar, por favor, me ajude, eu sei que você pode. Eu sei disso.

— Eu... eu...

— Eu não vou matar ela, não agora, não vou, não vou. — Prendi o ar, ela era louca, então ela me olhou. — Você roubou o meu marido, as vozes estão me dizendo que você roubou o meu marido.

— Mariana, eu não sei...

— Mas o Fellipo ainda me ama, eu sei disso, eu sei que ele ama, as vozes dizem que ele me ama.

— Fellipo...

Algumas coisas deveriam estar fazendo sentido na minha cabeça, mas não estavam. A Mariana é ex-mulher do Fellipo? O que aconteceu com ela? O que eles tiveram que a deixou assim?

Eram tantas perguntas que rondavam minha cabeça que eu não sabia o que pensar primeiro.

— Mariana... — Ela me olhou. — Os bilhetes? Foram você?

— Não, foram as vozes, as vozes me mandaram fazer isso, mas eu só queria o Fellipo, ele ainda me ama, eu sei disso. Se não amasse ele não teria me salvado, não é?

O quebra-cabeça ganhou mais peças, porém nada se encaixava.

— Que vozes, Mariana?

Ela não respondeu, apenas andava de um lado para o outro.

Se a Mariana era ex mulher do Fellipo, porque o Gustavo nunca me falou isso? Isso também explicava o motivo deles dois já se conhecerem, eles eram cunhados.

Fechei os olhos e queria entender o que estava acontecendo.

Marina saiu da sala entrou para um quarto e fechou a porta, aproveitei o momento em que ela não estava e fui verificar se a porta da sala estava aberta, pra minha sorte estava. Saí sem fazer barulho e chamei o elevador do prédio.

Ele estava demorando e o meu medo de que ela pudesse sair de dentro do apartamento com aquela arma.

Quando finalmente o elevador chegou, Mariana saiu do apartamento e não tinha cara de poucos amigos.

— Eles me avisaram que você ia sair, não era pra sair, não era.

Ela veio andando em minha direção, entrei no elevador e apertei o botão do térreo, mas antes que as portas se fechassem completamente, ela apontou a arma em minha direção e fez dois disparos.

A dor era excruciante, como se minha pele estivesse sendo esmagada, abri a boca em um grito mudo e fui escorregando até ficar sentada no chão do elevador. A dor era tanta que parecia que eu iria morrer, a morte estava me chamando para falar a verdade, minha cabeça girava e minha visão ficava cada vez mais escura e embaçada. Respirar doía, pensar doía, tudo doía.

Quando a porta se abriu e o porteiro viu minha situação, correu em minha direção.

— Meu Deus, moça! — Suas mãos estavam tremendo.

Minha mente começou a rodar, os pontos ficaram vagos, não escutava direito, a dor tomando conta de mim, minha visão estava fraca e eu mal via quem estava na minha frente.

— Não durma, moça, pelo amor de Deus.

Queria dizer que era mais forte do que eu, mas não conseguia. Eu só queria que parasse de doer, e estava parando. Era como se eu estivesse sendo levada para longe dali, para longe da dor.

Antes que eu pudesse me entregar de vez para a escuridão, ouvi uma voz ao longe.

— Bruna!



Estava abraçada nela, não queria mais soltá-la de jeito nenhum.

*— Quero ficar com a senhora para sempre assim, mãe. —
Falei para ela, que sorria gentilmente para mim.*

— Sabe que não pode, não é meu amor? — Ela afagava meus cabelos. — Tem pessoas que precisam de você.

— Mas aqui é tão bom? Queria tanto ficar com a senhora.

— Eu sei, meu bem, nós vamos ficar juntas, mas no momento certo. Ficarei te esperando.

Me afastei dela e acariciei seus cabelos.

— A senhora está bem, mãe?

— Estou, meu amor.

— Promete que não vai me abandonar?

— Nunca te abandonei, meu anjinho. Sempre estive do seu lado e é por isso que digo que tem que voltar agora. Existem coisas que você precisa saber, segredos que precisa descobrir!

— Mas já? Não posso ficar mais tempo? E que segredos são esses mãe? Por que a senhora não pode me contar?

— Não se preocupe, meu amor. Na hora certa você vai descobrir toda a verdade, só preciso que saiba que, independente de qualquer coisa, eu amo você. — Ela afagou meus cabelos e depositou um beijo em minha testa. — Bruna, jamais se esqueça disso, eu amo você.

Minha mãe começou a desaparecer.

— Mãe, como eu vou voltar?

— Você vai saber, meu amor!

Então senti como se estivesse caindo e sendo sugada.



Fellipo

— Rápido, carga maior no desfibrilador! — O paramédico disse e aplicou outro choque na Bruna.

Vi seu peito subir e descer, mas nada dela ter algum sinal.

— Mais forte! Anda!

Então ele deu outro e vi a máquina que a conectava voltar a apitar.

Soltei o ar que eu não sabia que estava prendendo. Quando vi a Bruna coberta de sangue dentro do elevador, pensei que ela estava morta. Ela não respondia aos médicos e sua pulsação estava fraca, eu fiquei desesperado quando os médicos disseram que iriam fazer uma última tentativa.

Rapidamente eles fecharam a ambulância e correram pelas ruas de São Paulo, estava prestes a ir para o meu carro e seguir com ele quando Gustavo parou em minha frente.

— A Mariana já foi levada para a delegacia, devido a sua condição ela ficará internada em uma clínica.

— Melhor assim.

— Ela quer conversar com você, Fellipo. — Gustavo falou.

— Não estou com cabeça para isso, Gustavo.

— Por favor, vi minha irmã ser levada em uma camisa de força e logo depois ser sedada, Fellipo. Não estou pedindo por ela agora, estou pedindo por tudo que vocês dois viveram e do amor que sentiam um pelo outro.

Fechei os olhos analisando a proposta, mas eu sabia que não deveria vê-la de novo.

— Gustavo, não adianta. — Falei para ele. — A Mariana deixou de ser minha responsabilidade desde que assinei o divórcio, eu não queria ter mais nenhuma ligação com ela, mas ela voltou e causou tudo isso. Minha responsabilidade é com a mulher que saiu naquela ambulância quase morta.

— Ela não morreu.

— Ainda bem, se não eu mataria sua irmã, por Deus, Gustavo, eu mataria. Não suportaria viver sem a Bruna.

Ele suspirou.

— Eu entendo, nunca senti pela Bruna o que você sente, o que tivemos foi uma paixão que pensamos ser amor, mas não era.

Eu fico feliz que vocês tenham se encontrado e por mais que minha irmã tenha feito tudo isso, eu sinto muito, de verdade.

— Eu sei, eu fui muito feliz com a Mariana. O que tínhamos, não terei com mais ninguém, mas infelizmente acabou, não por culpa dela, mas por culpa minha, eu não suportaria ir visitá-la todos os dias dentro de um hospital Psiquiátrico.

— Sinto muito por tudo que passaram, Fellipo, de verdade.

— Sei disso. — Falei. — Depois conversamos sobre a Mariana, eu preciso ir para o hospital.

— Mê de notícias.

— Pode deixar.

Cheguei no meu carro e antes que eu pudesse entrar eu desabei, me sentei no chão e as lágrimas vieram de uma vez, a última vez que chorei assim foi quando descobri a morte da minha filha, era como se algo se quebrasse dentro de mim em milhões de pedaços novamente. Até respirar era difícil, eu não suportaria perder essa mulher, eu não suportaria viver sem ela.

— Deus! — Supliquei, me ajoelhando e olhando para o céu azul. — Não tire essa mulher de mim, não me condene a viver em um mundo onde ela não esteja! Eu te imploro, salve a Bruna, por

favor. Por favor! Eu amo essa mulher, amo com toda a força da minha existência, com cada célula do meu corpo. Não tire ela de mim, por favor.

Então chorei ainda mais. Tentar me manter forte naquele momento em que ela estava praticamente morta foi a coisa mais difícil que fiz, não sabia de onde tinha tirado tanta força. Não podia perdê-la, ainda mais agora que eu estava pensando em tantas coisas, tantos planos, sonhava com minha vida junto a dela. O simples fato de pensar que ela poderia ser tirada de mim me matava por dentro, me dando a sensação de dor na alma, que era pior que qualquer outra dor.

— Por favor, Deus, não a tire de mim. — Pedi baixinho, novamente.



Capítulo 20

Fellipo

"Porque amor é justamente isso, é ficar inseguro, é ter aquele medo de perder a pessoa todo dia, é ter medo de se perder todo dia. É você se ver mergulhado, enredado, em algo que você não tem mais controle."

Fabício Carpinejar

Sabe quando a aflição domina seu corpo? Quando você fica angustiado por algo em que você sabe que não pode fazer nada a não ser esperar?

Pois é, eu me encontrava nessa situação, até mesmo pior se formos falar a verdade. Eu queria poder fazer algo, mas era incapaz disso, era incapaz de resolver esse problema.

— Você precisa ir para casa descansar. — Amanda falou me entregando um copo com café.

— Não saio daqui enquanto não tiver notícias da Bruna. —
Falei.

— Fellipo, ela vai ficar bem. A Bruna é a mulher mais forte que eu conheço, não tenho dúvidas de que ela vai sair dessa.

— Se a senhora visse o estado dela, nunca senti tanto medo de perder uma pessoa. — Falei encarando o nada. — Foi como se o tempo parasse, eu não conseguia ver nada além dos médicos tentando reanimá-la.

— É por isso que digo que ela vai ficar bem. — Ela segurou minhas mãos. — Fellipo, olhe para mim.

Levantei o olhar para ela e vi ternura em seus olhos.

— Você ama a minha menina?

Ah, como eu amava. Nunca pensei que fosse capaz de amar de novo, mas a Bruna me mostrou que eu era capaz sim.

— Eu amo. — Amanda sorriu para mim.

— Por esse amor que você sente vá para casa, tome um banho, descanse, se alimente, que quando tiver notícias dela eu ligo para você, não sairei daqui.

— Eu...

— A Bruna não iria querer te ver nesse estado, pode ter certeza disso.

Ela tinha razão, iria fazer isso pela Bruna.

— Eu vou, mas assim que eu tiver mais descansado voltarei para você ir descansar também.

Ela apenas sorriu e assentiu.

— Descanse e não se preocupe.

Assenti e me levantei, meus músculos protestaram e eu fiz uma careta. Eu realmente precisava de um banho, de comida e dormir um pouco, a pergunta era: Eu conseguiria fazer isso?



Infelizmente ou felizmente, não sei, minhas vontades eram diferentes das do meu corpo. Estava exausto, com fome e precisando de um banho. Quando fiz tudo e me deitei em minha cama, meu corpo agradeceu, não que eu tivesse relaxado, mas pelo menos estava confortável. Não tinha como me tranquilizar com todos os meus pensamentos voltados para a Bruna, por esse motivo apenas me deitei e fiquei encarando o teto.

Quando senti meus olhos pesarem e o sono foi se aproximando, meu celular tocou me fazendo despertar

imediatamente. Me levantei e corri para buscar o aparelho, o nome da Duda piscava na tela, atendi imediatamente.

— Duda, alguma notícia da Bruna? Ela está bem?

— Calma! Cheguei no hospital agora pouco e mandei Amanda para casa, ela estava quase dormindo em pé aqui.

— Fez bem, eu não deveria tê-la deixado aí e vindo embora.

— Nada disso, você fez bem em ir para a casa também, precisava descansar. Mas enfim, o médico veio aqui e me disse que a cirurgia de remoção das balas foi um sucesso.

O suspiro que eu soltei foi de alívio.

— Graças a Deus. — Falei.

— Sim. — Ela disse. — Um tiro pegou no ombro e o outro acertou a região da barriga, por um milagre não atingiu nenhum órgão, ela perdeu muito sangue rapidamente, por isso sofreu uma parada cardíaca. As próximas horas são decisivas para saber se ela vai ficar bem.

— Em 10 minutos eu chego aí.

— Fellipo, não precisa...

— Até daqui a pouco, Duda. — Encerrei a chamada e fui me arrumar para voltar ao hospital.



— Você está com a expressão calma para quem a amiga está no hospital. — Falei para Duda.

— Eu tô tentando ser forte, perdi uma amiga tem pouco tempo eu não suportaria perder outra.

— Ela vai ficar bem. — Falei e ela apenas assentiu.

Claro que era mais difícil para ela, já havia perdido uma amiga de maneira trágica a pouco tempo, perder outra seria mais doloroso ainda.

Ficamos calado por um tempo até eu perceber a chegada do Gustavo. Duda se levantou e o abraçou, ficaram um tempo assim até virem até mim.

— Então, como ela está?

— Estamos aguardando mais notícias. — Falei me levantando. — O que aconteceu com a Mariana.

— Ainda na delegacia, mas vai voltar para o hospital psiquiátrico, meus pais já deram a ordem e o delegado achou melhor.

— Vou conversar com ela. — Falei, Gustavo me olhou apreensivo.

— Tem certeza?

— Sim, preciso fazer isso.

— Tudo bem, irei com você. — Falou e eu apenas assenti.

— Vocês estão com a paciente Bruna Ávila de Albuquerque? — Olhei para a médica que veio falar conosco.

— Sim. — Falei rapidamente.

— Ela está na UTI, tivemos uma complicação no quadro dela, hemorragia interna por conta do ferimento da bala. Ela está respirando por aparelhos e está completamente sedada.

Eu tinha certeza de que meu mundo parou naquele momento.

— Ela vai ficar bem?

A médica me olhou com uma cara de pena.

— Não posso te dar essa certeza. — Ela está sendo monitorada nesse momento por uma junta médica. — Quando tivermos mais notícias entraremos em contato.

Então ela se virou e saiu.

— Meu Deus! — Falei e olhei para a Duda.

— Eu não vou suportar perder outra amiga. — Ela estava chorando. — Vai ser demais para mim.

Gustavo a abraçou e eu apenas fiz uma prece silenciosa.

Não suportaria também, era demais para um homem aguentar.



Dizem que vamos para a igreja é para pedir remissão de nossos pecados ou quando estamos desesperados.

Bom, eu estava desesperado.

Me sentei no último banco e apenas fiquei olhando para o altar, não sabia o que falar, não sabia o que pedir, nem se devia pedir.

— Está tudo bem, filho? — Olhei para o padre a minha frente.

— Não, não estou nada bem.

— Quer conversar sobre? Vejo uma grande angustia em seus olhos.

Olhei para ele.

— Por que Deus permite que soframos?

Ele me encarou e se sentou ao meu lado.

— Nem o próprio Cristo escapou do sofrimento, filho. O que houve?

— Há 10 anos eu pensei ter o casamento dos meus sonhos. Eu amava a Mariana, nosso casamento era perfeito, apesar dos pesares. Ela engravidou logo no início e foi uma felicidade, nosso primeiro filho, pais de primeira viagem. Então ela começou a sentir dores de cabeça, chegou a perder a consciência algumas vezes e o caso ficou mais grave quando ela teve convulsões.

— Eclampsia... — O padre sussurrou.

— Sim. — Suspirei e continuei meu relato. — Nossa filha nasceu prematura e com problemas de coração, fez cirurgias, mas

não resistiu. Na época minha esposa ficou desolada e foi aí que nossos problemas começaram. A perda da nossa filha fez com ela desenvolvesse esquizofrenia, em um grau alto. Tive que interná-la, após isso pedi divórcio, pois não suportaria ter que vê-la desse jeito, agindo como se nossa filha tivesse viva. Mesmo depois do divórcio ainda ia visitá-la, mas parei de vê-la há 6 anos. Devo ter ficado 10 anos sem me relacionar emocionalmente com alguém, apenas casos de uma noite em que eu mal sabia o nome da mulher que ocupava minha cama, então comecei a dar aula em uma universidade aqui em São Paulo e eu conheci a Bruna. Não queria me envolver com ela, ela é bem mais nova do que eu, mas a força dela, sua história, tudo me fez querer ter algo a mais, me envolver com minha aluna não estava em meus planos, mas quem somos nós para mandarmos no coração? Só que agora ela está em uma cama de hospital entre a vida e a morte, porque minha ex mulher teve um ataque e atirou nela.

Olhei para o padre e seu olhar era de compaixão.

— Tem medo de perdê-la. — Ele disse.

— Quem não teria? Eu já perdi tanta coisa, será que todos que se aproximarem de mim estão fadados a sofrerem? A Mariana

era uma mulher tão forte, decidida! Foi ficarmos juntos para essa loucura atingir sua cabeça. A minha filha nem chegou a viver um mês direito e morreu, e agora a Bruna, entre a vida e a morte, porque eu entrei na sua vida. Eu sou o causador de todo esse mal? De toda essa dor?

— Não é sua culpa, filho.

— Como pode afirmar? — Minha voz era carregada de dor, amargura e sofrimento.

— As coisas acontecem porque tem que acontecer, não carregue o peso do mundo em suas costas.

— Se a Bruna morrer me sentirei culpado pelo resto da vida.

— Se você tiver fé, Deus será misericordioso e dará a ela a chance de viver.

— Não sei se consigo. — Como eu poderia acreditar? Como eu poderia pensar que essa história teria um final feliz se toda vez que eu entrasse na vida de alguém essa pessoa sofresse?

— Consegue, quando estamos desesperados temos que nos apegar a algo filho, no seu caso se apegue a Deus, porque Ele é o único que pode fazer algo.

Não falei mais nada, apenas olhei para a frente.

Senti a mão do padre sobre meu ombro.

— Apenas tenha fé e tudo dará certo. — Ele se afastou.

— Todos a minha volta sofrem por minha causa, eu perco tudo que toco. — Sussurrei. — Deus, se a Bruna sobreviver, prometo me afastar dela para que ela tenha uma vida feliz, sei que ela irá encontrar um homem que não a faça sofrer e que ame cada detalhe dela. Não quero ser o responsável por causar dor nas pessoas que eu amo.



Capítulo 21

Fellipo

A maior prova de amor que se pode dar a alguém é afastar dela tudo que pode lhe causar mal, inclusive você, caso seja esse mal. Abrir mão de si pelo outro, isso sim é

AMOR.

Ana Caroline

Depois de 24 horas, que pareceram mais 2 meses, o médico falou que a Bruna já não corria mais risco de vida e um peso foi tirado das minhas costas, mesmo ela ainda estando sedada e precisando ficar na UTI, por pelo menos por mais dois dias, de acordo com o médico. Eu ia visitá-la regularmente, era como se eu me despedisse dela a cada visita. Toda vez que eu me lembrava da promessa, que eu me lembrava que teria que deixá-la, a dor me consumia de uma maneira inexplicável, não pensei que sofreria tanto.

Quando os efeitos dos sedativos passaram e ela acordou, foi transferida para um quarto, assim que fiquei sabendo corri para visitá-la, precisava passar todo o tempo possível perto dela antes de falar minha decisão.

—Estou tão feliz que estou com você de novo. — Disse, apertando minha mão.

— Mais feliz que eu impossível. — Falei para ela. — Deus é testemunha do quanto pedi para ele não te levar. Bruna, você não tem noção do medo que eu tive quando te vi naquele estado no elevador. Pensei que fosse te perder.

— Eu pensei que eu fosse morrer. — Ela tentava segurar as lágrimas. — Seria maluquice eu falar que cheguei a ver minha mãe? Que cheguei a conversar com ela?

— Não, você chegou em um ponto que não reagia mais a nada, só depois de um tempo voltou a reagir, naquele instante meu mundo caiu. Não queria que nada disso tivesse acontecido, foi minha culpa...

— Não é sua culpa. — Ela falou. — A Mariana agiu inconsequentemente.

— A Mariana é louca, se eu não tivesse com você isso não teria acontecido.

— Por favor, amor, não diga isso. — Ela pediu, sua voz era gentil, pareciam mel de tão doces, como eu posso ir embora e deixar essa mulher?

— Certo, não vou falar desse assunto agora, vou esperar você sair desse hospital e estar completamente recuperada para eu te contar essa história que deveria ter contado antes, mas...

— E eu deveria ter contado que fui noiva do Gustavo, mas as coisas não acontecem como nós queremos.

— Não mesmo. — Sussurrei.

— Com licença, pombinhos, mas a paciente precisa dormir.

— Já? — Bruna perguntou.

— Durma, meu amor, quanto mais você descansar mais rápido você fica boa.

Me levantei e beijei sua testa, mas antes de sair sua mão segurou a minha.

— Me promete uma coisa?

— Prometer?

— Sim, promete que não vai me abandonar.

Engoli em seco, não podia prometer isso, seria para o bem dela, apenas pro bem dela.

— Eu amo você, Bruna, lembre-se disso. Eu amo você como eu nunca pensei que eu fosse capaz de amar alguém.

Beijei sua testa e sai do quarto sem olhar para trás, Deus sabia como meu coração estava sangrando em fazer isso.



— Filho, tem certeza de que esse é o melhor caminho? — O padre perguntou quando lhe contei minha decisão.

— Tenho. — Suspirei. — Não tem nada que vai me fazer mudar de ideia nesse momento, por mais que eu ame a Bruna eu não quero ser responsável por fazê-la sofrer.

— Será que não percebe que se fizer isso ela vai sofrer ainda mais?

— Ela vai entender, sei que nós dois vamos sofrer, mas eu não vou suportar se outra coisa lhe acontecer, estou fazendo isso porque eu a amo.

O ouvi suspirar.

— Eu já dei todos os conselhos que eu podia, saiba que sempre que precisar de um novo pode vir me procurar.

— Eu sei, obrigado por isso.

Não sabia qual era o meu destino, nem o que eu deveria fazer, muito menos qual direção seguir quando eu colocasse um ponto final em meu relacionamento com a Bruna. Mas eu precisava partir, precisa ir embora.

Abri meu e-mail e reli uma mensagem que tinha recebido há dois dias, um convite para fazer parte de um projeto de pesquisa de um mestrado na Inglaterra, uma das minhas professoras adoraria me ter na equipe, não respondi de imediato por conta da avalanche de coisas que tinham acontecido, mas agora era hora de dar uma resposta.

Se eu tinha alguma dúvida do que eu queria fazer, esse convite me mostrou que eu estava no caminho certo. Respondi que adoraria ir fazer parte da sua equipe, só precisava de uns 20 dias para organizar minha saída do Brasil.

Antes que eu fechasse o e-mail, mais uma mensagem havia chegado, dessa vez da universidade de SP, informando que estava

dispensado do meu cargo de professor substituto, pois o Carlos havia se recuperado e estava pronto para voltar a dar aulas.

Não havia mais dúvidas sobre o que eu tinha que fazer.

Infelizmente fazer isso quebraria meu coração, mas era o certo.



Duas semanas depois

— Está bom assim? — Perguntei quando arrumei uma almofada para a Bruna no sofá.

— Está sim, obrigada, amor. — Ela se encostou e sorriu para mim.

Depois de duas semanas, ela havia recebido alta do hospital, como era teimosa quis ir direto para o seu apartamento e como uma boa mãe que sempre foi para a Bruna, Amanda resolveu morar com ela durante a recuperação, o que achei ótimo. Seria uma boa companhia.

— Você quer comer algo? — Amanda perguntou depois de entrar no apartamento e fechar a porta.

— Não, Amanda, pode ir descansar. — Ela falou.

— Está certo, minha menina, estarei no quarto, se precisa basta me chamar. — Amanda beijou sua testa e apertou minha mão, então sumiu em direção ao quarto.

— Estou sentindo você diferente. — Ela observou, me analisando cuidadosamente.

Ainda não tinha falado com ela, decidi esperar ela melhorar para termos essa conversa.

— Preciso conversar sério com você. — Falei, não dava para adiar mais, minha passagem para Inglaterra já estava comprada, já havia me desligado inteiramente da faculdade, precisava me desligar dela agora.

— Então vamos conversar, mas antes quero que saiba de uma coisa.

— O quê? — Perguntei, sentindo a maciez da sua mão sobre a minha.

— Nada, nem acidente, nem ex-mulher maluca, nem ninguém vai fazer o amor que eu sinto por você diminuir.

Respirei fundo, tinha que dar certo, era o melhor a se fazer.

— Carlos, seu antigo professor e orientador de TCC, se recuperou e já retornou para a universidade, ou seja, fui desligado.

— Isso é bom, eu acho. — Sua voz era incerta, me doía ter que fazer isso.

— Sim, ele é um excelente professor. — Falei.

— Não é isso que você tem para me dizer, prossiga.

— Fui chamado para participar de um projeto de pesquisa na Inglaterra.

Observei quando seu peito subiu e desceu em busca de ar, seus olhos me fitavam como se quisesse prever minha resposta ou tivesse medo da minha decisão.

— Isso também é ótimo. — Ela concluiu. — Afinal, você é um excelente profissional, tem n artigos publicados, não é estranho aparecer essas oportunidades.

— Sim. — Minha voz saiu inaudível.

— E o que você decidiu? — O silêncio tomou conta da sala, o ar ficou pesado e denso, podia escutar as batidas do meu coração perfeitamente.

Tum.

Tum.

Tum.

Tum.

Depois de um tempo me encarando ela abaixou os olhos e sussurrou.

— Acho que já sei qual foi sua resposta.

— Minha passagem está marcada para daqui cinco dias.

— Já?

— Já tem um tempo que aceitei. — Revelei.

— E só me contou agora porquê?

— Queria que estivesse melhor para saber.

— Claro, sempre preocupado com meu bem-estar. — Então ela me olhou. — Sabe como é difícil manter um relacionamento à distância?

— Sei, e é por isso que estou terminando com você.

Acho que não tinha como ser diferente.

Não tinha uma maneira de ser menos doloroso.

Não existia a porra de uma maneira de nos ferir menos.

— Você não pode estar falando sério. — Ela me encarava com lágrimas nos olhos e dúvidas pairavam sobre ela.

Como eu queria poder ir até ela e abraça-la, beijar suas lágrimas e dizer que ficaríamos juntos para sempre, mas isso teria consequências em algum momento, eu sei disso.

— Não. — Fui duro, precisava ser duro.

— Fellipo, a gente pode fazer isso dar certo, posso tentar ir com você, tranco o curso, posso tentar...

— Bruna, não! — Me aproximei dela e segurei seu rosto delicadamente. — Não vou permitir que pare sua vida por minha causa. Você vai terminar a faculdade, se formar e ser a pessoa mais feliz e bem-sucedida que eu conheço, você vai subir degraus que nunca imaginou, seu modo de pensar vai mudar empresas e chegar em ouvidos que você nunca imaginou.

— Mas você não vai estar comigo, não faz sentido me deixar!

— Você vai encontrar um novo amor...

— Não vou, eu quero você!

— Vai ser feliz, vai se casar, ter filhos...

— Fellipo, não...

— Eu sei disso, você tem um futuro brilhante...

— Eu quero um futuro ao seu lado! Dá pra entender? — Sua voz era de pura angustia, a cada palavra meu coração se quebrava um pouco e minha alma enfraquecia.

— Infelizmente, essa possibilidade não existe.

— Você não me ama mais é isso, não é?

— Não, Bruna, pelo contrário, tudo que estou fazendo é porque eu te amo!

— Quem ama não abandona! — Gritou.

— Existem sacrifícios que precisam ser feitos. — Sussurrei. Beije sua testa e me levantei.

— Você não pode me deixar, Fellipo, eu preciso de você!

— Não precisa, Bruna. Eu sei que você consegue seguir em frente.

— Não consigo, por favor, não me deixe. — Detectava o sofrimento em cada parte de sua voz, a dor, o desespero. Queria que fosse diferente e, porra, não queria abandoná-la.

Me abaixei de novo e olhei em seus olhos.

— Eu amo você, Bruna Ávila de Albuquerque, jamais esqueça disso.

Antes que eu mudasse de ideia deixei seu apartamento.

Deixei a Bruna.

Deixei meu coração.



Capítulo 22

Bruna

Depois de algum tempo, você aprende a diferença, a sutil diferença, entre dar a mão e acorrentar uma alma. E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança. E começa a aprender que beijos não são contratos e presentes não são promessas. E começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança.

William Shakespeare

Eu preferia ter levado outro tiro, preferia levar mais três tiros se fosse preciso, doeria menos.

Depois que o Fellipo saiu de casa e me deixou sozinha foi inevitável chorar.

— Meu Deus, minha menina, o que houve? — Amanda veio me abraçar.

— Acabou, ele me deixou por nada. — Sussurrei.

— Meu bem, talvez ele esteja apenas confuso. — Ela dizia enquanto acariciava meus cabelos.

— Não, não está! Ele já tem a droga de uma passagem marcada para a Inglaterra, Amanda, ele não está confuso. Que pessoa confusa decidiria sua vida há duas semanas e você é a última a saber?

— Bruna, talvez tenha uma...

— Não tem explicação, Amanda! Tudo que vivemos não passou de uma mentira? Ele nunca me amou? Só servi para ser seu brinquedinho?

Eu sentia raiva, indignação, dor. Tudo junto.

— Eu tenho que esquecê-lo. — Falei. — Pro meu próprio bem, eu preciso esquecer que ele existe.

— Nunca esquecemos um amor, Bruna, é impossível.

— Pois eu vou fazer se tornar possível, eu vou esquecer o Fellipo, para sempre.



Eu queria dizer que os dias se passaram com facilidade, ou que eu não tivesse pensado no Fellipo, mas mentir para mim mesma era pior. Sua imagem invadia meus pensamentos constantemente, ainda chorava durante a noite ou me pegava olhando o celular na esperança de ter alguma mensagem sua, mas era inútil.

Fellipo já tinha me apagado de sua mente, agora eu precisava apagá-lo da minha.

Voltar para a faculdade foi um desafio. Todos sabiam do meu relacionamento com o meu, agora, antigo professor. Sabiam que eu tinha levado um tiro e que nós dois tínhamos terminados. Os olhares curiosos que eram lançados a mim e os cochichos quando eu passava não eram imperceptíveis. Sabia que seria assim, mas não estava preparada como pensei que estivesse.

A aula acabou, e finalizei minhas anotações guardando minhas coisas em seguida, mas antes que pudesse fechar a porta, a voz do meu professor me deteve.

— Bruna, podemos conversar um minuto, querida?

— Claro. — Falei.

— Me acompanha em um café?

— Sem problemas.

Ele me deu passagem e caminhamos até a lanchonete da universidade.

— Estou bastante impressionado com tudo que li em seus relatórios dos últimos meses. — Ele falou depois que pedimos nosso lanche.

— Sêrio?

— Sim, você foi bem precisa em todos os pontos e salientou bem aspectos que poucas pessoas teriam coragem de mencionar.

— Obrigada.

— Também assisti sua palestra no Rio de Janeiro, devo dizer que a cada dia fico impressionado com sua desenvoltura, Bruna, você nasceu para essa área.

Sorri diante de tantos elogios, Carlos sempre sabia como me deixar sem palavras.

— Não sei como agradecer tantos elogios, ainda mais vindo de alguém como o senhor.

— Fellipo fez um excelente trabalho com você. — Fiquei calada em meio a menção do nome dele e soltei um suspiro

resignado. — Sinto muito, Bruna, havia me esquecido que vocês...

— Tudo bem, já passou, infelizmente não posso ficar sem escutar o nome dele, uma hora ia acontecer.

— Sinto muito minha querida, não imaginei que ele fosse quebrar seu coração.

— Acontece com as melhores pessoas. — Fiquei calada, mas depois fiz uma pergunta que surgiu do nada em minha mente.

— Na época que o senhor o orientou, ele já estava casado com a Mariana?

Ele tirou os óculos e segurou minha mão.

— Sim, fazia poucos meses que eles haviam se casados, estavam felizes.

— Fellipo a amava? — Eu gostava de me torturar? Com toda a certeza.

— Tem certeza que quer saber disso, Bruna?

— Por favor!

— Sim, Fellipo era completamente apaixonado pela Mariana, eles eram aquele casal que você tinha gosto de ver e torcia pela felicidade dos dois.

Encarei minhas mãos, já imaginava isso.

— Certo. Imaginei.

— Mas eu vi também o casamento deles se desgastar, Bruna, ainda mais depois que a Mariana perdeu o bebê.

Fellipo havia me contado a história inteira, ainda no hospital, e realmente fiquei chocada com a maneira como as coisas aconteceram e se desenrolaram a seguir.

— Ele não lutou. — Falei. — Ele não lutou nem por ela e nem por mim.

— Ele tem medo, minha querida, é um mecanismo de defesa dele.

— O mecanismo de defesa dele é se auto preservar enquanto eu sofro, ou outras pessoas sofrem? Não tem sentido, nem explicação que me faça pensar diferente.

— Dê um tempo para ele...

— Não quero dar tempo nenhum. Acabou, acredito que ele não vá voltar atrás em sua decisão e eu também não vou. Pra mim já chega e eu queria pedir, por favor, não toca mais no nome dele perto de mim, eu preciso esquecer.

Ele apenas assentiu.

— Como você quiser, Bruna.

— Obrigada.

Me levantei e saí do refeitório.

Eu viveria uma nova vida.

Seria uma nova mulher.

Esqueceria Fellipo Vitalle de uma vez por todas.



Fellipo

Eu só precisava fazer mais uma coisa antes de ir embora do Brasil.

— Não precisa fazer isso. — Gustavo falou, colocando a mão em meu ombro.

— Eu preciso, Gustavo. — Me virei para olhá-lo. — Não vou fazer nada de errado, te prometo.

— Acredito em você.

Voltei a encarar a porta e, criando coragem, girei a maçaneta e entrei.

Ela estava sentada na cama, havia um livro em suas mãos. Quando ergueu o olhar e me viu, sua expressão denunciou surpresa ao me ver.

— Fellipo...

Ela fechou o livro, mas permaneceu estática. Fechei a porta, peguei uma cadeira que havia ali e a levei até perto da cama, me sentando em seguida.

Encarei a mulher que um dia foi minha esposa e procurei dentro de seus olhos, um pouco da personalidade que ela tinha antes disso tudo acontecer.

— Eu sinto muito. — Foi tudo que eu consegui dizer.

— Não se desculpe por se afastar. — Ela falou. — Eu errei, eu errei muito e estou arrependida, se eu tivesse me cuidado mais...

Ficamos calados, eu queria que tivéssemos dado certo, queria dizer que nosso amor tinha valido a pena.

— Fellipo, me perdoa?

Seus olhos imploravam para que eu a perdoasse.

— Te perdono^[18], Mariana.

— Quero que seja feliz. — Ela estendeu a mão para mim.
— Me perdoe por ter atirado na Bruna, não era eu ali. Eu te juro que se tivesse acontecido o pior eu não me perdoaria jamais.

— Já passou, Mariana. — Beijei sua mão. — Apesar de tudo, apesar de todas as circunstâncias, eu não desejo o seu mal, quero que fique bem, quero que se recupere, quero que seja feliz.

— Vou tentar, prometo. — Ela puxou sua mão da minha.

Entendi que nossa conversa havia acabado. Me levantei e me virei para ir embora, mas sua voz me parou.

— Ti ho amato,^[19] Fellipo. — Me virei para encará-la. — Nada disso foi sua culpa.

— Eu sei.

— Não, eu te conheço. — Ela sorriu. — Não se culpe pelos meu atos, você sempre fez isso e sei que está fazendo de novo.

— Mariana...

— Se perdooe, me perdooe, só assim você vai ser capaz de ser feliz por inteiro.

Não respondi, fiquei mais alguns segundos olhando a mulher que um dia eu amei, a mulher com quem pretendia passar o resto da minha vida.

— Eu perdoo você. — Falei.

— E eu perdoo você, por tudo.

Assenti e me virei, dessa vez mais leve.

Infelizmente eu não podia voltar atrás na minha decisão, mesmo depois de tudo, eu não quebraria minha promessa.



— Ainda não acredito que você realmente não vai desistir dessa ideia. — Gustavo resmungava ao meu lado.

— Nós já conversamos sobre isso. — Falei.

— E você sabe que está errado, deveria sair desse aeroporto e ir implorar o perdão da Bruna.

— Minha decisão já foi tomada, não vou voltar atrás. — Me virei para ele. — Ela merece alguém que não a faça sofrer.

— E você é esse alguém. Fellipo, nada disso foi sua culpa. Nada! Você não tem o poder de controlar o destino ou o que irá acontecer com as pessoas ao seu redor.

— Mas enquanto eu estiver afastado saberei que ela está bem e isso me consola.

Nunca pensei que fosse doer tanto deixar a Bruna naquele estado, em seu apartamento. Precisei de todo meu autocontrole para não desistir.

Eu era a porra de um homem covarde, essa era verdade.

Por que o amor tinha que doer tanto? Parecia que quanto mais eu tentava me esquecer dela, mais ela tomava conta dos meus pensamentos.

Finalmente anunciaram meu voo. Me virei para o Gustavo e apertei sua mão.

— Me prometa que vai cuidar dela. Por favor.

— Lógico que eu vou cuidar, alguém precisa ajudá-la a se reerguer.

— Por favor, Gustavo. — Cada palavra dele era como um murro em mim.

— Já disse que essa é a pior merda que você está fazendo. Está fugindo do problema em vez de encará-lo de frente. Está sendo um filho da mãe covarde. Por favor, Fellipo, pense bem na merda que está fazendo enquanto estiver naquele voo.

— Só cuide dela. — Falei, ignorando tudo que ele havia dito anteriormente.

Era hora de recomeçar.

Esquecer a Bruna de uma vez por todas.

Eu podia fazer isso, sei que podia.

O problema era, eu não queria.



Capítulo 23

Bruna

E aprende que não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la, por isso. Aprende que falar pode aliviar dores emocionais.

William Shakespeare

3 Mês depois

Estava rindo da Duda, ela estava sendo, nas palavras dela, “obrigada” a trabalhar ao lado do juiz Arthur Brandão, para cumprir estágio. De acordo com ela, ele era a última pessoa na face da terra com quem trabalharia.

— Ele é terrível, Bruna, você não tem ideia! — Falou enquanto esperávamos o elevador.

— Sim, defina “Terrível”, Duda. — Pedi rindo dela.

— Está muito engraçadinha pro meu gosto. — Resmungou.
— Isso tem a ver com o Pedro?

Ela tinha um meio sorriso no rosto.

— Não! — Falei sorrindo também.

Pedro era meu novo “chefe” pode-se dizer assim, estava trabalhando como estagiária em uma empresa de balanceamento financeiro e ele era responsável por me mostrar como tudo funcionava. Tinha que admitir que ele era muito lindo e me deixava bem à vontade, sem contar que me fazia rir sempre que podia. Mas não passávamos de amigos.

— Deveria dar uma chance para ele.

— E você deveria parar de reclamar do Arthur e ir pra cama com ele, isso é tesão reprimido.

Ela fez uma careta, porém não retrucou e eu franzi o cenho, mas decidi ficar calada.

Meu problema não era o Pedro, ele era um verdadeiro príncipe. Mas eu ainda não tinha esquecido aquele maldito professor. Às vezes ele ainda invadia meus sonhos e algumas noites eu me pegava chorando por ele.

Era burrice, sei disso, mas eu não podia evitar.

Eu amo você, Bruna Ávila de Albuquerque, jamais esqueça disso.

Essas palavras não saiam da minha mente, por mais que eu tentasse esquecê-las.

Maldito envolvente professor!

Chegamos ao meu andar e abri a porta do apartamento enquanto a Duda mexia no celular com uma cara de quem queria matar alguém.

Entrei em casa e encontrei a Amanda andando de um lado para o outro.

— Amanda, está tudo bem? — Joguei minha bolsa em cima do sofá e fui até ela, ao me aproximar percebi que ela estava tremendo. — O que houve?

— Graças a Deus você chegou, minha menina! — Disse segurando minhas mãos.

— Amanda, o que está acontecendo?

— A atual esposa do seu pai ligou mais cedo.

Gelei.

Tinha meses que eu não tinha contato com ele. Ele não me procurou depois daquele almoço em que me encontrou com o Fellipo e eu não fiz questão de procurá-lo. Mas a esposa, essa me pegou de surpresa, não esperava ele ter se casado de novo. O fato era que ela tinha ligado e eu não imaginava o que ela poderia querer.

— O que ela queria? — Perguntei com cuidado.

Amanda respirou fundo antes de segurar minhas mãos e falar.

— Seu pai está internado no hospital, está entre a vida e a morte.

Prendi a respiração.

Pisquei algumas vezes.

Estava chocada, isso não era algo que eu pensava em ouvir. Me soltei da Amanda e me sentei no sofá.

— Bruna, você está bem? Sabe que não precisa ir até lá, não é? — Duda perguntou.

Mas eu estava sem fala. Droga, não conseguia pensar em nada.

— Bruna, minha menina. — Amanda se abaixou perto de mim. — Fale algo, por favor.

— O que ele tem?

— Infartou. Encontraram ele quase morto em seu escritório.
— Reprimi um soluço.

— Amanda, arrume uma pequena bolsa com algumas peças de roupas, algo para entorno de 2 a 3 dias. — Falei me levantando.

— Bruna, depois de tudo que aquele homem fez você ainda vai atrás dele? Ele te batia quando você era pequena! Meu Deus, chegou a te ameaçar há alguns meses.

— Duda, ele é o meu pai! E mesmo que ele tenha feito tudo que fez no passado, ele é a única lembrança da minha mãe. Eu já a perdi e agora ele vai embora também. Eu preciso entender tudo que aconteceu, ainda carrego feridas por ele ter feito o que fez, mas ele era um homem que estava marcado pela dor!

Olhei para a Amanda, ela estava em lágrimas.

— Amanda, o que foi? — Me aproximei dela e a amparei.

Ela me olhava, mas os soluços a impediam de falar, coloquei-a sentada no sofá e a Duda lhe entregou um copo com

água.

Depois de se acalmar ela acariciou meu rosto.

— Você precisa saber de toda a verdade, Bruna, antes de ir falar com o seu pai.

Franzi o cenho. Que verdade eu precisava saber?

Olhei para a Duda que estava estranhando tudo quanto eu.

— Se vocês quiserem eu posso voltar outra hora...

— Não. — Eu falei. — Fica por favor. Algum problema, Amanda?

— Não. — Ela tomou mais um gole da água e me encarou.

— O casamento dos seus pais nunca foi um conto de fadas. Desde o início, sempre foi algo manipulado, maquiado. Para a mídia era perfeito, Maria Fernanda de Ávila e Antônio Albuquerque, o casal perfeito e apaixonado. Mas só que os via por trás das câmeras sabia que ela era infeliz, que seu pai era alcoólotra, que eles viviam brigando e que mesmo que se amassem, o casamento deles já não era mais como foi no início.

— Amanda, onde está querendo chegar?

— Sabe que eu cuido de você desde que você era pequena, não é?

— Sim, devo muito a você. — Falei.

— Maria Fernanda queria engravidar, mas nenhuma gravidez vingava. Depois de 3 a 4 meses ela perdia o bebê, aconteceu umas 4 vezes. Ela estava ficando desesperada, seus pais já não dividiam o mesmo quarto, depois da última tentativa ela entrou em depressão.

Eu não sabia dessa história. O que estava acontecendo?

— Amanda...

— Me deixa terminar, por favor. Seu pai estava preocupado com o estado que a Fernanda estava, apesar de ter passado a beber mais que o normal. Um tempo depois ele passou a conversar mais comigo.

Milhares de ideias se passaram pela minha cabeça.

— Ele me falava que estava angustiado, a esposa não respondia aos remédios. Ele tinha bebido nessa noite, eu acabei o acompanhando e uma coisa levou a outra.

Já havia entendido, o famoso caso da empregada que teve um envolvimento com o patrão.

— Foi uma única vez. — Ela continuou. — Mas foi o suficiente...

— Suficiente para o quê, Amanda? — Minha mente já gritava a resposta.

— Mais de um mês depois eu descobri que estava grávida.

Ouvi um grito de surpresa vindo da Eduarda. Meu cérebro parou de funcionar.

— Amanda...

— contei para o Antônio e ele ficou surpreso, mas logo depois animado, ele queria um filho. Mas não é como se fosse ficarmos juntos, Antônio era casado, mesmo com a Maria Fernanda tendo todos os problemas que tinha, ele ainda a amava, mesmo com todas as dificuldades, eles ainda se amavam e eu fui apenas um caso de uma noite que não deveria ter acontecido.

— Amanda, pelo amor de Deus, fale de uma vez! — Implorei.

— Eu não tinha condições de criar um bebê naquele momento, eu estava cuidando dos meus pais, eles estavam doentes e debilitados, uma gravidez naquele momento seria como um tiro neles, eu era nova, inexperiente. — Ela fez uma pausa, seus olhos tinham lágrimas novamente. — Antônio conversou com a Maria Fernanda, contou o que tinha acontecido e eles vieram com a proposta. Eles cuidariam de mim durante toda a gravidez, me dariam auxílio e tudo que eu precisasse, mas eu teria que entregar meu filho para eles.

Foi naquele momento que eu perdi meu chão, tive que me sentar na mesinha atrás de mim e colocar as mãos na cabeça, respirando fundo. Toda a história veio em mim como uma avalanche de informações, eu não conseguia acreditar aonde ela estava tentando chegar, eu não queria entender que minha vida inteira havia sido uma mentira. Todos haviam me escondido a verdade, cresci pensando que era uma pessoa, quando na verdade eu era outra.

— Eu aceitei, somente o salário de doméstica não era o suficiente para cuidar da saúde de meus pais. Quando minha filha nasceu eles a registraram.

— Qual o nome? — Perguntei mesmo sabendo a resposta. Eu não a olhava mais, minha cabeça estava baixa e eu encarava o chão. A ouvi respirar fundo.

— Bruna Ávila de Albuquerque.

Me levantei e fui até a janela, precisava de ar.

— Por que? Por que não me contou? Por que escondeu todos esses anos?

— Você trouxe a vida de novo para Maria Fernanda, depois que você nasceu ela voltou a sorrir, sair de casa. Ela voltou a viver. Eu não tinha o direito de tirar isso dela. Até porque ela havia me deixado viver ali, cuidar de você também, apesar de você ser a filha dela, de chama-la de mãe, eu também criei você!

— Não estou acreditando! E depois que ela morreu, em? Por que continuou com esse segredo?

— Você era uma criança! Traumatizada pelo jeito que a mãe morreu, eu não tinha direito de interferir desse jeito!

— Como não?! Você é a mulher que me deu à luz, por que deixou que meu pai me batesse daquele jeito? Por que não fez nada?

Eu já estava gritando, o que eu mais queria era uma resposta. Será que eu não poderia ter uma vida normal?

— Eu tentei! Mas depois da morte da Maria Fernanda seu pai mudou, ele perdeu algo que ele amava. A bebida ficou mais constante, ele não era mais o mesmo. Eu tentei impedir, mas...

Ela parou e eu olhei para ela.

— Ele sempre foi mais forte do que eu e...

— Ele batia em você também. — Sussurrei.

— Sim, ele estava transformado.

Não acreditava nisso. Meu Deus, o que meu pai tinha virado?

— Minha mãe também apanhava?

— Não. Antônio só ficou desse jeito depois que a esposa morreu.

Ainda não entrava na minha cabeça, não entrava de jeito nenhum.

Respirei fundo duas vezes, eu precisava saber de toda a verdade. Precisava descobrir tudo, mas para isso eu teria que ir até o Rio de Janeiro.

Respirei fundo.

— Estou pronta para ir ao Rio de Janeiro.

— Como? — A Eduarda se manifestou. — Você está maluca? Falar com aquele monstro depois de tudo que ele fez? Bruna, você perdeu o juízo?

— Eu não vou ficar aqui depois de toda essa bomba cair sobre mim, Duda, você tem que entender, é a minha vida, minha história que está em jogo.

Ela veio e me abraçou.

— Vou com você.

— Não...

— Nem adianta negar, você não está em condições emocionais de viajar sozinha.

— Mas e suas aulas? O estágio?

— Foda-se meu estágio, depois eu me resolvo com o Arthur, você precisa de ajuda agora.

— Obrigada.

Me virei para olhar Amanda, ela não parava de chorar.

Ela era minha mãe e eu não estava acreditando nisso.

— Quando eu voltar nós duas conversaremos, eu preciso absorver essa história antes de mais nada.

— Eu esperarei, depois de anos poder dizer a verdade é libertador, eu realmente espero que possamos nos entender.

Apenas acenei com a cabeça e caminhei para o meu quarto, fechei a porta atrás de mim e chorei copiosamente.

Meu Deus, não sei o que fazer.



Capítulo 24

Bruna

Espero que desculpes os meus erros por favor

Nas frases desta carta

que é uma prova de afeição

Talvez tu não a leias, mas quem sabe até darás

Resposta imediata me chamando de meu bem.

A carta – Renato Russo

Estávamos no avião, a Eduarda sentada ao meu lado mexendo freneticamente no celular. Após alguns instantes ouvimos os avisos para os aparelhos serem desligados.

Eu não queria pensar muito sobre o ocorrido, então coloquei meus fones de ouvidos e fechei os olhos me entregando a um cansaço que eu nem sabia que estava sentindo.

Assim que o avião pousou, e nós passamos por todo trajeto até chegarmos na porta de desembarque, eu parei, literalmente

parei. Eu não sabia mais o que fazer dali para frente, não sabia se deveria ir direto para o hospital ou se deveria procurar um hotel, eu estava perdida.

Vendo que eu não saia do lugar, Duda veio ao meu encontro e segurou minha mão.

— Sei que está com medo, mas já estamos aqui, vamos colocar um ponto final de vez nessa história para que você consiga viver bem.

— Eu sei, mas é que estou com medo.

— Normal, Bruna, todos sentimos. Seria estranho se não estivesse.

— Obrigada por vir comigo. — Falei apertando sua mão.

— Sabe que pode contar comigo sempre que precisar, não é?

Sorri para ela.

— Sei sim.

— Agora vamos direto para o hospital. — Ela disse me puxando. — Terminar de vez com essa história Bruna.

Não falei nada, apenas segui seus passos decidida a colocar tudo em pratos limpos.



Assim que chegamos no hospital uma mulher de cabelos longos e ruivos se aproximou de nós.

— Você deve ser a Bruna. — Ela disse timidamente.

— Sim, você é?

— Laura. — Ela disse estendendo sua mão para mim. — Sou esposa do seu pai.

Ela era bonita, tinha traços delicados e o rosto vermelho indicava que esteve chorando mais cedo. Não conseguia acreditar que alguém teria chorado pelo meu pai. Na verdade, eu não conseguia acreditar que uma mulher como ela tivesse se casado com ele, ela era tão nova. Chutaria uns 24 anos.

— Como ele está? — Resolvi perguntar.

— Não reage, temo que ele não consiga resistir. — A dor em sua voz era notável.

— Eu posso vê-lo? — Perguntei e ela assentiu respirando fundo.

— Sim, ele está intubado, dormindo, só falarmos com os médicos responsáveis.

Fizemos isso e alguns minutos depois eu estava dentro da sala encarando o corpo do meu pai, ligado por vários aparelhos, um tubo de respiração em seu rosto. Me aproximei e vi sua afeição. Cansada, abatida.

— Eu só queria saber por que me fez sofrer tanto. — Falei, mas não obtive resposta. Como eu saberia a verdade se ele não podia falar? Não estava acordado e talvez nunca mais acorde.

Devo ter ficados uns 10 minutos na sala, quando vi que era inútil, saí.

Já do lado de fora, Duda esperava por mim junto de Laura, me aproximei e forcei um sorriso para as duas.

— Vamos? — Perguntei e Duda se levantou rapidamente.

— Sim, estava apenas fazendo companhia para a Laura.

— Obrigada por ter vindo, Bruna, se ele tivesse acordado seria importante para ele.

Não tinha tanta certeza assim, mas não expressei esse pensamento em voz alta.

— Você tem meu número, qualquer coisa me ligue. — Falei me virando para a saída.

— Bruna! — Ela me chamou e foi até sua bolsa, mexeu e mexeu até tirar um envelope de dentro e me entregar. — Seu pai me pediu para entregar isso a você, caso alguma coisa acontecesse a ele.

Olhei para o papel sendo entregue a mim, mas não o peguei imediatamente.

— Bruna, pegue. — Essa era a Duda, olhei para minha amiga. — Quem sabe não é aí que estão todas as respostas para suas perguntas.

Assenti, estendi a mão e segurei o papel.

— Obrigada, Laura.

— Não tem que me agradecer. — Ela sorriu fracamente.

Me virei, mas ela me chamou novamente.

— Bruna, — Olhei para ela. — Seu pai nunca me bateu ou levantou a voz para mim, eu o amava, o amo ainda. Só quero que

saiba disso.

Puxei o fôlego ao escutá-la e pisquei para controlar as lágrimas, balancei a cabeça e sai dali o mais rápido possível. Quando entrei no táxi, desabei.



No hotel eu encarava a carta como se fosse um animal peçonhento.

— Eu vou dar uma volta e deixar você com isso, qualquer coisa me ligue.

— Duda...

— Estarei a uma chamada de distância, Bruna.

— Não sei se tenho forças. — Murmurei.

— Tem sim. — Ela disse se abaixando e segurando minhas mãos. — Você é a mulher mais forte que eu conheço, passou por tanta coisa nesses últimos tempos, você merece saber toda a verdade e por mais que seja doloroso, a verdade liberta.

Suspirei.

— Você está certa, como sempre. — Ela sorriu e se levantou.

— Qualquer coisa me ligue.

Ela saiu e me deixou sozinha com a carta que poderia me revelar toda a verdade. Criando uma coragem que não existia em mim, peguei-a e abrindo-o em seguida, comeceia ler.

“Bruna, se você está lendo isso é porque algo de muito grave me aconteceu, pois pedi para Laura lhe entregar essa carta apenas com essa condição. Eu sei que me odeia, sei de todo o mal que causei para você, sua mãe e até mesmo para Amanda.

Existem muitas coisas que você não sabe, que foram escondidas de você durante todo esse tempo e eu quero lhe pedir, pedir não, implorar que leia essa carta até o fim.

Eu fui o homem mais apaixonado do mundo pela Maria Fernanda, ela era meu tudo. Nosso amor era tão grande que queríamos algo para mostrarmos isso ao mundo. Nos casamos e os primeiros anos foram maravilhosos, nossa felicidade era vista por todos. Mas depois de algum tempo, esse amor foi se apagando, pensamos que era a falta de um filho, então começamos a tentar uma gravidez, foram várias tentativas e todas deram certo, mas

quando chegava em determinada data, Maria Fernanda perdia. Isso a levou a um quadro profundo de depressão, com ela nesse estado eu me afundei na bebida como forma de tentar sair da tristeza que me encontrava por causa da minha mulher. Certa vez, eu tinha chegado do trabalho e estava irritado por conta da situação que não mudava, estava conversando com a Amanda e a chamei para beber comigo, depois disso apenas me lembro de acordar em sua cama. Se quiser, peça que ela conte essa história, o fato é que depois de um tempo ela veio me contar que estava grávida e que não tinha condições de criar a criança.

Foi nesse momento que fizemos a proposta para a Amanda, Maria Fernanda e eu cuidaríamos do bebê e o registraríamos como nosso, ela aceitou, mas Maria Fernanda a manteve na casa. Mesmo com a traição, vi os olhos da minha esposa se ascenderem novamente para a vida, havia tanto tempo que não via aquilo. Nosso acordo foi favorável, cuidamos de você, demos tudo do bom e do melhor. Com Maria Fernanda viva novamente, parei de beber e voltei ao que era.

Só que anos mais tarde um assalto tirou sua mãe e eu morri de vez para a vida. Sem ela eu não existia, sem ela eu não tive forças para me reerguer, sem ela eu virei um monstro.

Um monstro que acabou com sua infância, não espero que me perdoe, não tenho direito de te pedir isso, não tenho mais direito de me intrometer na sua vida, você já é uma mulher adulta, dona de suas próprias responsabilidades e sabe o que fazer.

Apenas peço perdão por não ter sido forte o suficiente para ser o pai que você precisava.

E, depois de anos vivendo a base de bebidas e sendo um homem que não sabia mais o que era sorrir, conheci a Laura, por ela eu comecei um tratamento após nosso último encontro no restaurante, não estou curado enquanto escrevo esta carta, mas já sou capaz de me controlar quando não estou com um copo de bebida na mão. Laura chegou na hora certa para me tirar da escuridão em que eu me encontrava, mesmo nosso casamento sendo algo estranho para você, mas ela mudou minha vida e eu mudei a dela, não de uma maneira ruim, mas de uma maneira que salvámos um ao outro. Nunca encostei um dedo nela, nunca gritei com ela, nunca a maltratei. Queria que a conhecesse, sei que se dariam bem e poderiam até serem amigas. Laura está grávida, depois de anos receber um presente desse realmente me deixou feliz, ainda está no comecinho, mas eu já me sinto o homem mais

feliz do mundo por isso, sei que ela vai superar minha morte e encontrar alguém que a ame mais do que eu amei.

Era apenas isso que eu tinha que te dizer.

Mil perdões, Bruna.

De seu pai, Antônio.”

Dizer que eu estava em lágrimas seria um absurdo, eu chorava de soluçar, chorava porque não tive o que outras pessoas tiveram, chorava porque não existia uma máquina do tempo que pudesse me transportar de volta ao passado. Chorava por meu pai, minha mãe, Amanda.

Meu Deus, eu estava quebrada, cada pedaço de mim estava despedaçado, destruído.

Só me acalmei depois que eu ouvi meu celular tocar, me levantei e o peguei, o número era desconhecido. Deslizei a tela, com minhas mãos tremulas e então, o levei até a orelha.

— Alô. — Falei baixo.

— Ele morreu! — O desespero na voz da Laura era evidente. — Ele morreu e me deixou, me deixou.

Meu celular caiu da minha mão e eu fiquei estática.

Apenas vi no momento que Duda entrou no quarto e gritou meu nome, depois tudo apagou.



Capítulo 25

Fellipo

*Somos responsáveis por aquilo que fazemos,
o que não fazemos e o que impedimos de fazer.*

Albert Camus

6 Meses depois

Minha cabeça estava explodindo, não aguentava mais olhar para o projeto em minha frente. Fechei os olhos e respirei fundo, eu tinha que entregar isso nessa semana ainda, mas quem disse que eu estava conseguindo me concentrar? Se eu pudesse eu batia no Carlos, mas não podia. Aí você se pergunta “o que um pobre senhor pode fazer para te deixar nesse estado?”. Simples, muito simples. Qualquer pessoa que tivesse me conhecido há cerca de uns 11 meses, saberia a resposta.

Minimizei o arquivo do projeto e ele apareceu, bem grande em minha tela de e-mail, gritando a data ali na frente e mostrando o

sorriso que eu queria ver todos os dias.

A formatura da Bruna já tinha dia e hora marcada e, juntamente com o convite, havia uma foto sua vestida de beca e com um sorriso lindo, um sorriso que eu sabia que era de orgulho de si própria por ter dado mais esse passo em sua vida, por ter alcançado mais um objetivo. Era um sorriso de vitória.

Suspirei, sentia a falta dela. Sentia tanto a falta dela que me doía a alma. Mas eu sabia que ela estava bem, que estava feliz e havia seguido em frente. Há uns três meses atrás eu quebrei minha promessa e em uma ligação para Gustavo perguntei sobre ela, precisava saber se ela estava bem, se estava feliz, se tinha seguido em frente.

“A Bruna está bem, Fellipo, decidiu seguir em frente e está namorando seu chefe de estágio. Está feliz, sorrindo novamente, enfim, acredito que ela tenha te esquecido.”

Após essa ligação eu vi que era uma incógnita fora dessa equação.

Mas não era isso que você queria, Fellipo? Meu cérebro perguntou. Era, era isso, e eu estava feliz por ela ter seguido em

frente, por isso eu decidi seguir também. A Bruna já havia me esquecido e eu precisava fazer o mesmo em relação a ela.

Uma batida na porta me tirou dos meus pensamentos.

— Entre. — Falei fechando o convite da Bruna. Margareth entrou com o seu costumeiro sorriso materno.

— Como vai, Fellipo?

— Vou bem na medida do possível. — Respondi — O que lhe traz ao meu escritório?

— Vim lhe chamar para almoçar, vamos todos juntos. Tem uns dias que você já está meio para baixo, a Lily tem percebido.

Suspirei, as coisas realmente poderiam ser mais fáceis para mim, mas não eram.

— Ela estará lá?

— Sim, sabe que ela não perde a oportunidade de reunir todo mundo.

— Estarei lá não se preocupe.

— Deveria conversar com ela, vai lhe fazer bem. Ela está preocupada, não só como namorada, mas também como psicóloga.

— Eu sei, eu sei e estou tentando, não se preocupe.

Ela sorriu fracamente.

— Estamos te esperando.

Assenti e ela saiu da minha sala.

Começar a me consultar com a psicóloga foi ideia dela, no começo eu relutei, mas por fim eu cedi, sabia que faria bem para mim e estava, apesar de tudo que aconteceu. Contei todos os meus traumas, medo, inseguranças. Contei o motivo de ter deixado a Bruna. Ela não me julgou, não me recriminou por ter deixado a mulher que eu amava. Apenas me ajudou a tratar esse medo que eu tinha, medo esse que me fez largar a mulher que eu amava para salvá-la de qualquer perigo eminente.

Lily era minha psicóloga. Linda, gentil, decidida, quando Margareth contou que ela era sua filha fiquei um pouco chocado, não pareciam. Foi a partir disso que fiquei a par de todos os meus medos, por isso liguei para o Gustavo, quando ele disse tudo aquilo sobre a Bruna, eu decidi que não interferiria em sua vida, deixaria que ela seguisse em frente e o que ficou no passado não deveria ser mexido.

Um mês depois, decidi trocar de psicóloga, pois comecei a sair com a Lily e nosso relacionamento foi avançando para algo

peçoal, como a clínica considerava antiético o relacionamento entre médico e paciente, optei por realizar essa troca, eu não imaginava que fosse chegar ao ponto em que estávamos hoje. Não que eu não quisesse, se estamos namorando foi porque eu pedi, só que eu não conseguia me imaginar ao lado de alguém que não fosse a Bruna e de repente a Lily chegou e mudou esse conceito. Ela era uma mulher única, que sabia o que queria e não media esforços para conseguir. Quando decidiu que queria ter algo a mais comigo, eu não menti quando disse que amava outra mulher, que meu coração pertencia a outra, mas ela me ganhou com seu jeitinho divertido e hoje tínhamos um relacionamento saudável.

As consultas me fizeram muito bem, mudei alguns conceitos que tinha sobre sentir a culpa por toda a tragédia que acontecia ao meu redor, hoje não sentia mais medo como no passado, aprendi a controlar, sabia que tudo que tinha acontecido não era minha culpa, já me conformava com isso. Estava bem, posso assim dizer.

Minha porta foi aberta, dessa vez sem batida anunciando, e a Lily entrou, com seu costumeiro sorriso sexy.

— Tive que vir buscar meu namorado. — Ela disse se aproximando de mim me beijando levemente nos lábios e se

sentando em meu colo.

— Estava quase saindo. — Falei acariciando seu rosto e lhe dando um sorriso.

— Eu sei, queria apenas ficar com você um minuto sem ninguém por perto.

Ela nem respondeu, apenas me beijou de um jeito que me acalma, um beijo que me levava a um nível de tranquilidade e paz, como sempre fazia quando nossos corpos estavam em contato.

— Vamos? — Ela disse se levantando. — Antes que minha mãe venha aqui.

— Vamos. — Me levantei, peguei minhas coisas e guardei, entrelacei nossas mãos e saímos em direção a recepção.



Só havia pessoas da empresa, Lily não era da empresa, comparecia porque Margareth era sua mãe, agora minha namorada e o pessoal gostava dela.

— Já ficou sabendo Fellipo? — Lauren se virou em minha direção.

— Sobre?

— Vamos chamar mais uma pessoa para o projeto, indicação do Carlos também.

— Que bom, fico feliz em saber que estamos progredindo.

— Falei. — E quem foi que o Carlos indicou?

— Bruna Ávila de Albuquerque.

Te garanto que se eu tivesse com algo na boca eu teria me engasgado, arregalei meus olhos e olhei para a Margareth, ela não sabia o nome da mulher com quem havia me envolvido no Brasil, ela só sabia que tinha alguém. Me virei para a Lily e seu rosto estava branco. Ela sabia, sabia porque já foi psicóloga.

— Carlos só tem elogios para essa menina, disse que ela seria um ótimo acréscimo no projeto.

— Ela já aceitou? — Margareth perguntou, eu não falava nada, havia perdido a capacidade de pensar e falar naquele instante.

Que grande irônia do destino, não? Eu estava fugindo dela e ela vai ser chamada para trabalhar justo ao meu lado.

— Ainda não mandei um e-mail, estou esperando a formatura dela que será dentro de alguns dias, então entrarei em contato.

— Com licença. — Lily saiu e Margareth me lançou um olhar questionador.

— Eu vou atrás dela. — Murmurei saindo da mesa.

Do lado de fora a encontrei encostada em meu carro.

— Lily, você está bem? — Era a droga de uma pergunta, mas era o melhor que eu podia.

— Em relação ao o que exatamente? — Ela disse. — Na possibilidade da ex namorada do meu namorado aceitar vir trabalhar na Inglaterra ou dele ainda sentir algo por ela?

— Lily, você não tem o direito de me julgar. — Falei.

— Eu sei disso! — Lágrimas escorriam do seu rosto. — Mas quer que eu faça o que?

— Não aconteceu nada Lily...

— Ainda. — Ela disse.

— Não significa que vá acontecer algo... — Eu estava mentido e ela sabia disso.

— Fellipo, você é apaixonado por ela desde que pisou no meu consultório para a primeira consulta, toda consulta você falava dela e mesmo estando comigo, você ainda não foi capaz de esquecê-la.

Suspirei, não podia enganar a ela desse jeito.

— Desculpe Lily, eu...

— Não, eu que estou te impedindo de ir atrás dela.

— Não...

— Fellipo, eu vi o convite de formatura dela aberto no seu computador. Não sei o que está esperando para ir atrás dela e dizer que ainda a ama.

— Não é assim que as coisas funcionam, ela está com outro, não vai querer mais nada comigo, ela pode... — Todas as possibilidades me aterrorizavam e me deixavam angustiado.

— Fellipo, me escuta! — Ela se aproximou de mim e segurou meu rosto. — Estou falando como psicóloga, pegue o primeiro avião para o Brasil, a procure e diga tudo que você quer dizer, tudo que me disse em mais de dez sessões e deixe a decisão do que fazer com ela, se ela tiver com outro tudo bem, mas vocês

precisam conversar, se ela não tiver com ninguém pode ser a chance da sua história ter um final feliz.

— Vai falar como namorada também? — Perguntei secando seus olhos.

— Ex-namorada. — Ela disse. — Como sua ex namorada eu estou morrendo de medo de vocês se acertarem, mas caso isso aconteça eu vou aceitar, pois você estará feliz. Se ela não quiser você, eu vou estar aqui te esperando e só vou me lamentar por ela ter deixado escapar um homem maravilhoso, mas a probabilidade da segunda opção acontecer é bem baixa.

— Lily...

— Vai logo, você tem um avião para pegar, eu explico para minha mãe. — Ela disse se afastando de mim, sua mão soltou a minha. — Fellipo, vai!

Beijeí sua testa.

— Você é a mulher mais incrível que eu conheço Lily, obrigada por tudo.

Estava sendo sincero, eu tinha metade das chances dela voltar para mim, mas eu tinha certeza de que ela não voltaria, mas eu precisava conversar com ela e colocar as cartas na mesa.

Entrei no meu carro e parti em direção ao aeroporto.

Seja o que Deus quiser.



Capítulo 26

Bruna

Agora está tão longe

Ver a linha do horizonte me distrai

Dos nossos planos é que tenho mais saudade

Quando olhávamos juntos na mesma direção

Aonde está você agora

Além de aqui dentro de mim?

Vento no litoral - Renato Russo

Sabe quando estamos com a sensação de algo vai acontecer, mas você não sabe o que é, nem o porquê de estar sentindo isso? Então, eu estava assim, era a droga de uma sensação que não me deixava a dias e eu estava ficando maluca com isso.

Desliguei o notebook e suspirei, passando as mãos pelo rosto.

— E esse olhar? — Levantei a cabeça e tomei um susto ao ver Pedro parado na porta do meu escritório, me observando com seu costumeiro sorriso.

— Que susto! — Falei me levantando e indo até ele.

Pedro fechou a porta e veio ao meu encontro, beijou meus lábios levemente e sorriu para mim.

— Vim perguntar se quer carona para voltar para casa.

— Eu combinei de sair com a Duda depois daqui. — Respondi mordendo o lábio e ele sorriu para mim.

— Entendi. — Disse me enlaçando pela cintura e me puxando para perto dele, sorri perante o gesto. — Vim te dar um beijo, estou indo para Santa Catarina hoje.

Franzi o cenho.

— Mas...

— Se está pensando na sua formatura, saiba que eu chego a tempo.

— Chega mesmo? — Perguntei, ele já havia me prometido que iria.

— Claro! Acha mesmo que eu vou perder esse momento tão importante para você? Jamais.

Sorri e ele me beijou.

— Vai ficar por aqui? — Perguntou depois de se afastar.

— Vou sim, tenho uns relatórios para terminar.

— Está certo então, eu já vou indo vou passar em casa para pegas as malas e vou pro aeroporto.

— Ta bom, me ligue quando chegar. — Pedi sorrindo.

— Sempre.

Ele me beijou mais uma vez e saiu do meu escritório. Respirei fundo e me sentei novamente.

Só que aquela angústia, aquela sensação de que algo ia acontecer ainda tomava conta de mim e não era nada relacionado ao Pedro.

Fechei os olhos, por que era tão difícil me apaixonar por ele? Ele era companheiro, amigo, divertido, sempre que preciso está comigo. Então por quê, simplesmente, eu não consigo me apaixonar por ele?

Infelizmente, eu tinha a resposta para essa pergunta. A resposta possuía olhos castanhos, sorriso contagiante e um maldito sotaque italiano.

Se eu havia esquecido Fellipo? Não mesmo, era impossível. Mas eu havia seguido em frente como ele tinha pedido, estava namorando e depois de ver uma foto dele em um site de fofoca acompanhado de uma mulher, ambos sorrindo na foto, decidi que era hora de começar uma nova história e dei uma chance para o Pedro, que era um homem maravilhoso, que me dava atenção e carinho.

Fui despertada dos meus pensamentos quando meu celular vibrou indicando uma mensagem, peguei o aparelho e vi o nome da minha mãe, deslizei a tela para ler a mensagem.

Mãe: Fellipo está de volta ao Brasil e veio procurar por você.

Meu celular caiu da minha mão e meus olhos se encheram de lágrimas automaticamente, eu tinha certeza de que não havia lido direito, peguei o aparelho do chão e reli a mensagem umas dez vezes. Não podia ser, não podia ser.

Merda de sexto sentido.

Eu juro que queria entender a reação do meu corpo, meu coração e minha respiração aceleraram, e minhas mãos ficaram trêmulas. Tive que ir até a janela em busca de ar.

Meu Deus! Não me deixe sentir abalada por ele novamente.

Mas já era tarde, eu estava mais que abalada. Por que ele voltou? Por que interferir na minha vida? Por que não podia me deixar em paz e ir viver a vida dele?

As lágrimas vieram.

Droga, odiava me sentir assim sempre que ele entrava em meus pensamentos.

Decidi ir embora, mandaria uma mensagem para a Duda no caminho. Tinha que ir para casa.

Enquanto o táxi dirigia não conseguia parar de pensar nele, era como se ele tivesse enraizado na minha mente e nem por nada sairia dela. Assim que eu coloquei os pés dentro de casa minha mãe veio me abraçar. Depois que descobri toda a verdade nós duas nos entendemos e assumimos a relação de mãe e filha, e eu estava adorando isso. Era mágico, ainda mais em momentos como esse.

— Mãe, porque ele veio?

— Não sei meu bem, deveria conversar com ele.

Balancei a cabeça negativamente.

— Não mesmo, não quero contato com ele. Nunca mais.

— Nunca diga nunca Bruna.

— Não posso, não tem como, a senhora viu a forma que eu fiquei quando ele foi embora. Eu não vou ficar do mesmo jeito, não adianta.

— Mas você não está namorando o Pedro?

— Sim.

— Então por que todo esse medo em relação ao Fellipo voltar para a sua vida? Vocês conversarem não significa que terão que voltar a ser um casal.

Me sentei no sofá e fitei o nada, ela tinha razão, por que eu estava tão preocupada? Eu estava pirando com a volta dele, era isso, estava maluca. Ele de volta não significa que eu vou dar uma chance para ele. Nem que eu estivesse solteira, Fellipo me perdeu quando me deixou a nove meses atrás.

— A senhora tem razão, eu estou surtando, apenas isso. Vou tomar um banho e dormir um pouco, estou cansada. Onde está

a Laura?

Sim, a viúva do meu pai veio morar comigo a meu pedido, pois queria acompanhar sua gravidez e seria bom para mim conhece-la melhor. Depois que meu pai morreu ela ficou abalada e quase perdeu o bebê. Não fui ao velório, nem ao enterro. Não o tinha perdoado e talvez nunca o faça, mas a Laura não era culpada pelos erros do meu pai, pelo olhar dela quando estava pensativa sabia que ela ainda o amava profundamente e fazia o possível para superar a dor da perda, ainda não sabia o que havia acontecido para eles se casarem, ela disse que não era uma história que valia a pena ser lembrada, então apenas deixava de lado.

— Foi caminhar um pouco, estava daquele jeitinho que ela fica quando está pensando em Antônio.

— Espero que ela melhore, qualquer coisa me chame.

— Pode deixar meu bem.

Beijei seu rosto e fui para meu quarto, ainda era cedo, mas eu me sentia como se estivesse passado noites sem dormir.

Queria dormir, mas me joguei na cama e chorei. Não sabia o motivo, apenas chorei.



Resolvi prender meu cabelo em um rabo de cavalo, passei uma maquiagem simples e coloquei um vestido social bege. Eu tinha uma reunião importante hoje, estava prestes a fechar um contrato importante, não podia deixar que as marcar de uma noite mal dormida se fizessem presente. Peguei minha bolsa e sai do quarto, minha mãe estava sentada no sofá tomando seu café e assistindo seu noticiário.

— Bom dia mãe. — Falei dando um beijo em seu rosto.

— Está indo aonde tão linda desse jeito? — Ela perguntou me beijando de volta.

— Tenho um negocio importante para fechar hoje no lugar do Pedro, como ele viajou me deixou com essa responsabilidade. Veio um integrante direto da Inglaterra para fechar o contrato. Pedro está à meses nessa negociação e finalmente eles decidiram fechar parceria.

— Que maravilha, vai dar tudo certo.

— Obrigada mãe, agora eu tenho que ir.

— Não vai me tomar café?

— Não mãe. — Falei indo para a porta. — Não desce nada de tão ansiosa que estou.

— Se acalme, vai dar tudo certo.

— Eu sei. — Sorri para ela e sai de casa.



Eu andava de um lado para o outro na minha sala, a proximidade da reunião me deixava apreensiva, eu esperava não entregar todo o trabalho que Pedro havia feito.

— Dona Bruna, o representante já lhe aguarda na sala de reuniões.

— Obrigada, Ana. — Falei pegando minha bolsa e caminhei até lá.

A cada passo que eu dava mais o meu coração acelerava, mais minhas mãos suavam e mais minha respiração ficava irregular, não sabia o motivo, talvez fosse nervosismo por estar a frente de fechar uma negociação importante, mas no momento que entrei na sala vi que não era, era um presságio do que aconteceria a seguir.

Eu não esperava vê-lo sentado à mesa de reuniões. Estava com a cabeça baixa, mas eu sabia que era ele. Não tinha como não saber.

Como se percebesse que eu estava ali ele levantou a cabeça e me olhou. Vi um filme passar em minha mente, tudo que vivemos, juras de amor, promessas, medo, insegurança e por último, mas não menos importante, ele indo embora e me deixando sozinha em meu apartamento.

Ele se levantou e caminhou até mim à passos lentos.

— Bruna... — Sussurrou quando parou a minha frente.

Foi automático, eu não pensei, não premeditei. Quando vi já tinha acertado um tapa em seu rosto que o fez virar de lado.



Capítulo 27

Fellipo

Agora eu vejo,

Aquele beijo era mesmo o fim

Era o começo

E o meu desejo se perdeu de mim

A cruz e a espada - Renato Russo

Eu mereci isso. Mereci mesmo. Voltei a olhá-la, seu olhar era de puro ódio.

— O que faz aqui? — Ela perguntou com raiva.

Respirei fundo e decidi ser profissional, naquele momento eu precisava ser, depois conversaria com ela.

— Acho que temos uma reunião para fazer. — Falei tentando soar tranquilo.

— Eu não tenho nada para fazer com você. Saia daqui.

— Precisamos assinar o contrato de parceria. — Falei ignorando o que ela dizia, voltei para o meu lugar e peguei os documentos que Margareth tinha me mandado por e-mail.

Pelo canto do olho a vi balançando a cabeça como se estivesse amaldiçoando o universo por ter que lidar comigo.

O que eu fiz? Pensei, mesmo sabendo a resposta para a pergunta.

— Por que está aqui? — Sua voz estava baixa e eu levantei os olhos para ela. Ela parecia... quebrada. Terrivelmente quebrada e meu coração se apertou com isso.

— Precisamos fechar a parceria...

— Não! Não é isso, você não viria apenas para isso. Amanda falou que você me procurou ontem, por que tudo isso?

— Vamos assinar logo esses papeis, depois nós conversamos...

— Não! Não quero saber de papel! Eu quero saber porque está aqui, por que voltou? Porque não me deixa em paz?!

Ela já estava gritando, as pessoas começavam a aparecer nas janelas que davam para a sala, mas eu pouco me importava.

— Bruna... — Estava tentando me manter calmo, mas ela não estava ajudando.

— É só isso que sabe falar? Meu nome? Pelo amor de Deus, você me destruiu, me quebrou, me largou porque estava com medo e agora se acha no direito de vir atrás de mim como se não tivesse feito nada?

— Eu sei que eu errei! — Gritei também. — Droga, eu fui o único culpado porque eu senti medo de te perder!

— Você me perdeu no momento que saiu do meu apartamento me deixando sozinha!

— Será que você pode pôr na sua cabeça tudo que eu vivi?

— Explodi. Pouco me importava com os olhares curiosos, ela que pediu para ter essa conversa aqui. — Eu vi minha ex-mulher perder nossa filha, o quanto ela sofreu, chorou por não poder criar a filha como tanto sonhou! Eu vi minha ex-mulher virar esquizofrênica, ficar louca, ter alucinações, sair de casa presa a uma camisa de força! Eu não tive força para lutar por ela, pelo nosso casamento, pelo amor que sentíamos, eu fui fraco, fui covarde! Passei anos da minha vida me restringindo ao trabalho, artigos científicos e casos de uma noite só, com medo de amar novamente e passar pelo mesmo

trauma do passado. Eu me apaixonei pela mulher mais linda e inteligente que tive o prazer de conhecer, que era minha aluna, eu vivi um amor que pensei ser impossível! Eu vi a mulher que amava quase perder a vida por minha causa, eu implorei a Deus que a salvasse, que não a deixasse morrer, porque eu não suportaria o simples fato de viver sem você aqui!

Ambos já estávamos chorando. Eu pensei que havia esquecido essa mulher, mas nada no mundo me faria esquecê-la.

— Mas você me perdeu, eu não estou com você. — Ela disse aos soluços.

— Eu pedi para Deus te salvar, se Ele te salvasse, se Ele deixasse você viva, eu iria embora da sua vida. Porque você merecia alguém que não a fizesse sofrer!

— Você não pediu a minha opinião, você simplesmente decidiu agir por conta própria. Tem noção de como eu fiquei? Tem noção de como eu tentei te esquecer? — Sua voz era desesperada.

— E você acha que comigo foi diferente? Acha mesmo que eu não passei o inferno longe de você? Acha que mesmo que eu não sofri também? Eu te amava! Eu te amo! — Gritei.

Amava essa mulher.

Amava mais do que minha própria vida.

— Seu amor não foi o suficiente para ficar e enfrentar os problemas ao meu lado.

Ficamos em silêncio, apenas nos olhando. Ela não parava de chorar e eu estava do mesmo jeito.

— Eu vim aqui porque comecei tratamento psicológico. — Falei um pouco mais calmo. — Eu achei que a gente poderia...

— Poderia o que? Voltar? Ficar juntos de novo? Acho que não Fellipo, eu não quero mais você na minha vida.

Eu sabia que existia essa possibilidade.

— Não me ama mais? — Falei baixo, mas ela ouviu mesmo assim.

— Eu amo. — Ela disse baixo, como se estivesse se dando conta disso agora. — Eu o amo demais Fellipo, mas eu não tenho forças o suficiente para te perdoar.

Caí sentado na cadeira. Ouvi o som de seus sapatos se afastando e levantei o olhar a ponto de vê-la olhar para mim.

— Me deixe em paz, esqueça que eu existo e viva sua vida.

No momento em que ela saiu da sala de reuniões eu me quebrei, eu perdi a mulher da minha vida.

E ela nunca mais voltaria para mim.



Bruna

Quebrada.

Muito quebrada.

Totalmente quebrada.

Completamente quebrada.

Ignorei o olhar de todos, eu só sabia chorar e soluçar, eu sentia uma dor insuportável. Como se alguém tivesse vindo e arrancado meu coração. Entrei na minha sala, fechei a porta e me encostei nela estava sem forças, eu não iria conseguir suportar. Deslizei até o chão e sentei, então eu gritei.

Eu gritei por que a dor era forte.

Gritei porque não conseguia suportar, eu precisava colocar para fora de alguma forma. Apenas chorar não estava resolvendo.

Eu só queria que parece de doer, queria arrancar do meu peito, arrancar da minha alma.



Não sei que horas sai da empresa, só sei que ignorei todos os olhares em minha direção, ignorei tudo a minha volta. Eu precisava ficar sozinha, precisava pensar.

Entrei em uma igreja que tinha ali perto e me sentei no último banco, eu não imaginei que ainda tinha lágrimas para derramar.

Não sabia que ainda tinha forças para isso.

Por que meu Deus? Por que temos que sofrer tanto com o amor?

Era só o que eu sabia perguntar, mas eu não obtinha nenhuma resposta.

— Porque uma jovem tão linda está em prantos desse jeito?

Olhei para cima e vi o padre me olhar de forma gentil.

— Eu... Eu...

— Se acalma minha filha, se acalme por favor. — Ele se sentou ao meu lado e colocou a mão sobre a minha. — Inspire e expire.

Fiz o que ele pediu e fui me acalmando.

— Agora me explique o que houve.

— Um amor do passado voltou.

— E você ainda o ama?

— Sim. — Sussurrei, como se fosse pecado confessar isso.

— E porque essa aflição toda? — Sua voz era suave.

— Porque não consigo perdoá-lo.

— Minha querida, se você o ama porque não pode perdoá-lo?

— Ele fez uma promessa de que se Deus me salvasse, ele iria embora da minha vida.

— Minha querida...

— Não... — Interrompi. — Ele me deixou, disse que não suportaria ficar comigo, me deixou sozinha em um dos momentos que eu mais precisei.

— Querida, olhei para mim. — Levantei os olhos e encarei o padre. — Sabe o que a bíblia fala sobre o amor?

— Não...

— *“O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se*

alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” 1º Coríntios 13:4-7.

— Eu não sei se consigo...

— Filha, se esse amor que você sentir for verdadeiro, você consegue.

— Obrigada. — Falei.

— Deus lhe abençoe minha filha.

— Amem.

Ele me deixou sozinha e eu olhei para o altar.

— Deus, me ajude a tomar decisão correta, por favor.



Alguns dias depois

— Você está linda, amor. — Pedro estava deitado em minha cama e observava eu me arrumar para a formatura.

— Obrigada. — Falei, sorrindo gentilmente para ele.

— Você é a formanda mais gata que conheço.

Gargalhei.

— Deixa de ser bobo. — Coloquei um par de brincos e me virei para ele. — Então?

— Se eu pudesse me casaria com você agora mesmo de tão linda que está.

Sorri para ele, era muito cedo para pensarmos em casamento, cedo demais.

Depois da conversa que tive com o padre eu melhorei, era como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas, me sentia aliviada. Não tinha conversado com ninguém a respeito do que aconteceu, Pedro soube de tudo pelos outros convidados, mas não perguntou nada e eu preferi assim. A Eduarda insistiu que eu conversasse com ela, mas me calei, não queria enchê-la com meus problemas sendo que ela já tinha os dela para lidar. Não contei para minha mãe, nem para Laura, apenas o padre sabia o que estado em que meus sentimentos se encontravam, criei o costume de passar na igreja todos os dias e confesso que gostava de conversar com ele.



Acho que nervosismo era pouco perto do que estava sentindo, era pânico. Era meu sonho? Sim. Mas isso não me privava de sentir um frio na barriga.

— Respira amor. — Pedro sussurrou em meu ouvido.

— Estou respirando, você já falou isso para mim umas dez vezes Pedro.

— Eu sei, quero saber se vai se acalmar desse jeito.

Preferi ficar calada.

Alguns minutos depois a cerimônia começou.

Estar ali realizando meu sonho, finalmente me formando naquilo que eu amo, que eu sempre quis para mim, era perfeito. Ter ali a minha família. Minha mãe, minha madrasta, meu irmãozinho dentro de sua barriga, minha melhor amiga, Gustavo, meu namorado. Todos ali contribuíram para que eu estivesse aqui hoje, sem eles eu teria desistido.

Quando meu nome foi chamado e eu subi no palco para pegar o diploma não pude deixar de me emocionar, ao pegar o diploma eu tive a sensação de dever cumprido. Ergui aquele canudo com um orgulho que não cabia dentro de mim, finalmente eu havia dado o primeiro passo de muitos outros que eu queria dar.

Foi no momento de tirar a foto com meu orientador que eu o vi, no fundo do palco, me olhando, seus lábios estavam repuxados em um sorriso fraco, mas eu sabia que ele estava orgulhoso de mim. Fellipo teve uma parte primordial na minha formação e em minha vida.

Sem ele eu não estaria aqui hoje realizando esse sonho.



Capítulo 28

Fellipo

Não há grandes dores, nem grandes arrependimentos, nem grandes recordações. Tudo se esquece, até mesmo os grandes amores. É o que há de triste e ao mesmo tempo de exaltante na vida. Há apenas uma certa maneira de ver as coisas, e ela surge de vez em quando. É por isso que, apesar de tudo, é bom ter tido um grande amor, uma paixão infeliz na vida. Isso constitui pelo menos um álibi para os desesperos sem razão que se apoderam de nós.

-Albert Camus

Não sabia que poderia me sentir tão orgulhoso igual quando ela segurou aquele diploma como se fosse um troféu. Eu sempre soube que ela conseguiria, nunca duvidei de sua capacidade ou do seu talento. Bruna tinha nascido para brilhar e esse era o pequeno passo para uma grande carreira em sua vida.

Quando ela me viu e me deu um pequeno sorriso, eu tive uma pontada de esperança de que talvez, algum dia, nós dois pudéssemos nos entender.

— Deveria falar com ela. — Olhei para o Gustavo que tinha aparecido ao meu lado.

— Acho que não, ela está feliz. Está com o namorado. — Mesmo sabendo que ela estava namorando e havia seguido em frente, um sentimento estranho tomava conta de mim. Ela estava feliz pelo que eu pude constatar, não cabia a mim estragar sua felicidade.

Depois da discussão que tivemos achei melhor me manter longe, mas não pude faltar a esse momento que sempre foi o mais aguardado por ela, o momento em que parte do seu sonho se realizaria.

— É só dar os parabéns Fellipo, não vai pedi-la em casamento.

Olhei para a Bruna, ela sorria lindamente para o homem que eu supunha ser seu namorado.

— Não, dê os parabéns a ela por mim. Estou indo embora.

— Vai pra onde? — Ele me olhou.

— Vou voltar para a Inglaterra.

— Vai mesmo deixá-la? De novo? Vocês nem conversaram.

— E nem sei se vamos outra vez. Nossa história acabou, eu fui um babaca por tê-la deixado, ela está agora com alguém que a valoriza mais do que eu fiz. — Falei a verdade, olhei para ele e sorri.
— Deixa eu ir, foi bom te rever.

Abracei meu amigo e sai do auditório da faculdade, logo na entrada encontrei o professor Carlos.

— Como vai, Fellipo?

— Muito bem e o senhor?

— Melhor impossível, já foi cumprimentar nossa graduanda?

— Pedi para deixarem meus parabéns, eu tenho que ir, tenho que voltar para a Inglaterra ainda hoje.

— Uma pena que não estejam juntos. — Ele lamentou.

— Tudo no seu tempo, Carlos. Agora tenho que ir, foi um prazer revê-lo.

— O prazer foi meu. — Nos cumprimentamos e saí em direção ao estacionamento.



Bruna

Cumprimentei todos os meus amigos e meus olhos procuraram por Fellipo, precisava falar com ele.

— Parabéns Bruninha, estou super feliz por você. — Gustavo veio me abraçar.

— Obrigada! — Ele me soltou no meio do abraço e eu estranhei, então ele sussurrou em meu ouvido.

— Ele já foi embora, está voltando para Inglaterra hoje, se correr você consegue alcançá-lo no estacionamento.

Ele se afastou e beijou minha testa.

— Obrigada. — Falei e lhe dei um beijo na bochecha. Me virei para o Pedro. — Preciso procurar uma pessoa, volto daqui a pouco.

Sa correndo antes de ouvir a resposta. Ao passar pela porta vi meu orientador.

— Parabéns mais uma vez.

— Obrigada. — Falei rapidamente. — O senhor viu o Fellipo passar por aqui?

— Saiu ainda agora, foi para o estacio...

— Obrigada! — Gritei enquanto corria até lá, o que não era fácil já que estava segurando a barra da beca e usando saltos altos.

Quando cheguei ao estacionamento eu parei, haviam muitos carros, comecei a procurar por entre eles, mas nada. Estava começando a me desesperar, foi aí que eu vi uma silhueta parada mais à frente.

Eu sabia que era ele, conhecia seu corpo e sabia reconhecê-lo a quilômetros de distância, apertei o passo e gritei:

— Fellipo! — Ele olhou para trás no exato momento que seu nome saiu de meus lábios.



Fellipo

Não acreditei quando ouvi sua voz, mas era ali caminhando em minha direção, me chamando. Fiquei imóvel até ela se aproximar completamente.

— Bruna...

— Oi.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas nos encarando com um milhão de coisas para dizer um para o outro, então tomei a iniciativa.

— Parabéns pela sua formatura, você merece.

— Obrigada. — Ela abaixou o rosto e colocou o cabelo atrás da orelha, então voltou a me olhar. — A nossa última conversa não foi das melhores.

— É. — Falei, ainda olhando-a.

— Eu te perdoo, Fellipo. — Ela disse depois de um tempo.

— Me perdoa? — Repeti sua fala, tentando saber se havia ouvido certo.

— Sim. Eu refleti em tudo que foi falado aquele dia e eu te perdoo por ter me deixado.

Um peso foi tirado das minhas costas. Ter o perdão dela era muito importante para mim, mais importante do que o fato dela voltar para minha vida, eu precisava saber que ela havia me perdoado para tentar seguir em frente.

— Obrigada por isso. — Falei, me sentia aliviado.

— Só espero que entenda que não vamos ficar juntos.

Eu sabia disso, sempre soube. Mas não queria admitir.

— Eu sei... — Falei.

— Você é o meu homem, só nos conhecemos no momento errado. Quem sabe um dia...

— Bruna, eu espero o tempo que for, nem que seja daqui a 20 anos, para ficar com você. — Falei e peguei sua mão levando-a até meus lábios, depositando um beijo calmo. — Eu amo você, nunca menti sobre isso. Nunca vou mentir sobre isso. Você é a mulher da minha vida.

— Eu também amo você, por mais que as circunstâncias não permitam que fiquemos juntos, mas meu coração sempre,

sempre vai ser seu.

Nesse momento eu a puxei para um abraço, um abraço que demonstrava todo o amor que eu sentia por ela e que sempre seria dela. Fiz questão de memorizar o seu perfume, a forma de seu corpo, as batidas do seu coração, a maneira como respirava, o modo como suas mãos me seguravam. Cada detalhe dela, cada mínimo detalhe que eu sabia que jamais esqueceria.

Eu só a soltei porque meu táxi buzinou anunciando sua chegada. Beije a sua testa.

— Amo você, Bruna Ávila de Albuquerque.

— Amo você, Fellipo Vitale.

Então eu a soltei e entrei no taxi, naquele momento eu deixei meu coração com ela, porque eu sabia que algum dia o pegaria de volta.

Não sabia quando, nem se seria logo. Eu só sei que algum dia eu teria a Bruna ao meu lado como minha mulher.



Bruna

No momento em que o táxi saiu do meu campo de visão, eu permite que as lágrimas escorressem pelo meu rosto. Eu não sabia se ficaríamos juntos de novo, não sabia o que o futuro reservava para nós dois, mas eu sabia que meu coração seria para sempre daquele homem, porque não existiria outro, por mais que alguém tentasse entrar em meu coração, seria impossível, porque no instante que o Fellipo entrou naquele táxi e foi embora, ele levou o meu coração com ele, e eu só esperava que em algum dia eu pudesse pega-lo de volta.

Deve estar se perguntando, por que você o perdoou? Ele te abandonou, te deixou sozinha quando mais precisava. Mas se tem uma coisa que aprendi durante esse tempo em que ficamos separados, é que temos que amadurecer, amadurecer sozinhos e por mais que o Fellipo tenha tido uma vida antes de mim, ele tinha traumas que carregava consigo mesmo e que precisavam ser tratados. Ele precisava de ajuda para se libertar do medo de viver.

Fellipo foi meu primeiro e unico amor, e na época que nos conhecemos e ficamos juntos eu não teria carga emocional o

suficiente para dar todo o apoio que ele precisava, eu teria feito com ele o que ele fez com sua ex-mulher, teria o abandonado.

Perdão tem haver com deixar livre, não pensar mais, não guardar magoas ou ressentimentos, tem haver com se livrar de qualquer dor que associe você a essa pessoa.

Eu perdoei o Fellipo porque ele é o homem da minha vida, perdoei porque em algum momento da nossa vida nos encontraríamos novamente, perdoei porque não saberia viver com esse sentimento de dor e abandono.

Eu perdoei porque o amo profundamente e esse fato ninguém nunca, jamais, em tempo algum iria conseguir mudar.

O amor é sentimento mais lindo que o ser humano é capaz de sentir, e eu amo tanto aquele homem que sou capaz de perdoá-lo mil vezes se fosse preciso, por que quem ama tudo suporta, desde que a outra pessoa suportasse também, e eu sabia que ele suportaria.

Eu o amava e ele me amava, isso bastava.



Capítulo 29

Bruna

O que é para ser deve acontecer no tempo certo, grandes amores se perdem muitas vezes por não saberem esperar. Esperar a hora certa para o primeiro: BEIJO, o primeiro: SEXO, o primeiro: EU TE AMO e o primeiro: EU TE PERDOO. Grandes amores são vividos todos os dias, mas para se viver para sempre é necessário tempo e o tempo CERTO.

Ana Caroline

1 Ano Depois

Ainda não conseguia acreditar no e-mail a minha frente, sem dúvida seria uma grande responsabilidade.

— Não sei o que você está esperando para aceitar. — Pedro perguntou, cruzando os braços em frente à minha mesa.

— Acha que é uma boa?

— Eu acho que é uma ótima, Bruna.

Encostei na cadeira e suspirei. Eu sabia muito bem que projeto era esse, mas não sabia se deveria aceitar.

— Já se passou um ano, você não acha que é tempo demais? — Ele tinha um ar questionador.

— Pedro, eu não sei se estou pronta...

— Está com medo? — Ele se aproximou da minha cadeira.

— Sim, e se nunca tiver sido para ser, eu e ele. — Dúvidas rondavam minha cabeça.

— Você só tem uma maneira de descobrir e ela chegou em forma de um convite para trabalhar na Inglaterra.

Mordi o lábio e soltei o ar vagorosamente, encarei novamente a tela do notebook e depois voltei a olhar para ele.

— Você está certo. — Me posicionei em frente ao notebook e digitei a resposta para Margareth.

Reli umas dez vezes e apertei enviar.

— Vai dar certo, boneca. — Pedro beijou minha testa e deixou minha sala.

Nós dois terminamos nosso namoro uma semana depois da minha formatura e decidimos manter a amizade, confesso que

somos melhor assim do que como namorados.

— Espero que esteja certo. — Murmurei depois que ele saiu da sala.



Alguns dias depois

Meu voo estava atrasado.

Tinha como eu ficar mais nervosa? Talvez só o fato de não saber o que esperar quando eu chegar na Inglaterra, apenas isso. Coisa simples.

— Se continuar apertando os dedos assim, vai ficar sem as mãos Bruna.

— Estou nervosa Pedro.

— Normal, mas vai dar certo. Se ele não quiser nada com você estarei aqui te esperando. — Piscou para mim.

Revirei os olhos, não existia a mínima possibilidade de voltarmos a namorar e ele sabia disso, mas adorava me irritar com o assunto.

Então meu voo é anunciado.

— Vai lá minha filha, boa sorte. — Minha mãe falou.

— Se eu voltar com meu coração partido promete me ajudar a reconstruí-lo?

— Sempre, minha menina. — Ela disse passando a mão pelo meu rosto.

— Vai lá e agarra aquele professor! — Duda me falou e eu sorri para ela.

— E você deveria agarrar um certo juiz isso sim. — Provoquei, pois sabia que era o seu “calcanhar de Aquiles” esse assunto.

— Não fala isso nem brincando, pelo amor de Deus! — Sorri do exagero dela. — Boa sorte.

Fui abraçar Gustavo.

— Acha que vai dar certo?

— Ele ainda te ama, então tenho certeza que sim.

Sorri para ele.

— Obrigada.

— Só seja feliz. — Ele disse.

— Serei.

Então mandei um beijo no ar e segui em direção ao embarque.

Seja o que Deus quiser.



Fellipo

Eu olhava para o bebê a minha frente e não sabia o que fazer exatamente com ele.

— Fellipo é só trocar a fralda! — Lily gritou do banheiro.

— Eu sei! — Eu não sabia, não sabia para onde ia aquele negócio, muito menos como funcionava. Enquanto isso Henry olhava tudo com os olhos arregalados

— Coloca talco para não ficar... — Ela apareceu colocando o brinco, mas parou ao olhar para minha situação.

— Meu Deus, Fellipo. — Ela falou me tirando dali. — Uma fralda, não consegue trocar uma fralda?

— Eu não aprendi isso na faculdade, Lily!

— Me vê fazendo isso sempre. — Então ela olha para o bebê. — Quem é o garotão da mamãe? Quem é? Quem é? Achou!

Ela fazia graça e o menino apenas ria.

— Ainda está de licença, porque precisa ir hoje?

— Porque sim.

Ela pegou o Henry no colo e me entregou o bebê que parecia gostar muito de ficar no meu colo.

— Ele é todo seu hoje.

— Lily... — Falei, tentando descobrir o que ela estava tramando.

— Vamos logo.

Eu não tinha muita opção a não ser obedecer. Prendi o bebê na cadeirinha do carro e me sentei no banco do motorista, a Lily ocupou o banco ao meu lado. Chegamos na empresa e a Lily colocou Henry no carrinho, ele só sabia sorrir para seu brinquedo.

Entramos na empresa e seguimos para o décimo andar. Quando chegamos ali, Margareth estava conversando com uma mulher, eu não sabia quem era já que ela estava de costas para mim.

— Que bom que vocês chegaram, queria apresentar para vocês o novo membro deste projeto. Bruna Ávila de Albuquerque.

Então ela se virou e meu coração deu um pulo, um pulo não, um salto e caiu de paraquedas em um abismo. Eu não sabia que tinha como ela ficar ainda mais linda.

Sabe quando você sente que nenhuma outra mulher ocupa o lugar de alguém quando o amor é verdadeiro? Pois é, nenhuma mulher, ao longo desse último ano, foi capaz de me fazer sentir o que apenas a Bruna conseguia e ainda consegue despertar em mim.

Uma avalanche de sentimentos me invadiu, amor, saudade, medo. Meus olhos estavam presos nos dela, como se tudo e todos que estavam na sala tivesse sumido de repente. Era como se tivéssemos sido transportados para um mundo apenas nosso.

— Bem-vinda, Bruna. — Lily entendeu a mão para cumprimentá-la, queria saber esconder minhas emoções iguais a ela. Lily sabia exatamente quem era a Bruna e eu sabia que ela não estava surpresa por vê-la aqui.

— Obrigada. — Ela desviou os olhos dos meus e retribuiu o cumprimento.

— A Bruna aceitou nosso convite e quero que ela fique a par de todos os projetos aqui dentro. — Margareth falou.

Eu ia falar alguma coisa, mas o choro de Henry chamou nossa atenção. Fui até o carrinho e o peguei.

— Calma, garotão. — Falei balançando-o. Olhei para as mulheres, Lily e Margareth me olhavam com um sorriso no rosto e Bruna tinha várias perguntas estampadas em seus olhos.

— Incrível como ele só se acalma com você. — Margareth veio pegá-lo do meu colo. — Mostre a empresa para a Bruna, por favor.

Lily se aproximou de mim.

— Sua chance, não desperdice. — Ela sussurrou.

— Você sabia...

— A ideia foi minha, depois conversamos. — Me deu um beijo no rosto e seguiu para o escritório da mãe.

Bruna tentava olhar para qualquer canto, menos para mim.

— Vamos? — Perguntei chamando sua atenção.

Ela assentiu e eu comecei andar e percebi ela me seguindo.

Parecíamos dois estranhos, estávamos calados enquanto caminhávamos pelos corredores, mas eu não podia negar as reações do meu corpo enquanto andávamos lado a lado. Estava com medo do que poderia acontecer daqui para a frente, estava com medo dela não querer ficar ao meu lado.

Você nem sabe se ela veio com essa intenção.

Ignorei minha mente que escolhia a hora errada para se manifestar.

— Lindo seu filho. — Ela soltou e eu parei em sua frente para observá-la. Definitivamente mais linda, eu estava ferrado.

— Henry não é meu filho. — Falei e vi a confusão em seus olhos.

— Não? Mas... — Ela estava tentando entender e eu sorri de leve.

— Não, ele é filho da Lily, a mulher que estava comigo.

— Ela não é...

— Minha namorada? Não, ela apenas uma amiga muito querida.

— Mas...

— É uma longa história, apenas saiba que eu e Lily não temos nada agora e que o filho dela não é meu.

— Não tem nada agora, mas já tiveram. — Não adiantava mentir.

— Já, já tivemos, mas não temos nada agora.

Ela voltou a andar e eu a segui.

— Lindo aqui... — Falou olhando para a visão que tínhamos pela janela do prédio.

— Sim, isso é verdade.

— Não sabia se deveria ter aceitado esse trabalho. — Ela mudou de assunto e me olhou de relance.

— Por que?

— Estava bem no Brasil, meu emprego era bom...

— Seu namorado não deve ter ficado feliz. — Falei, me lembrando do cara de sua formatura.

— Pedro e eu terminamos há um tempo.

Isso despertou minha curiosidade.

— Sêrio?

— Sim, não dávamos tão certo como eu imaginava. — Me aproximei dela, bem devagar.

— Eu fico feliz que você tenha aceitado o convite da Margareth.

— Eu...

— Bruna, me deixa falar. — Pedi, eu precisava ser direto, estava sentindo sua falta, fiquei esse tempo inteiro com vontade de ir atrás dela, porém respeitei sua decisão e não me intrometi em sua vida, mas droga! Eu precisava saber se ainda tinha espaço para mim em sua vida, porque se a resposta fosse não, eu não suportaria ficar aqui ao lado dela vendo-a todos os dias, sentindo seu perfume.

— Fale. — Seus olhos estavam presos ao meu e minha vontade era de acordar todas as manhãs ao seu lado apenas para serem a primeira coisa que visse no dia.

— Eu fiquei um ano, um ano sem ter notícias suas, me controlando todos os dias para não ir atrás de você, porque você me disse que não era hora de estarmos juntos. Eu entendi, mas isso não significa que eu tenha parado de te amar, que eu tenha te esquecido ou que eu não desejasse ter você ao meu lado. — Segurei seu rosto entre minhas mãos e vi seus olhos marejados. — A verdade é que nunca deixei de te amar e a prova disso é a maneira que fico quando vejo você, meu coração dispara, tenho vontade de tomar você em meus braços e gritar aos quatro cantos do mundo que você é minha e que eu te amo. Eu amo você, Bruna, e eu tenho certeza de que se passar 1000 anos sem que estejamos

juntos, quando eu te ver novamente será a mesma coisa, porque quando a gente ama, a gente nunca esquecemos.

— Eu amo você. — Proferiu, sorrindo entre as lágrimas que banhavam seu rosto. — Eu passei um ano pensando em você, pensando em tudo que aconteceu, em tudo que vivemos. Quando surgiu essa oportunidade eu agarrei com todas as forças, mesmo morrendo de medo que você tivesse me esquecido, estivesse com outra. Eu amo você e não quero nunca mais que você saia do meu lado, quero construir minha vida com você, quero construir nossa família. Quero envelhecer ao seu lado.

Contornei seus lábios com meu dedo e observei cada traço seu, o formato da boca, o desenho dos olhos, a forma como sua respiração estava irregular.

Minha.

Ela era minha e eu faria questão de que todos soubessem disso.

A soltei e me ajoelhei na sua frente segurando sua mão.

— O que está fazendo? — Ela perguntou e olhou para o lado. Sim todos estavam assistindo, mas foda-se, eu não iria perder mais tempo sem ela ao meu lado.

— Bruna Ávila de Albuquerque, você aceita se casar comigo?

Ela arregalou os olhos.

— Tão rápido?

— Eu passei um ano longe de você, eu não vou suportar mais um minuto sequer. Eu preciso de você igual preciso do ar para respirar, então Bruna? Você aceita se tornar minha esposa?

Ela sorriu e foi o sorriso mais lindo que eu vi em toda a minha vida.

— Eu aceito, mil vezes aceito! — Eu não tinha anel mais depois providenciaria isso. Me levantei e tomei seus lábios para mim, de uma maneira que eu sonhei fazer por um ano, sentindo seu sabor, sua delicadeza.

Fomos aplaudidos por todos, me afastei apenas a tempo de vê-la sorrir.

— Te amo. — Sussurrou.

— Eu te amo.

Voltei a beijá-la.

Então me lembrei de uma frase que o padre me disse em uma das mensagens que trocamos semana passada.

O amor tudo espera.

E valeu a pena esperar, como valeu.



Epílogo

Bruna

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profecia, saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei.

Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará.

1 Coríntios 13

1 Ano depois

O amor tudo sofre.

— Mais força, um pouco mais de força, está quase vindo.

Coloquei toda a força que ainda restava dentro de mim e empurrei.

— *Ahhh!!*

— Ainda não veio, vamos lá Bruna, eu sei que você consegue. Sei disso. — O médico tentava me animar, mas eu estava esgotada.

— Não consigo. — Murmurei.

— Consegue sim, vamos lá. Você me disse a mesma coisa no meu parto e eu vou dizer para você agora, não desista, força e empurra esse bebê para fora. — Laura falou ao meu lado e segurou minha mão para me dar coragem.

— No 3 Bruna. — O médico disse. — Um. Dois. Três, agora!

Então eu fiz toda a força que eu ainda tinha dentro de mim, então eu ouvi o choro mais lindo no mundo.

— Parabéns mamãe. — Laura disse para mim e eu sorri para ela.

Em seguida veio uma enfermeira e me mostrou minha filha, tão linda e tão pequeninha. Beijeí sua cabeça.

— Bem-vinda, Manuela. — Falei sorrindo para o bebê mais lindo que eu já tinha visto.



— Olha quem chegou... — Minha mãe falou e Fellipo entrou correndo no quarto.

— Graças a Deus está tudo bem com você, ele beijou minha testa e minha mão sem seguida.

— Já viu nossa menina? — Perguntei sorrindo.

— Lógico, ela linda igual a mãe. — Sorri e ele beijou minha testa novamente.

— Você está bem?

— Estou sim. — Falei me ajeitando na cama. — Só cansada, mas bem.

— Hoje você me deu o maior presente que um homem poderia ganhar. Obrigada por isso, meu amor. — Ele beijou minha testa mais uma vez e meu sorriso para ele aumentou.

— Espero que você se contente com esse presente meu bem, porque não sei se vou te dar outro não.

Ele gargalhou com a frase, mas era verdade. Outro filho só daqui há uns dez anos.

— Te amo. — Beijou meus lábios e se deitou na cama do hospital comigo.

— Também te amo. — Falei e logo em seguida peguei no sono.



1 Mês depois

Eu estava emocionada, minha filha estava linda. Eduarda sorria ao segurá-la e na hora que o padre derramou água sobre sua cabeça ela chorou.

Enxuguei minhas lágrimas e bati palmas junto com todos.

— Fico muito feliz por vocês dois. — O padre falou quando fomos agradecê-lo por tudo.

— Nós também. — Fellipo falou beijando minha testa, a Manu estava adormecida em meus braços.

— Vocês merecem mais do que nunca todas as bênçãos sobre a vida de vocês.

— Amém. — Falamos juntos.

— E ainda quero realizar o casamento de vocês. — Ele falou sorrindo e eu sorri junto.

Não, não tínhamos nos casado, mesmo ele já tendo feito o pedido.

— Vamos esperar a Manu crescer mais um pouco e depois pensamos na história do casamento. — Fellipo falou. — Mas que é o senhor que vai realizar nosso casamento, não tenha dúvidas.

Ele sorriu, nos abençoou e saiu.

Fellipo pegou a bolsa da Manu e nós dois caminhamos para fora da igreja.

Naquele momento nada poderia me fazer mais feliz, eu tinha o homem que eu amava ao meu lado, tinha minha filha. Não sei se teria como esse momento ficar perfeito.

Mas assim que eu sai da igreja e vi meus amigos segurando cada um uma letra eu vi que estava enganada. As letras formavam a frase.

“Casa Comigo?”

Olhei para o Fellipo e ele estava ajoelhado com uma caixinha na mão.

— Dessa vez eu estou com um anel. — Ele disse piscando para mim.

— Bobo. — Sorriu

— Aceita se casar comigo. — Perguntou.

— Todos os dias se for preciso. — Respondi.

Eduarda apareceu e pegou a afilhada no colo, então Fellipo deslizou o anel pelo meu dedo e se levantou me beijando.

— Te amo. — Ele sussurrou contra meus lábios.

E eu sorri, voltando a beija-lo ao som de aplausos e assobios.

Nunca imaginei ser tão feliz, mas o destino sempre nos surpreende.

E de uma maneira totalmente diferente do que planejamos.

Fim

NO PRÓXIMO LIVRO...

Meu Juiz Envolvente

Livro 2 – Série Envolvente



Prólogo

Eduarda

Te amo odeio, mas mesmo assim quero você

Só você pra me ganhar com o olhar

Curtindo até me perco te dou direito de me achar

Briga, separa, quebra a cara e volta

Ver que um sem o outro a vida é tão sem graça

Suíte 14 – Henrique e Diego com MC Guimê

5 anos antes

Estava nervosa? Com certeza, não apenas porque eu iria para o estágio dos meus sonhos, mas também porque estaria ao lado de um dos mais conceituados juízes de São Paulo.

Minha professora havia conseguido o melhor estágio para mim, junto com um juiz chamado Arthur Brandão. Pelo que pesquisei sobre ele era um dos mais requisitados para casos

estaduais, como grandes crimes, direitos empresariais, civil, de família, penal etc. enfim, em outras palavras, ele era *foda*.

Guiei meu carro para dentro do estacionamento do Tribunal de Justiça Estadual de São Paulo e respirei fundo, antes de pegar minha bolsa e sair do carro em direção a entrada.

Era uma grande oportunidade e eu sabia disso. Trabalhar aqui acrescentaria muito no meu currículo e em minha carreira como advogada. Trabalhar ao lado do juiz Arthur Brandão era o sonho de qualquer estudante de direito, afinal o homem tinha uma carreira impecável, era conhecido por sua postura impassível dentro dos tribunais, apesar de ter apenas 33 anos, sim pesquisei sua vida, exercia sua profissão como se tivesse mais idade. Era assim que eu queria ser um dia, queria exercer minha profissão de maneira que eu pudesse ser reconhecida por minha impecável postura profissional, por ter mérito e sabedoria ao defender um caso.

Entrei no prédio e vi todas aquelas pessoas andando, uns falando ao celular outros conversando entre si. Estar ali dentro me fazia sentir como se estivesse no mesmo patamar que eles, mesmo que eu ainda fosse uma mera estudante da área.

Por um minuto, me senti como eles.

Balancei a cabeça e caminhei até a recepção.

— Bom dia, meu chamo Eduarda Medeiros e estou aqui para ver a senhora Marta, secretária do juiz Arthur Brandão.

— Bom dia, ela já até ligou para saber se você tinha chagado, só ir para o décimo quarto andar, ela estará te esperando.

— Me entregou uma credencial e eu segui para o elevador.

Se eu dissesse que estava calma estaria mentindo, estava tão nervosa que minhas mãos suavam e meu coração estava disparado. Assim que o elevador parou no andar indicado respirei fundo e sai vendo uma mulher sorrir ao me ver.

— Você deve ser a Eduarda, sou Marta. — Ela me abraçou,

— Olá, Marta. — Retribui seu abraço.

— Vou te mostrar o prédio enquanto esperamos o Arthur chegar, ele pegou um engarrafamento na vinda para cá e por isso está um pouco atrasado.

— Entendo. — Falei. Não sei se estava aliviada ou não por não precisar conhecê-lo agora. Acho que meu nervosismo maior era por conta disso.

Após conhecer cada canto daquele andar, Marta disse que precisava fazer umas ligações e eu podia ficar à vontade enquanto Arthur não chegava. Enquanto esperava o senhor Juiz aparecer, decidi tomar um café, precisava me acalmar de algum jeito e acho que essa seria uma boa maneira.

Me servi e fui andar pela recepção enquanto ingeria aquele líquido perfeito.

Estava admirando a vista, perdida em vários pensamentos, que me desliguei do que acontecia em minha volta, não ouvi quando o elevador anunciou que alguém estava chegando.

— Está perdida?

Me assustei tanto com a voz que virei de uma vez e acabei esbarrando no homem atrás de mim fazendo assim derramar o café, que ainda estava no copo, em sua camisa branca perfeitamente passada.

— Meu Deus. — Foi a única coisa que eu consegui sussurrar.

— Tem noção do que você fez? — O homem perguntou e eu me irei com seu tom de voz. Levantei o olhar para ele e vi Arthur

Brandão em minha frente com um olhar incrédulo, mas mesmo assim o enfrentei.

— Como assim “noção”? Foi um acidente, poderia acontecer com qualquer um. — Falei.

— Acredito que se estivesse prestando atenção não teria acontecido esse acidente.

— Se você não tivesse falado comigo, eu não teria derramado café em você. — O que deu em mim? Não faço nem ideia, afinal o homem que estava em minha frente era um juiz renomado e eu estava discutindo com ele.

Eduarda, onde está o seu juízo?

Boa pergunta.

— A culpa é minha então?

— Deveria. — Falei. Já comentei que não tenho filtro entre meu cérebro e a boca? Pois é.

— Olha aqui...

— Olha aqui você — Falei apontando o dedo em sua cara.
— Quem pensa que é para falar nesse tom comigo? Está se

achando só porque é um dos melhores juízes do estado? Me poupe, pensei que fosse mais humilde.

Ele estava pasmo com minha ousadia.

Eu estava pasma com minha ousadia.

— Você sabe com que está falando garota?

— Sei sim, com um babaca idiota metido a juiz que acha que pode tratar mal as pessoas porque as coisas não saíram do jeito que planejava.

Acho que das duas uma, ou ele não sabia como rebater a minha fala ou só não o fez porque fomos interrompidos.

— Algum problema, Arthur? — Marta perguntou, não devia estar entendendo nada do que via. A cena deveria ser no mínimo cômica para quem assistia.

Uma estudante de direito e um juiz poderoso se enfrentando porque ela derramou café em sua roupa. Parecia até piada.

— Nenhum, Marta. — Ele disse sem desviar os olhos de mim. — Apenas me arrume outra camisa porque houve aqui um *acidente* — Tratou de frisar bem essa palavra,

— Certo, mas tem certeza de que está...

— Marta, agora!

— Sim. — Ela disse e saiu nos deixando sozinho.

— Que esse seu *acidente* não se repita. — Ele disse, assim que a Marta saiu.

— Você sempre é arrogante assim? — Revirei os olhos.

— E você sempre derrama café nas pessoas? — Revidou minha pergunta.

— Idiota.

— Petulante. — Ele disse e saiu antes que eu o ofendesse ainda mais.

Apenas depois que ele saiu do meu campo de visão me permiti respirar.

Eu era totalmente louca, o que tinha dado em mim? Mas eu não o deixaria falar comigo daquela forma nem se fosse presidente da república. Tinha certeza de que se fosse uma das minhas colegas de faculdade teriam recuado e ficado com o rabinho entre as pernas, eu não vou negar, Arthur era o homem mais falado por elas por causa de sua beleza e, pude comprovar hoje, que não era pouca, mas eu não me deixava levar por um rosto bonito, não

mesmo. Se ele pensava que podia falar comigo assim apenas por conta do cargo que tinha, iria mostrar para ele que comigo o buraco é mais embaixo, como dizia minha mãe.

— Menina, o que você disse que o deixou tão irritado? —
Marta veio perguntar.

— Eu o deixei irritado? — Falei sorrindo. — Ponto para mim, então.

— Não brinque com fogo criança, você pode se queimar.

— Ele começou, agora aguenta.

Ela apenas me olhou como se não acreditasse no que estava acontecendo.

— Vamos lá. — Ela disse se virando, mas antes acrescentou. — Quando Arthur descobrir que você é a estagiaria dele vai ter um ataque.

Marta não errou, se Arthur pudesse matar com um olhar eu não estaria aqui para contar essa história.

Eu mostraria para o juiz Arthur Brandão que ele não mexia com Eduarda Medeiros e ficava por isso mesmo. Faria questão de que meu nome ficasse registrado em sua memória, assim ele

pensaria duas vezes antes de descontar sua raiva ou seja lá o que fosse nas pessoas.



Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter permitido que essa história fosse escrita, sem Ele nada disso teria acontecido.

Minha família, por me dar todo o apoio necessário quando precisei, amo vocês.

Primeiramente agradeço minhas amigas autoras que estão comigo desde o início, obrigada a A.G Moore, Amy Campbell, Nana Valentttine e Natalia Oliveira, vocês fazem parte dessa realização tanto quanto eu, obrigada por sonharem junto comigo.

Agradecer a minha amiga Josi, por sempre ter apoiado as minhas ideias, por mais loucas que fossem. Obrigada por estar sempre comigo.

Aninha, por sempre estar comigo, seja ouvindo minhas loucuras, novas ideias, obrigada por ser minha amiga e por estar nessa caminhada ao meu lado. Obrigada por escolher cada música, frase e por criar algumas citações desse livro.

Valéria e Thaynara, minhas betas e revisoras, obrigada por terem amado esse conto tanto quanto eu, vocês são muito especiais

em minha vida!

Minhas meninas nos grupos do *WhatsApp*, obrigada por sempre me acompanharem, sei o quanto estavam ansiosas por este livro.

E, por último, obrigada você, leitor, que embarcou nessa história e se emocionou com esse casal!

Escrever Meu Envolvente Professor foi algo totalmente novo, mergulhar na história do Fellipo e da Bruna, mergulhar na história deles e descobrir seus segredos foi ótimo. Que venham os próximos lançamentos.

Juju Figueiredo



Sobre a Autora

Juju figueiredo, pseudônimo de Alice Lima, tem 20 anos, estudante de Tecnologia em Analise e Desenvolvimento de Sistemas. Apaixonada por romances e pela escrita. Escreve desde os 14 anos de idade, porém só se aventurou a publicá-los quando tinha 17 anos. Publicou seu primeiro livro na Amazon, Apenas mais um CEO, em março de 2019. Possui mais obras completas e sendo escritas na plataforma wattpad.

Pagina da Autora:

<https://www.facebook.com/autorajujufigueiredo//>

Instagram: <https://www.instagram.com/autorajujufigueiredo/>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/JujuFigueiredo23>

E-mail: autorajujufigueredo@gmail.com

Grupo no facebook:

<https://www.facebook.com/groups/346303215867738/?ref=bookmarks>



Outras Obra

Apenas Mais Um CEO

Duologia CEO – Livro 1



Sinopse

Se você pensa que essa história é sobre um CEO que descobre o amor pela primeira vez, está muito enganado.

Mathew Thompson já amou. Entregou seu corpo, sua alma e seu coração para uma única mulher. Mas o tempo, o destino e a vida são traiçoeiros. E em questão de segundos, aquilo que diziam ser para sempre acabou. Sendo enterrado para sempre dentro de dois corações eternamente feridos.

Anos se passaram e Mathew se tornou apenas mais um CEO arrogante e mulherengo. Todos que conheciam Mathew Thompson intimamente, sabiam que a vida havia lhe tirado o único motivo para viver. E a forma que encontrou para se proteger foi construir um muro entre seus sentimentos e o mundo.

Seu corpo não mais lhe pertencia, era de todas com quem passava suas noites.

O destino mais uma vez decidiu brincar com sua vida, mas poderia um homem, completamente destruído pelo amor, amar novamente?

Um CEO em busca do amor

Duologia CEO- Livro 2



Sinopse

No passado, Mathew e Cassie viveram a história de amor que todo casal queria viver, mas uma decisão errada os separou e com isso ficaram sem ter notícias um do outro por 10 anos.

Em uma noite, Mathew se encantou pela maneira exótica e sensual que Megan dançava e ambos foram tentados a se entregarem em uma noite de descobertas e prazeres.

Porém quando o destino resolve entrar em ação e começa a colocar as cartas na mesa, verdades são descobertas e vidas pagam o preço e foi o que aconteceu.

Mathew mais uma vez está desolado e busca o caminho para a redenção de todos os seus erros.

Cassie está em busca de perdão, redenção e, quem sabe, de um novo amor.

Megan luta por sua vida.

Para que as coisas sejam colocadas em ordem, para que todos possam seguir seus caminhos é preciso mexer no passado e o passado é sempre complicado de lidar, porque pode fazer sentimentos enterrados, ou até mesmo esquecidos, virem à tona.

No último livro da duologia CEO, conheça a verdade por trás do passado de Cassie Tanner, saiba para quem Mathew Thompson vai entrar entregar seu coração e descubra se Megan Tanner terá uma segunda chance de voltar a vida.

Simplesmente Amor

Trilogia Recomeços – Livro 1



Sinopse

A vida muda do dia para a noite, em um piscar de olhos. Em um dia Júlia estava feliz, na faculdade dos sonhos, com pais amorosos e vivendo bem. Em outro ela se viu em um meio um mar de problemas que jamais pensaria enfrentar.

Uma gravidez inesperada a faz tomar uma decisão a qual ela pode se arrepender profundamente.

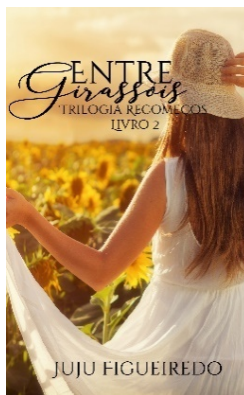
Fernando havia perdido a vontade a vontade de viver, a vida o tinha castigado de maneira monstruosa.

Mas o destino colocou um anjo em sua vida, um anjo tão lindo a qual ele tentará salvar a todo custo.

Simplesmente amor trata de perdão, relacionamento, perdas e o amor, amor mais profundos que duas almas podem sentir.

Entre Girassóis

Trilogia Recomeços – Livro 2



Sinopse

Laura tinha apenas uma prioridade em sua vida: sua filha.

Desde que ficou viúva não pensou em se relacionar novamente, se apaixonar era a última coisa que passava pela sua cabeça.

Afinal, quem iria querer uma mulher viúva, com uma filha de quatro anos e um passado um tanto conturbado?

Mas quando o destino quer, os pequenos imprevistos do dia a dia trabalham para que você conheça sua alma gêmea.

William não acreditava em amor à primeira vista, destino, alma gêmea e até mesmo o amor era algo duvidoso.

Mas algo na ruiva de olhos verdes, sorriso encantador, que pararia o mundo por sua filha, o fez questionar esse pensamento.

Podemos nos apaixonar à primeira vista? Podemos descobrir que o amor existe?

Um homem que não acreditava no amor.

Uma mulher que não pensava em se relacionar.

Uma confissão feita em um campo de girassóis.

-
- [1] Boa noite garota. Durma bem.
- [2] Meu amor
- [3] Minha querida
- [4] Linda é pouco para definir sua beleza agora, meu amor
- [5] Meu amor
- [6] Mais linda do que eu posso imaginar
- [7] meu anjo de luz.
- [8] Fellipo, minha vida não tem sentido sem você
- [9] nossa história acabou há muitos anos, Mariana.
- [10] Apenas me dê mais uma chance, por favor.
- [11] Eu não posso, Mariana.
- [12] Eu te quero, Fellipo.
- [13] Meu Deus, Mariana, o que você fez?
- [14] Perdão
- [15] Perdoe-me por não ser uma boa esposa.
- [16] Por favor, não quebre meu coração.
- [17] Tenho medo de quebrar seu coração também.
- [18] Te perdoo.
- [19] Eu te amei.